

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

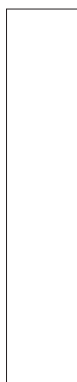
Arquitectura e Transcendência

Um projecto para o Caminho de Santiago

Hugo Miguel Valente Gomes

M

2018



Hugo Miguel Valente Gomes

Orientador: Prof. Dr.º Arq.º Carlos Adriano Magalhães Macedo Prata

Co-Orientador: Prof.ª Dr.ª Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal Pelayo

Faculdade de Arquitectura Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

2018

Por opção do autor, esta Dissertação de Mestrado não foi redigida segundo o novo acordo ortográfico. As citações apresentadas encontram-se, na sua maioria, no idioma original, quando necessário, traduzidas livremente pelo autor, estando devidamente referenciadas.

Agradeço;

À minha família;

Aos meus amigos;

Ao professor Carlos Prata e à professora Raquel Pelayo pela orientação dedicada, a constante disponibilidade e pela partilha de conhecimento.

Obrigado.

ARQUITECTURA E TRANSCENDÊNCIA

UM PROJECTO PARA O CAMINHO DE SANTIAGO

“Coimbra, 27 de Dezembro de 1977.

SÍSIFO

*Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.*

*E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar
E vendo,
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.”*

(Torga, 2011, p.20)



1| Vila do Conde; Caminho Português da Costa: Arquivo Pessoal.

RESUMO

Reflexão e autoanálise da experiência *in loco* da realização de um dos caminhos a Santiago, em que a sua conclusão resulta na criação de um novo conceito, uma nova experiência espacial, social e cultural através da reinterpretação de conceitos, função e funcionamento implícitos dos lugares onde pernoitei, com a intencionalidade de projectar um lugar distinto no percurso.

A finalidade é a de cativar e criar impacto em quem nele habita. Voltar às origens, ao vernáculo, mostrar o valor das coisas simples e com isso conseguir que o banal se torne em algo transcendental.

Penso que tudo o que nos surpreenda, que tenha impacto no íntimo do nosso ser, que decerto modo crie uma rutura nas nossas experiências vivenciais rotineiras, origina no fundo uma interação mais sagaz dos sentidos e transforma-nos tendo sempre em conta que tudo depende de múltiplos factores sendo o estado de consciência de cada individuo o ponto fulcral para atingir esse fim .

O objetivo é criar, através de uma construção arquitetónica, estímulos subtis de modo a provocar uma “consciência sensibilizada” no utilizador. Conceber uma construção onde os pequenos pormenores e detalhes, sejam eles construtivos ou espaciais, forneçam como resultado a capacidade de nos conectarmos com a essência do transcendental. Citando a máxima atribuída a Mies Van Der Rohe, “Deus está nos detalhes”. Portanto, a transcendência pode ser uma questão de saber ver e sentir.

ABSTRACT

Reflection and self-analysis of the *in loco* experience of the realization of one of the ways to Santiago, in which its conclusion results in the creation of a new concept, a new spatial, social and cultural experience through the reinterpretation of concepts, function and implicit functioning of the places where I spent the night, with the intention of projecting a different place in the course.

The purpose is to captivate and create impact in those who live in it. To return to origins, to the vernacular, to show the value of simple things and thereby to make the banal becomes something transcendental.

I think that everything that surprises us, that has an impact on the innermost part of our being, which creates a rupture in our everyday life experiences, originates in the background a shrewder interaction of the senses and transforms us considering that everything depends on multiple factors being the state of consciousness of each individual the focal point to achieve this end.

The goal is to create, through an architectural construction, subtle stimuli in order to provoke a “sensitized conscience” in the user. Design a building where the small peculiarity and details, whether constructive or spatial, provide the ability to connect with the essence of the transcendental. Citing the maxim attributed to Mies Van Der Rohe, “God is in the details”. Therefore, transcendence can be a matter of seeing and feeling.

A estrutura do tem como referência a base estrutural de um dos trabalhos de Alberto Carneiro:
Operação estética em Vilar do Paraíso,1973.

I INTRODUÇÃO

A importância de um “caminho” p.19

II FORMAÇÃO DOS CAMINHOS A SANTIAGO

Explicação bíblica p.27

III A IMPORTÂNCIA DO COSMO; DAS ESTRELAS E DO SEU ENTENDIMENTO

Explicação histórica p.37

IV PROSPECÇÃO, LEVANTAMENTO E SELECÇÃO p.51

V MARCAÇÃO, INTENCIONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO p.61

Intenção p.65

Implantação p.69

Natureza p.81

Percursos, Fluxos, Acessibilidades p.85

Forma p.97

Materialidade p.99

Escala, Proporção, Harmonia p.111

Imaginar = Liberdade = Simplicidade = Qualidade p.119

Transcendência p.123

VI PROJECTO p.135

Problemas, Patologias, Considerações p.137

Desenhos técnicos p.162

VII CONCLUSÃO p.199

Referências bibliográficas p.204

Referências iconográficas p.211



2| Entre Tui e Redondela; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.

I

INTRODUÇÃO

A importância de um “caminho”

“A vida, por mais vulgar que pareça ser, por mais que dê a ideia de se satisfazer com coisas triviais e quotidianas, nunca deixa de se ocupar atentamente, ainda que em silêncio, de certas exigências superiores e de procurar os meios necessários à respectiva satisfação” (Goethe, 2000, p.259).

Começamos todos de igual forma, porém, no final, o impacto e o significado que nos provoca é extraordinariamente diferente em cada um.



3| Entre Redondela e Pontevedra; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.

Durante este percurso dos Caminhos de Santiago, vivenciámos vários momentos que nos provocam múltiplas sensações físicas e psicológicas que nos fazem questionar. A intensidade e singularidade destas experiências vivenciais tornam difícil a sua compreensão, e de certa forma quantificá-las enquanto experiência. Conseguir traduzir e expressar estes momentos através da linguagem escrita ou verbal acresce, a par da própria experiência, um grande valor simbólico, pois só assim se obtém uma melhor compreensão sobre essas experiências, sobre a realidade existencial das coisas, as suas essências, contribuindo para a nossa evolução enquanto ser no mundo, ou mais abrangentemente, como ser no Cosmos.

“«Era o que tão bem expressava Michael Bockemuhl ao falar de Rembrandt e da sua pintura: «Transformava a compreensão intelectual do quadro na sua percepção visual». Ou, com maior clareza ainda, Stefan Zweig em O mistério da criação artística: «Pois a maior virtude do espírito humano consiste em procurar tornar compreensível a si mesmo o que à primeira vista lhe parece incompreensível»” (Baeza, 2013, p. 12-13).

Também Terence McKenna diz-nos que, “A natureza sintáctica da realidade, o verdadeiro segredo da magia, é que o mundo é feito de palavras. E se sabes as palavras de que é feito o mundo, podes fazer dele o que quiseres.” (Silva, 2014, *World In A Sentence* tradução feita pelo autor).

Este tema de dissertação surge como meio para tentar compreender e transmitir, através do poder e da magia das palavras, esta experiência espacial, corporal, mental, física e metafísica, que existe tanto neste percurso como na Arquitectura. Como refere Juhani Pallasmaa, “A arquitetura está profundamente envolvida com as questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte” (Pallasmaa, 2011, p.16).



4| Swing, por La cabeza en las nubes: Cultura Inquieta.

“Ontem à noite, confidencialmente, eu disse a um velho sábio:

_ Não me esconda nada dos segredos do mundo!

Muito docemente, ele me disse ao ouvido:

- Chut! Podemos compreender, mas não exprimir!”

(Rumi, 2006. (web).



5| Entre Redondela e Pontevedra; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.

*‘Não mais haverá paz nos lares
se não houver quem morra e seja levado,
se não houver quem obedeça a uma ordem misteriosa
e tome bordão e o hábito de peregrino
para ir, tão longe, procurar o caminho
onde ele sabe que o esperas, tu.*

*Jamias as estradas se verão livres
dos que para ti se dirigem
como para aquela rosa
que floresce cada milénio:
multidão obscura e anónima -quási-,
exausta no momento em que te atinge.*

*Mas vi-os desfilar; e creio, desde então,
que é de seus mantos enfumados
que sopram os ventos,
logo tão calmos, quando eles repousam:
tão vasto é seu certeza nas planícies.*

Rainer Maria Rilke, livro da Peregrinação.”

(García Terrón, 1995, p.281)



6| Interior da Catedral de Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.

II

FORMAÇÃO DOS CAMINHOS A SANTIAGO

Explicação bíblica

"A cidade de Santiago de Compostela é, a par de Jerusalém e de Roma, um dos principais lugares de peregrinação cristã. A sua importância no contexto da história do cristianismo decorre da convicção, sustentada por antigas tradições, de que o apóstolo São Tiago foi sepultado no local onde hoje se ergue a catedral compostelana. Esta convicção fez convergir para Santiago de Compostela inúmeros peregrinos, nomeadamente durante a Idade Média, o período áureo da peregrinação compostelana. Hoje, após um período de declínio iniciado nos alvares da Idade Moderna, verifica-se o regresso em força da peregrinação de que são sinais o aumento significativo do número de peregrinos e a vitalidade das expressões rituais e simbólicas relacionadas com os caminhos de Santiago"

(Silva, J. A. 2004, p.331).

Como a História refere, Tiago era filho Zebedeu e Salomé, irmão de João, o Evangelista. Segundo o Novo Testamento, Tiago Maior, nome bíblico para distinguir de outro apóstolo com o mesmo nome, nasceu em Betsaida na Galileia numa família de pescadores. "E, andando junto do mar da Galileia, viu Simão, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens. E, deixando logo as suas redes, o seguiram. E, passando dali um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes, E logo os chamou. E eles, deixando o seu pai Zebedeu no barco com os jornaleiros, foram após ele" (Marcos 1:16-20).

Segundo a história bíblica, Tiago fez parte do primeiro grupo de discípulos que acompanhou Jesus e esteve presente nos momentos marcantes da sua vida. Após a morte de Cristo, os apóstolos tomaram rumos diferentes para transmitir os seus ensinamentos.

Segundo consta, Tiago foi para onde se pensava ser o fim do mundo, Finisterrae (final da terra), um local remoto onde não haveria perseguições aos cristãos. Ele passou algum tempo a evangelizar a Península Ibérica, mais especificamente a Galiza. Durante a sua permanência na Península Ibérica consta que na cidade de Zaragoza, Tiago teve a aparição da Virgem Maria (uma aparição Mariana) aparecendo sobre um elemento arquitectónico, uma coluna, com o intuito de pedir para construir um templo naquela localidade. Assim se deu origem ao culto da Nossa Senhora do Pilar e a criação de uma igreja, que nos dias de hoje é conhecida como Catedral-Basílica de Nossa Senhora del Pilar.

Após vários anos a pregar os ensinamentos de Cristo, Tiago volta à Palestina para partilhar o seu contributo no processo de evangelização. À sua chegada, foi preso e decapitado, provavelmente no ano 44 d.C., a mando do rei Herodes Agripa I. "E por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja, para os maltratar; E matou à espada Tiago, irmão de João." (Novo Testamento, Atos 12:1,2,) o seu corpo insepulto é deixado.

Consta que Tiago foi o primeiro apóstolo a morrer mártir, como refere o livro dos Actos dos Apóstolos. Dois dos seus discípulos, Teodoro e Atanásio, resgatam os seus restos mortais e trasladam o seu corpo numa barca de pedra sem leme nem vela, manobrada por anjos com destino a Iria Flavia, actual Galiza. Segundo a tradição, demoraram apenas, sete dias a atravessar o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico.

Após a sua chegada a terras galegas, tiveram de enfrentar alguns obstáculos, desde perseguições de romanos, lidar com animais selvagens, entre outras coisas, no entanto tudo isso foi superado através de ajudas milagrosas. Após estes incidentes sepultaram-no num monte em Libredón, depositaram o corpo do seu mestre juntamente com relíquias numa arca de mármore, construíram uma pequena capela e velaram dela até ao final dos seus dias.

Com o passar dos anos, e com os vários acontecimentos que se precederam, a instabilidade das invasões bárbaras, a queda do império romano e com a ocupação muçulmana em meados do século VIII, o túmulo deve ter caído em esquecimento ou perderam a sua localização com o passar do tempo. E assim ficou por volta de 800 anos, até um ermitão do bosque de Libredón, Pelayo, ter como refere a história, observado e escutado durante noites seguidas, chuva de estrelas e cânticos angelicais, que especificamente caíam sobre um monte do bosque. Numa conferência de Joel Cleto, este refere que era uma chuva de estrelas inversa e que essas luzes saíam do lugar onde estava sepultado o mártir e os seus apóstolos.

Concluindo, em ambas, existiram luzes que indicaram o lugar. Perante estes acontecimentos sobrenaturais, o eremita decide informar o bispo de Iria Flavia (actual cidade Padrón), Teodomiro. O bispo dirigiu-se ao local e comprovou *in loco* a história relatada pelo eremita. Os fenómenos que levaram à descoberta do apóstolo, originaram o nome do local, Compostela, "Campus stellae" que significa campo de estrelas. Pensa-se também que a palavra pode derivar de Compositum (cemitério). A nível científico não existe rigor na data do descobrimento do túmulo, mas situa-a entre 812 e 820, durante o reinado de Afonso II das Astúrias numa época



7| Título: Descripción del Reyno de Galicia.



8| Juan Figueirido - The end of the journey.

de reconquista pois, grande parte da Península Ibérica estava sob domínio muçulmano. O rei ao receber a notícia, nomeou Santiago patrono oficial de Espanha e mandou erguer, no local onde estava o túmulo, uma capela e um mosteiro. Com a sua visita ao lugar, tornou-se o primeiro peregrino. A descoberta, foi divulgada inicialmente a nível regional e só depois a nível europeu ao informar o imperador Carlos Magno e o papa. Este acontecimento colocou Compostela no mapa da Europa, a par das importantes sedes da cristandade como Roma e Jerusalém.

“Segundo J. Croatto (2002,383-385) uma das características próprias da peregrinação é a existência de uma «meta precisa», por exemplo, a veneração de uma relíquia ou a intercessão de alguma graça. Neste sentido, a catedral que acolhe o túmulo do apóstolo é a meta especial e concreta para a qual se encaminham os passos de todos os peregrinos que partem para Compostela” (Silva, J. A. 2004, p.334).

No século XII foi publicado o primeiro guia, o célebre Codex Calixtinus. A autoria do guia é atribuída ao Papa Calisto II, embora, na realidade tenha sido concebido por vários autores, principalmente, o monge francês Aymeric Picaud. Escrito por volta do ano 1130, focado no caminho francês, que como nos dias de hoje era o mais emblemático e frequentado dos caminhos a Santiago de Compostela. No entanto, havia outros caminhos que guiavam os peregrinos até ao destino pretendido, como é o caso do caminho português e a via de prata, utilizados maioritariamente por peregrinos portugueses e do sul de Espanha. Estes fluxos migratórios desencadeados por motivos religiosos, estes caminhos de fé, desenvolveram cidades e mentalidades, através do intercâmbio cultural, difundiram ideias e ideais políticos, filosóficos e artísticos. Tiveram, ainda, importância no crescimento das cidades, devido à procura de bens e serviços, pelo que se construíram hospitais, igrejas, conventos e albergues entre outros edifícios, de modo a dar assistência aos peregrinos. Em terra, durante o dia, os peregrinos orientavam-se pelas ruas e pontes, mas durante a noite a imagem da Via Láctea sobre a sua cabeça, indicava a direção a Santiago. Este aspecto reforça a ideia do nome, caminho das estrelas, aos caminhos de Santiago, juntamente com o fenómeno da descoberta do seu túmulo através de estrelas. Com o fim da idade média, o caminho de



9| Codex Calixtinus.

Santiago entrou em decadência devido a vários factores, principalmente devido à peste negra e à reforma protestante contra a doutrina da igreja católica.

“A Reforma protestante (séc. XVI) provocou um acentuado declínio no fluxo de peregrinos, nomeadamente do Norte da Europa. Nos meados do século XX a peregrinação a pé tinha quase desaparecido, sem dúvida, em consequência do racionalismo vigente e da secularização das sociedades europeias. Porém, nas últimas décadas, sobretudo após a peregrinação do Papa João Paulo II a Compostela por ocasião da IV Jornada Mundial da Juventude (1989), deu-se um renascer significativo da peregrinação a Santiago. Hoje, são centenas de milhar os peregrinos que, sobretudo nos Anos Santos, fazem o caminho a pé. Para uma breve panorâmica da evolução da peregrinação a Compostela desde o fim da Idade Média. (Abreu, 1997, 233-248).” (Silva, J. A. 2004, p.331).

Nos dias de hoje deu-se o reconhecimento e atribuição de alguns títulos à cidade de Santiago de Compostela como em 1985, ter sido declarada “Património da Humanidade” pela UNESCO. Em 1987 esta recebeu a distinção de “Primeiro Itinerário Cultural Europeu” e, em 1993, o Caminho Francês foi considerado “Património da Humanidade” pela UNESCO.



10| Via Láctea.

III

A IMPORTÂNCIA DO COSMO; DAS ESTRELAS E DO SEU ENTENDIMENTO

Explicação histórica

“O caminho de Santiago não terminou no túmulo do apóstolo, nem nasceu com o cristianismo. É um caminho paralelo à Via Láctea. Uma peregrinação viva há milhares de anos e onde apenas a narrativa mudou, o seu objectivo sempre foi a transformação pessoal, esforço, redenção, salvação e renovação.”

(Castañer, H. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas. (doc.)).



11| Santiago en la Batalla de Clavijo, José Casado del Alisal (1885)
Apparition of St. James Moorslayer in the battle of Clavijo on May 23, 844.

A descoberta do túmulo de Santiago foi um momento marcante na História como se refere anteriormente, e este é um facto verídico. Porém, antes dessa descoberta, já existiam populações, culturas, lendas e mitos nessa região, muito antes deste fenómeno que originou interesse mundial. Tem que se perceber o passado, para entender, se realmente aconteceu o que nos tentam inculcar. No entanto, existem factos que dão veracidade a ambos. A antiguidade deste caminho resulta num acumulado de símbolos e sinais que introduzem múltiplos significados provenientes dos diferentes cultos que foi acolhendo, atribuindo peculiaridade a este itinerário percorrido por muitos. Este, como tudo na vida, tem um início e um fim. No entanto o seu início pode ter sido muito anterior do que a tradição e a lenda cristã referem.

Apesar de todos os simbolismos, significados adjacentes e religiões, este não deixa de ser um caminho de autodescoberta e renovação pessoal, que por vários motivos, tem diferentes impactos e resultados nos peregrinos que se atrevem a fazer este caminho físico para obter uma transformação espiritual.

A história diz, que as luzes místicas “estrelas” no breu da noite, anunciaram e indicaram a localização do túmulo de Santiago, descoberto por um eremita no Monte Liberon. Porém, antes deste acontecimento, existe factos que outro homem pregava esta região, com um culto focado na natureza e nas estrelas. Trata-se de Prisciliano. Ele teve o mesmo fim que Santiago; morreu decapitado e tornou-se mártir. Ambos foram trasladados após a morte, pelos seus discípulos, para o local onde pregaram a sua fé. Não se sabe se o aparecimento de Santiago teve como causa a reconquista contra os muçulmanos e a necessidade de combater o islamismo. Porém, estes factos e a existência de elementos e símbolos antigos, que anteriormente eram repudiados pelo cristianismo, foram assumidos pelo mesmo, provavelmente para se impor como uma verdadeira fé.



12| Gil de Siloe - Saint James the Greater (Santiago o Grande).

“In the nearly 2,000 years since his death Saint James has gained a wealth of associations through the legends that have grown up around him. His constant metamorphosis in popular religious culture shows the adaptability of saints and the way our uses of them can change their representation.” (Deboick,2010, The enigma of Saint James. (web)).

Como Sophia Deboick refere, Santiago inicialmente é conhecido através do evangelho por pescador e “filho do torvão” devido ao seu temperamento; mais tarde torna-se padroeiro de Espanha; que por sua vez vira símbolo bélico, tornando-se guerreiro cristão conhecido por Santiago Matamouros devido à sua aparição na batalha de Clavijo, ajudando o povo espanhol a vencer e reconquistar o território que até a data estava sobre o domínio do povo muçulmano. Nos dias de hoje, a identidade mais violenta de Santiago é rejeitada, e retrata-se o simbolismo que ele tem desde a Idade Média, a do santo peregrino.

“A first-century man has been transformed by the ritual use his own remains have been put to and changed into the ideal thoughtful, humble pilgrim – an ideal that remains relevant today. It may well be the enduring appeal of such spiritual heroes that we can mould them to satisfy our social needs and emotional desires, creating new versions to suit our own times and keeping those that continue to work across the centuries.” (Deboick, S. 2010, The enigma of Saint James. (web)).



13| Farol do cabo Finisterra.

O lugar onde está implantada a catedral de Santiago de Compostela, Monte Liberon, ainda hoje, está cheio de lendas por revelar.

Como Hector L. Castañer refere “Os mitos são indestrutíveis e renovam-se constantemente, cada cultura e religião adapta os de acordo com os seus interesses” (Castañer, H. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas. (doc.)).

Existem indícios fortes, como se refere anteriormente, que indicam que o caminho a Santiago existiu muito antes deste, devido a vestígios de povoações que habitavam o noroeste peninsular, na Finisterra, muito antes do cristianismo, que prestavam o culto heliólatra, ou seja, o culto ao Sol. Provavelmente as primeiras peregrinações tiveram origem nesse culto. Ver o pôr do sol por si só era um momento mágico, devido à pouca compreensão e conhecimento sobre o que estavam a contemplar. Além de que, o factor, de supostamente o estar a observar, no fim da terra, o local mais ocidente do mundo, intensifica ainda mais o seu simbolismo, a representação do constante ciclo da vida, morte e renascimento.

Jaime Buhigas no documentário “Doze: O Caminho das Estrelas” faz um paralelismo entre o Caminho de Santiago e o labirinto. Este refere a peregrinação como uma iniciação onde a morte e o nascimento são simbólicos, pois têm de pôr fim a algo para dar lugar a uma coisa nova, ou seja, é obrigatório morrer. Esta dualidade assemelha-se ao mito do labirinto, onde o objectivo é chegar ao centro e voltar. O caminho e as peregrinações têm a mesma dualidade com o intuito de, quando iniciamos o caminho, entramos num processo de morte, uma morte metafórica de quem éramos. Quando chegamos ao local e voltamos, renascemos. Daí a existência de vários símbolos de morte a caminho da costa, pois aí seria o fim do caminho, o fim da terra e o início do oceano enigmático e sem fim, dando-se nesse local, a morte metafórica do peregrino. Com esta explicação percebemos o motivo pelo qual os peregrinos não se ficavam por Santiago, tendo a necessidade de ir até a Finisterra, que supostamente, aí sim, era o fim do percurso, o fim da terra, o fim do conhecido.



14| Castro de Santa Trega; Monte de Santa Tecla.

A evidência de imagens de serpentes e dragões pelo caminho, é um contrassenso em relação ao significado que elas têm para o cristianismo, que repele principalmente a imagem da serpente devido a representar o mal. Vicente Cassanya refere que é normal existirem inúmeras representações de serpentes e dragões, devido à antiguidade deste caminho das estrelas.

“Nas primeiras civilizações, todo o movimento cíclico foi associado a serpentes e dragões por dois motivos fundamentais: pela sua mudança de pele e pelos movimentos ondulatórios, associados ao movimento das estrelas e, portanto, ao cosmos.” (Cassanya, V. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas (doc.)).

Consta que a primeira invasão da Península Ibérica ocorreu muito antes do nascimento de Cristo, e esta acontece com a colonização das terras férteis dos Estrímnios, o primeiro povo conhecido de Portugal. Invasões realizadas pelos Sefes ou Ofis entre outras tribos.

“Talvez entendamos melhor o que eram, ou quem eram os “Saefes”, se pensarmos que, em grego, significa “serpentes”. Como é que um povo poderia chamar-se “serpente”? Era um povo que prestava culto ao ciclo astral, ou os ciclos do cosmo. Pois a serpente, para muitas culturas, representava, por um lado, o conhecimento e, por outro, o movimento das estrelas. Estes eram os “Saefes”, um povo que trouxe a cultura pelas estrelas, o estudo das estrelas, ao noroeste de Espanha.” (Vicente Cassanya, V. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas. (doc.))

Este povo introduziu-nos o culto às estrelas e, além disso, existem provas por toda a sua área de implantação de petróglifos, espirais e sinais, de um estudo e uma vontade de compreender o cosmos, daí obtemos, a importância que este teria na sua cultura e vida.

A importância e o significado que a Via Láctea tem no Caminho de Santiago é muito mais do que um modo de orientação, localização e sinalização do mesmo, durante a noite. Vicente Cassanya diz que em muitas mitologias a Via Láctea surge como um grande rio, que tem como função encaminhar as almas para o Além. Verificando-se a semelhança aparente,



15| Mikko Lagerstedt - Passing Moment.

da intenção dos peregrinos e a procura de salvação da sua alma através da peregrinação, não obstante o impacto que teria na antiguidade, sem a existência de poluição luminosa, a observação das estrelas e a Via Láctea. É normal que a imagem arrebatadora que esta oferece desse asas à imaginação do ser humano, e de certa forma, terá sido propulsor de muitas lendas e mitos.

“Uma peregrinação tem o propósito de ligar a alma a planos superiores. O hermetismo já diz que é necessário transcender o plano pessoal para alcançar uma dimensão, ou um estágio maior para nos ligarmos ao universo.” (Cassanya, V. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas. (doc.)).

A peregrinação é uma dialética constante entre o microcosmo e o macrocosmo. As vezes é preciso afastarmo-nos das coisas para vê-las de outra perspectiva e para as compreender como um todo.

“Macrocosmo: o topo, o Universo, o espiritual, o distante. Microcosmo: o fundo, a terra, o pessoal, o próximo. A velha máxima hermética: “o que está acima, está em baixo” vem representar essa analogia a esse paralelismo de que tudo interage e que somos o reflexo de tudo o que acontece nos céus. Se uma formiga, por exemplo, decide escalar-nos, uma figura humana, escala o pé, escala a perna, sobe e pode alcançar os ombros, pode alcançar a cabeça e até atravessar-nos de um lado ao outro e descer do outro lado. Mas nunca chegará a entender que somos parte de um todo. As suas pequenas dimensões não lhe permitem entender o que é o conceito global da figura humana. Isto é o que nos acontece em relação ao Universo.” (Cassanya, V. 2017, Doze: O Caminho das Estrelas. (doc.)).



16| Peter Zumthor - Kolumba Art Museum 2007.

Em paralelo com a peregrinação, que nos prepara para chegar a algo superior, a arquitetura também nos prepara proporcionando um elemento tangível à nossa medida, que de certo modo, dá-nos a segurança suficiente para questionar as coisas intangíveis que nos envolvem.

“A arquitetura é o nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade.”
(Pallasmaa, 2011, pag.16-17).

É com este intuito que se propõe a construção de um albergue, que durante esta viagem física e espiritual que é o Caminho, cósmica por sinal, ofereça um lugar seguro, uma medida, uma forma estável, permanente, mas que ao mesmo tempo proporcional à nossa expansão.



17| Fotomontagem realizada pelo autor.

IV

PROSPECÇÃO, LEVANTAMENTO E SELECÇÃO

*“Tudo o que a mão pode fazer nos retoques finais tem que estar decidido de antemão.
O que hà-de ser feito define-se previamente.” (Goethe, 2000, p.200).*

A parte prática desta dissertação de mestrado, propõe a criação de um albergue, refúgio, abrigo ou retiro. No fundo, uma intervenção num sítio ermo, consagrado à meditação e ao repouso, a um período de afastamento da vida quotidiana.

O lugar de implantação do albergue situa-se no norte de Portugal, no distrito de Viana do Castelo, concelho de Caminha. Inserido na freguesia de Moledo e Cristelo, mais precisamente no monte de Santo Antão, perto do Parque Eólico da Espigueira, aproximadamente a 400 metros de altitude. As vistas do lugar são uma mais valia da localização, podendo a norte visualizar-se a foz do rio Minho e Espanha, mais precisamente o Monte de Santa Tecla que remete, para quem conhece a história do lugar, às primeiras civilizações do noroeste da Península Ibérica. A este a vista estende-se e termina com a imponente Serra d'Arga. A oeste contempla-se a imensidão do oceano Atlântico e o manto verde composto da Mata Nacional do Camarido. A sul surge Vila Praia de Âncora estende-se abra-



çada e protegida pelo Monte de Santa Luzia. Toda uma paisagem diversificada que na sua imensidão natural nos convida a conectarmo-nos com ela. Um convite a ver para lá do nosso corpo.

Com o intuito de ser uma das últimas ou primeiras etapas/passagens no caminho português de Santiago a localização consolida-se no norte de Portugal. Contudo esse é um factor que depende do peregrino, não obstante da sua maior probabilidade de passagem. Ao analisar os itinerários portugueses, focando mais na zona norte e fronteira como tinha referido, optei pelo caminho da costa. Esta escolha deve-se a duas circunstâncias, a primeira, ao facto de ainda ser muito recente a sua oficialização como itinerário dos caminhos a Santiago de Compostela, e a outra, de este caminho ainda não sofrer da massificação de outros itinerários mais conhecidos.



18| Monte de Santo Antão; Mata Nacional do Camarido; Santa Tecla: Arquivo Pessoal.



19| Mapa dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela realizado pelo autor.

Esta escolha tem ainda a intenção de contribuir para a necessidade de valorizar todos os percursos, de distribuir os peregrinos e de controlar a presente massificação no itinerário mais usual do caminho português que é o central, e tentar preservar a vocação destes caminhos que é de serem itinerários de reflexão, de emancipação e de isolamento.

A recente oficialização do caminho da Costa não põe em causa a sua veracidade. De facto, o "caminho verdadeiro" não existe, o itinerário em si, histórico ou não, não define, que este ou aquele seja um itinerário certo, pois o caminho certo, é sempre aquele que o peregrino faz ao sair de sua casa. Existem sim os caminhos históricos, com marcos culturais e como a história explica, estes foram se alterando durante os séculos, consoante os focos populacionais da altura, crenças, poder régio e religioso.

Consta que os primeiros itinerários do caminho a Santiago surgem com a urbanização dos romanos que ao construíram ruas e pontes interligaram povos e culturas. Com isto, a conclusão, é que na realidade existem caminhos mais frequentados do que outros, e deu origem à criação do itinerário dos caminhos a Santiago de Compostela. Sendo este, hoje em dia, património mundial da UNESCO. Como no passado, ainda nos dias de hoje, é um caminho onde se divulgam ideias e ideais, música, arte, arquitectura, culturas de todo o mundo. Todos com o mesmo objectivo que é experienciar o caminho, cada um com a sua fé, e chegar a Santiago.

No entanto, a possibilidade de inserir o projecto no Programa Operacional Regional do Norte 2020 e a vantagem de o PDM da junta de freguesia de Caminha ter a UOPG empreendimento turístico de Santo Antão, que se insere no território onde localizo o projecto, é uma mais valia que justifica este trabalho no que diz respeito à escolha da localização.

Com a verificação de um crescimento de peregrinos que saem de Santiago de Compostela com destino ao santuário de Fátima, o lugar de implantação escolhido, além de todas as premissas referidas anteriormente, torna-se o ponto intermédio entre estes dois destinos. Além dos factores anteriormente referidos, o próprio local alberga muitas atividades des-



CAMINHO PORTUGUÊS DA COSTA

CAMINHA

CAPELA SANTO ANTÃO

IMPLANTAÇÃO

CAPELA S. PEDRO VARÃES

VILA PRAIA DE ANCORÁ

VARIANTE

portivas, tornando-se não só, o ponto intermédio entre lugares sagrados, como também das localidades onde este se insere.

O local de implantação não está inserido especificamente no itinerário do caminho da costa, no entanto, ramifica-se dele, e dá origem a uma variante desse caminho. A criação da variante, além de introduzir o lugar pretendido, cria uma nova perspectiva a quem quer continuar o caminho até Valença, mantendo a possibilidade de chegar ao centro de Caminha e atravessar para Espanha no ferry-boat, dando continuidade ao caminho pela costa.

A criação desta variante também surge da informação e conhecimentos que adquiri ao percorrer o caminho a Santiago. Nesta experiência fui confrontado com múltiplas variantes que ao longo das etapas do itinerário aparecem e nos suscitam curiosidade e cativam a rumar a outros locais, algo que no início do caminho não fazia ideia existir. No entanto, estas variantes fazem todo o sentido e isto vai de encontro ao que referi anteriormente em relação à massificação, onde o caso espanhol é mais flagrante que o nosso. Estas variantes são uma mais valia para quem se quer afastar da confusão dos núcleos populacionais e obter um caminho de reflexão. Dito isto, durante a minha jornada, já quase a chegar ao destino final, optei por mudar de rumo e saí do caminho central para uma variante, com o objectivo de sair da floresta de betão, da confusão, da poluição e retornar a um caminho mais propício à de reflexão por meio de montes e vales, literalmente.

A escolha fazia sentido, tanto para mim como para o tema da dissertação. O seu nome era, Variante Espiritual do Caminho Português. Esta variante tem início na cidade de Pontevedra, local de afluência e convergência de todos os caminhos que partem de Portugal como o caminho de Braga, o caminho da costa e o caminho central, e termina em Padrão, última etapa antes de chegar a Santiago de Compostela. Esta variante marca a diferença pois na última etapa, Vila Nova de Arousa até Pontecesures, fazemos o percurso de barca, o mesmo que outrora percorreu Santiago de Compostela.



21| Combarro: Arquivo Pessoal.



22| Mosteiro Armenteira: Arquivo Pessoal.



23|Vilanova de Arousa: Arquivo Pessoal.



24|Mapa da Variante Espiritual do Caminho Português realizado pelo autor.

Com isto, justifico a localização escolhida para a implantação do albergue e a criação de uma variante no caminho da costa português, com a mais valia de conseguir inserir duas capelas muito peculiares no itinerário, a capela São Pedro de Varães e capela de Santo Antão. Introduzindo-se assim mais cultura, novas experiências e novas descobertas, sendo que tudo é uma aventura, qual seja o caminho a seguir.



25|Vista Norte do lugar de Implantação do Projecto: Arquivo Pessoal.

V

MARCAÇÃO, INTENCIONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO

“Procedo muito lentamente, pois a natureza aparece-me muito complexa, e os progressos a fazer são constantes. É preciso ver bem o modelo e sentir com muita justeza e ainda exprimir-se com nitidez e força.”

(Cézanne, 2007, p.50).



26 | Inverno: Arquivo Pessoal.

E assim comecei eu, ao deambular no monte, a perder-me nele com o intuito de encontrar o lugar ideal para implantar o projecto. Experimentar o lugar, conhecer e senti-lo para retirar conclusões num primeiro momento, sem um pré-estudo do lugar, de maneira a não ser influenciado. Após o primeiro contacto *in loco* com o espaço, aí sim, comecei a analisar por outros métodos, o lugar, construções existentes, caminhos, trilhos, actividades e o uso que lhes é dado pela população. O processo de recolha de informações e as visitas do lugar em diferentes épocas do ano, ajudou a compreender melhor o clima, as diferentes atmosferas que este proporciona, as condicionantes que cria e as premissas que oferece, tendo sido preciosos na resolução do projecto.



27| Camarata em Roncesvalles, Caminho Francês de Santiago.

INTENÇÃO

A intenção de criar um lugar distinto no percurso advém das diferentes experiências espaciais e sociais, que obtive através dos edifícios onde pernoitei ao longo do caminho, e dos lugares onde estes se inserem. Estes abrigos têm uma enorme relevância para os caminhantes, pois além de serem um marco físico que simboliza o fim e o início de uma etapa, proporcionam abrigo àqueles que durante o dia estão vulneráveis, longe da sua zona de conforto, onde enfrentam a natureza no seu estado mais cru e puro, mantendo-nos num êxtase mental agridoce de liberdade e insegurança.

O mistério, o carácter numinoso e de constante descoberta que os caminhos proporcionam, contrastam com a presente insegurança da nossa fragilidade enquanto ser humano, fora do seu contexto habitual. Daí a importância de encontrar um lugar de repouso que nos possa oferecer conforto e segurança acima de tudo. Perante este contexto e realidade, onde o nosso espírito de sacrifício sobressai e fomenta o nosso lado altruísta tornando-nos acima de tudo mais humanos.

Contudo esta é uma das experiências fundamentais para focalizar a nossa consciência, numa “consciência sensibilizada”. Afeta-nos de tal modo que pequenos gestos e coisas simples do nosso dia a dia criam um enorme impacto sobre nós. Esta forma sensível de ver o mundo que nos rodeia é essencial para encontrar nas coisas banais e nos pequenos detalhes nuances que alteram a nossa realidade, imergindo num mundo coberto de significado, que nos leva a transcender. Encontro no poeta William Butler Yeats um paralelo com o que refiro, quando este diz, “O mundo está cheio de coisas mágicas, pacientemente a espera do crescimento da nitidez dos nossos sentidos” (Silva, 2016, Attention, tradução feita pelo autor), ou seja, é tudo uma questão de saber ver e sentir.



28| Um simples dia de chuva pode provocar uma grande carga emotiva a quem o experienciar com “consciência sensibilizada”.

No campo da arquitectura Steven Holl refere que, “A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar nossa existência do dia-à-dia. O ato cotidiano de agarrar a maçaneta de uma porta e abrí-la a um campo banhado de luz pode-se converter num ato profundo se o experimentamos com uma consciência sensibilizada. Ver e sentir estas qualidades físicas significa tornar-se o sujeito dos sentidos”(Fracalossi, 2012. (web)).

É neste sentido, com a exaltação do ser, que tento pensar no conceito, nas premissas e no significado que o projecto deve conter para se diferenciar dos demais e proporcionar uma nova experiência ao utilizador.



29| Atenas, Acrópole: Arquivo Pessoal.

IMPLANTAÇÃO

A escolha da implantação num lugar elevado é intencional, pois este suscita o sagrado. A dificuldade motora de chegar a um sítio elevado é sempre maior e fomenta o espírito de sacrifício, que se encontra presente em todo o caminho. Porém esse sacrifício, torna a recompensa de chegar ao destino mais gratificante.

Provavelmente foi nos inculcado, através da história e da religião, que quanto mais elevados estamos, mais perto do sagrado, do transcendente nos encontramos. Na história da Arquitectura encontramos exemplos deste pensamento, desde as primeiras civilizações, como é o caso da Grécia Antiga, onde o Pártenon se situa no cimo de um monte. Além de ser um sítio estratégico como meio de proteção, alberga o lado mitológico como refiro inicialmente. Outro exemplo disso, transparece na época medieval com a arquitectura gótica, a escala da catedral eleva-se como nunca outro edifício o tinha feito, através dos avanços construtivos, com o intuito de assim conseguir estar mais próximo do divino. “Mais luz para tornar mais “divinos” aqueles espaços que, sendo mais verticais, eram mais “espirituais” e alcançavam a tão procurada suspensão do tempo” (Baeza, 2013, p.29).

Nos dias de hoje verifica-se a mesma situação, mas em contextos e com significados diferentes. O ser humano torna-se deus de si mesmo. E cria edifícios para demonstrar a sua grandiosidade, o seu poder económico, estatuto social, evolução, etc. Resumindo, estamos perante uma sociedade capitalista e consumista, onde a procura da felicidade baseia-se naquilo que se tem, que se compra, e na sua quantidade, tornando-a completamente ilusória e superficial. No entanto, felizmente, existe sempre um lado positivo em tudo, nada é eterno, tudo se transforma e evolui, e a mentalidade não foge à regra. E para concluir, como Ernest Becker refere, “Somos deuses com ânus. Com a nossa mente ponderamos o infinito. Mas ainda estamos presos neste corpo em decadência” (Silva, 2013, Singularity, tradução feita pelo autor).



30| Alexander Forik - Himalaias, expedição no Nepal zona de Manaslu.

Contudo, a escolha de um lugar elevado para a implantação, não se fica pela simbologia de sagrado ou transcendente. É um ponto estratégico onde temos a capacidade de ver tudo o que nos rodeia, obter o poder de antecipação, ver o que vem e o que vai.

Vê-se terra, céu e mar, e essa imensidão faz perdermo-nos. Nós ficamos admirados a olhar para a infinidade do oceano, porque sentimos a necessidade de mistério, do desconhecido, perdidos no limbo daquilo que foi e do que poderá ser. Segundo o filósofo Jason Silva, só quando estamos perdidos é que nos encontramos, e é um pouco este o motivo porque muitas pessoas fazem o caminho: sentem-se perdidas mentalmente, fechadas no seu microcosmo e ao longo do caminho vão se encontrando, vão se libertando. Um processo de libertação com o objectivo de renascer espiritualmente.

A contemplação das estrelas e a importância do pôr e nascer do sol influenciou a forma como o edifício se insere na envolvente e cria um plano horizontal estável, um miradouro, que convida o utilizador a usufruir destes momentos transformadores, com a intenção de eternizá-los.

“Merleau-Pointy escreveu: “Não mais do que o céu ou a terra, o horizonte é uma coletânea de coisas mantidas unidas, uma categoria, uma possibilidade lógica de concepção, um sistema de `potencialidade de consciência`: ele é um novo tipo de ser, um ser de porosidade, fecundidade ou generalidade...” (Juhani Pallasmaa, 2011, pág.6).

A importância das estrelas, do cosmos e a sua contemplação, teve, e ainda continua a ter, uma enorme importância para o Homem e imenso significado para os caminhos a Santiago de Compostela como refiro no capítulo inicial. Outrora foi o meio pelo o qual os peregrinos se orientavam durante a noite, como refere Angeles García Terrón, “Numa noite límpida de verão, sem luar e sem luzes próximas que possam prejudicar uma boa observação do céu, distingue-se uma mancha esbranquiçada que o atravessa de lés-a-lés; é a Via Láctea também conhecida por Estrada de Santiago.” (Terrón, 1995, p.269). Também daí ter-se em conta, na realização do projecto, a contemplação das estrelas. No entanto, na antiguidade,



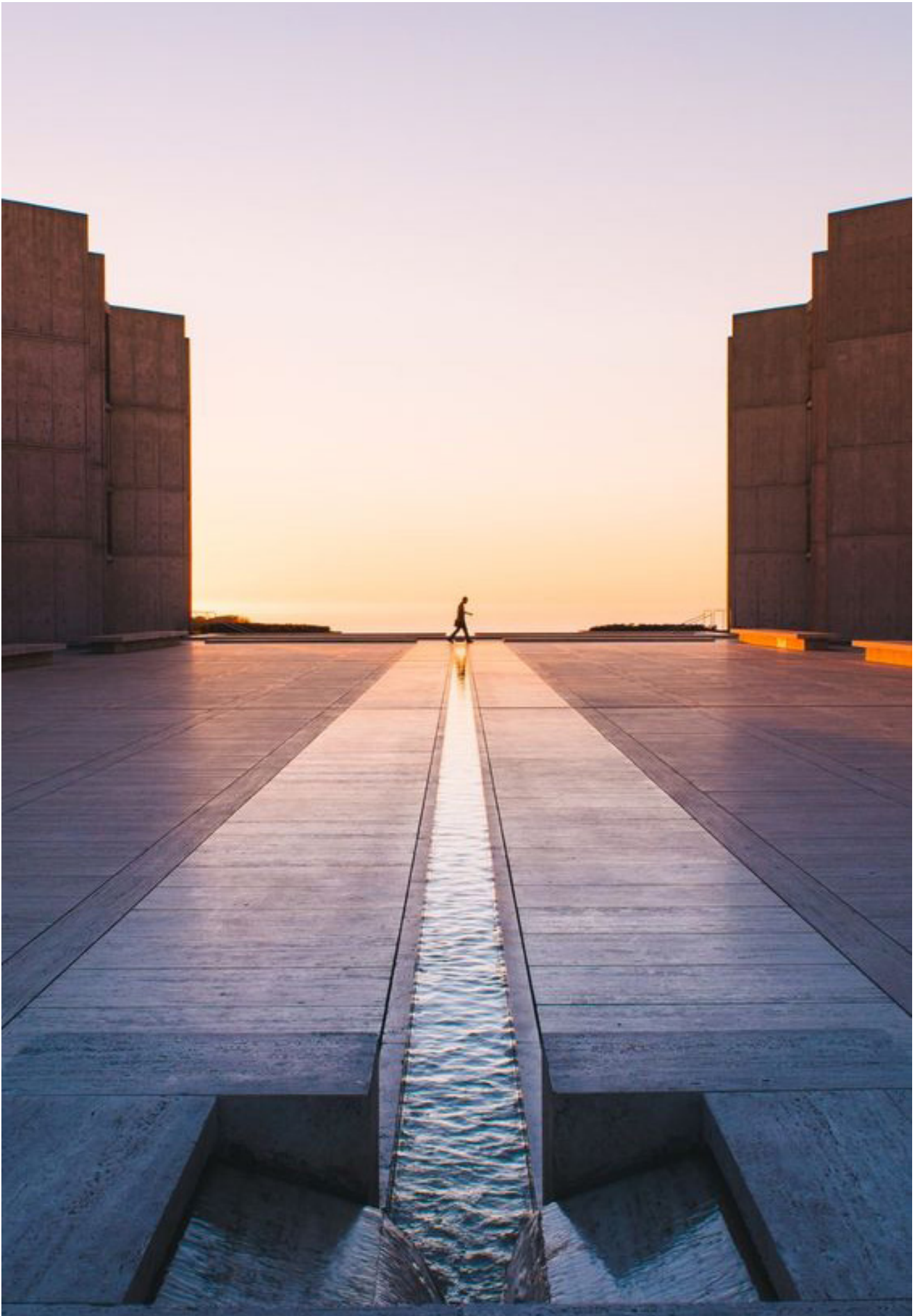
31| Adalberto Libera - Villa Malaparte 1938.

e mesmo nos dias de hoje, durante o dia as referências eram ícones urbanos e naturais, como pontes, estradas, edifícios, montanhas e rios.

O caso do pôr do sol ou o nascer do mesmo surge com a premissa de obter a qualidade transformadora destes momentos. Segundo Jason Silva, o contexto que nos envolve, e a percepção que temos deste, afecta a consciência de várias maneiras. O cenário do pôr do sol reflete-nos isso, pois, como ele refere, “representa um momento em que nós podemos realmente testemunhar a transformação, a transição do dia para a noite ou da noite para o dia. Em estado de vigília física ordinária não percebemos o passar do tempo. Essa percepção, essa crescente sobreposição de dia e noite força-nos a estar mais presentes, obriga-nos a experimentar uma espécie de dilatação do tempo que transforma a maneira pela qual nós percebemos o momento. O momento fica impregnado com um senso de importância, com o senso de significância.” (Silva, 2015, *The Power Of Sunsets*, tradução feita pelo autor.(doc.)).

É este um dos intuitos do projeto, conseguir desencadear através de momentos, espaços, detalhes, uma “consciência sensibilizada”, intensificar o modo como vemos o que nos rodeia e ter tempo, vontade, de ver para além de nós mesmos: de transcender. Criar um marco no caminho e na vida de cada um que o experiência.

O pintor William Turner apresenta nos seus últimos trabalhos um estilo próprio onde capta a natureza de uma maneira nunca antes feita. Através da luz e da cor este cria pinturas misteriosas que nos prendem e estimulam através das ditas “atmosferas” em que o próprio refere que “Atmosphere is my style” uma das suas máximas, atmosferas também referidas nas obras literárias de Peter Zumthor.



32| Louis I. Kahn - Instituto Sak 1959-1965.

Turner, especificamente através das suas obras como “Shade and Darkness – the Evening of the Deluge” e “Light and Colour – the Morning after the Deluge – Moses writing the Book of Genesis” em que se inspirou na a teoria da cor de Johann Wolfgang von Goethe e no livro “Genesis” mais precisamente na história do grande dilúvio, consegue intensificar e captar a qualidade transformadora desses momentos, e transformá-los em arte.

“Era o que tão bem expressava Michael Bockemuhl ao falar de Rembrandt e da sua pintura: «Transforma a compreensão intelectual do quadro na sua percepção visual». Ou, com maior clareza ainda, Stefan Zweig em O mistério da criação artística: «Pois a maior virtude do espírito humano consiste em procurar tornar compreensível a si mesmo o que à primeira vista lhe parece incompreensível». (Baeza, 2013, pág.12-13).

No primeiro momento com o início do dilúvio, onde as trevas e a sombra predominam, simbolizando a morte, e num segundo momento, com o amanhecer após o dilúvio, onde a luz e a cor se destacam e que após uma noite devastadora simbolizam a renovação, a salvação e a vida.



33| Turner - Shade and Darkness – the Evening of the Deluge 1843.

*“A lua apresentou o seu sinal de mágoa ignorada,
Mas a desobediência dormia e o Dilúvio entenebrecia-se em redor,
E veio o último símbolo: o gigantesco cavername a flutuar,
As despertadas bestas deixaram, aos gritos, os abrigos da noite,
E patinharam até à arca.*



34| Light and Colour – the Morning after the Deluge – Moses writing the Book of Genesis 1843.

*Firme estacou a arca no Ararat, o Sol ao voltar
Exalou bolhas de terra húmidas, e émulo de luz,
Reflectiram-lhe as perdidas formas, que à guisa de prisma
Anunciavam a Esperança, efêmera como mosca estival
Que se eleva, voa, se dilata e morre.”*

(Bockemuhl, 2007, p.86-87)



35| Miradouro do Monte De Santo Antão, Venade: Arquivo Pessoal.

A importância e a simbologia de um lugar elevado, uma vez mais presente nesta história bíblica, que, como no caso da implantação do projecto, remete-nos para o cimo de uma montanha, Ararat na actual Turquia, onde, como refere a lenda encalhou a arca de Noé. Só por curiosidade, como refere Javier Sierra, o livro mais antigo do mundo que sobreviveu até aos dias de hoje, é um texto babilónico chamado “Epopéia de Gilgamesh”, um texto descoberto no séc.XIX que refere factos sobre a destruição da terra, um dilúvio, e a salvação de um animal de cada espécie numa espécie de barco, tudo isto referido neste texto escrito pelo menos mil anos antes do Antigo Testamento, e encontra-se em Santiago de Compostela.

Outra premissa para que a implantação se encontre num local elevado tem como intuito que o peregrino consiga marcar uma trajetória mental de onde veio e para onde vai. Pois, a partir da localização do edifício vemos Espanha, e assim este antecipa a aproximação do objectivo final. E essa proximidade visual, a meu ver, pode criar uma tensão entre a nossa localização, a imensidão da paisagem e o próximo destino, pois mantém-se longe e perto ao mesmo tempo. A necessidade de ficar e a imensa vontade de continuar. E de certa forma o edifício através da sua localização surge durante a noite como um farol, que através das suas ranhuras nas fachadas, emana a luz que guia e indica aos peregrinos o porto de abrigo: um lugar seguro.



36| Luis Barragán - Casa estudio Luis Barragán 1947.

NATUREZA

Tendo em conta a massificação e a poluição sonora e luminosa, o afastamento do edifício da zona urbana da cidade de Caminha era necessário. Se assim não fosse, o carácter comum, banal e vulgar do nosso quotidiano salientava-se, e a essência do projecto perdia-se, tal como o isolamento, a paisagem natural desafogada, e o contexto, intenso e singular da natureza. A importância de presenciá-la no seu estado mais “natural”, sem o distanciamento e a proteção de “filtros” como carros, edifícios, e até as próprias câmeras de filmar/fotográficas o acabam por ser, entrepondo-se entre nós e ela. Como refere Juhani Pallasmaa, “O mundo visto através de uma janela é um mundo domesticado e controlado” (Pallasmaa, 2017, p.103), o que anula em certos casos alguns dos nossos sentidos, enfatizando outros, principalmente o da visão. No entanto, o que se pretende enfatizar é esta dualidade, esta troca de percepções que penso que existe entre o caminho e a obra arquitectónica e que se complementam. Pallasmaa expressa com clareza esta dualidade, quando diz que, “Um passeio na floresta é revigorante e saudável graças à interação constante de todas as modalidades de sentidos; Bachelard fala da “polifonia dos sentidos”. Os olhos colaboram com o corpo e os demais sentidos. Nosso senso de realidade é reforçado e articulado por essa interação constante. A arquitetura é, em última análise, uma extensão da natureza na esfera antropogénica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo. Ela não é artefacto isolado e independente; ela direciona nossa atenção e experiência existencial para horizontes mais amplos.” (Pallasmaa, 2011, p.39).

Concluindo, o caminho dispersa e intensifica os sentidos, a obra arquitectónica foca e expande os pensamentos.

Em certos momentos ao contemplar a Natureza, ela própria deixa o Homem num estado de êxtase que, de certo modo, cria ou estimula uma capacidade observação intensa e absorvente, que por sua vez pode dar origem a uma espécie de dilatação do tempo, ao observarmos aquilo que outrora foi a nossa realidade, o comum, o banal e não a exceção. Uma máquina do tempo que nos transpõe às nossas origens.



37| Álvaro Siza Vieira - Capela do Monte 2018.

“A beleza da natureza toca-nos como algo grande que nos transcende. o homem vem da natureza e a ela torna. Tomamos consciência de uma ideia da proporção da nossa vida na imensidade da natureza quando encontramos uma paisagem bonita que não domesticamos nem ajustamos à nossa medida. Sentimo-nos em boas mãos, humildes e orgulhosos ao mesmo tempo. Estamos na natureza, nesta moldura grande que, no fundo, não percebemos e que agora, no momento da experiência acrescida, também não precisamos de perceber, porque sentimos que nós próprios fazemos parte dela” (Zumthor, 2005, pág.58)

As nossas origens, a nossa cultura, têm uma enorme importância na nossa sanidade mental e fisiológica, logo, como somos fruto da natureza, necessitamos dela para viver e sobreviver. A necessidade de pertencer a algo, e dar continuidade à mesma, originou a Humanidade, um dos grandes feitos do Homem.

A rutura com a massificação proporciona a existência de um lugar calmo, onde se pode escutar o “silêncio”, ou, como tal coisa não existe, um ruído sereno, calmo, natural, e potenciar essa atmosfera no lugar construído. No entanto, contrapondo, “O silêncio da arquitetura é um silêncio afável e memorável. Uma experiência poderosa de arquitetura silencia todo o ruído externo; ela foca nossa direção e nossa própria existência, e, como se dá com qualquer forma de arte, nos torna cientes de nossa solidão original.” (Pallasmaa, 2011, p.49).

Todavia, a natureza oferece múltiplas e diferentes leituras e perspectivas, tanto do utilizador a partir da obra arquitectónica para a natureza como do homem a partir da natureza para a obra arquitectónica. Acima de tudo, o essencial é tirar partido das diversas atmosferas que estas criam, desde as mais relaxantes às mais inóspitas, da atmosfera nítida, soalheira, amarelada de um dia de sol, à atmosfera ambígua, misteriosa e esbranquiçada produzida pelas grandes névoas que estimulam a imaginação.



38| Capela São Pedro Varais: Arquivo Pessoal.



39| Capela de Santo Antão: Arquivo Pessoal.

PERCURSOS, FLUXOS, ACESSIBILIDADES

Na escolha exacta do lugar teve-se em conta a afluência de percursos, e o aproveitamento destes para criar uma nova centralidade de fluxos, através do edifício construído, sendo este um ponto de paragem, passagem e contemplação. O albergue fica localizado a uma distância intermédia na variante e entre os monumentos existentes de maior relevância que esta unifica, a capela de Santo Antão e Capela de São Pedro de Varais.

A Capela S. Pedro Varais apresenta diferentes fases de construção, inicia-se em meados do século X e termina no século XIV. “O edifício apresenta uma deliberada robustez dos panos murários, a que se juntam os escassos vãos de iluminação, a simplicidade da organização planimétrica e a quase inexistência de elementos decorativos, recorrendo, sistematicamente, a modilhões lisos. Estas características confirmam o seu estatuto de obra de transição estilística e a modéstia de recursos económicos envolvidos na sua edificação. Paralelamente, provam como o Românico foi o estilo de eleição no Norte do país até épocas muito tardias, cobrindo densamente o território”(Almeida, 1986, p.59).

A capela de Santo Antão apresenta uma construção mais recente, em 1755 sofre uma reconstrução e deduz-se que é erguida em meados do século XVII. Nos dias de hoje a festa em honra de Santo Antão do Monte torna esta capela uma vez por ano um lugar de convívio sendo realizada uma procissão que parte da Paróquia de Santa Eulália em Venade, transportando a imagem primitiva do Santo Antão, outros Santos Ermitas e a de Nossa Senhora, sendo estas veneradas na capela exclusivamente nesse dia, 29 de Julho de cada ano.



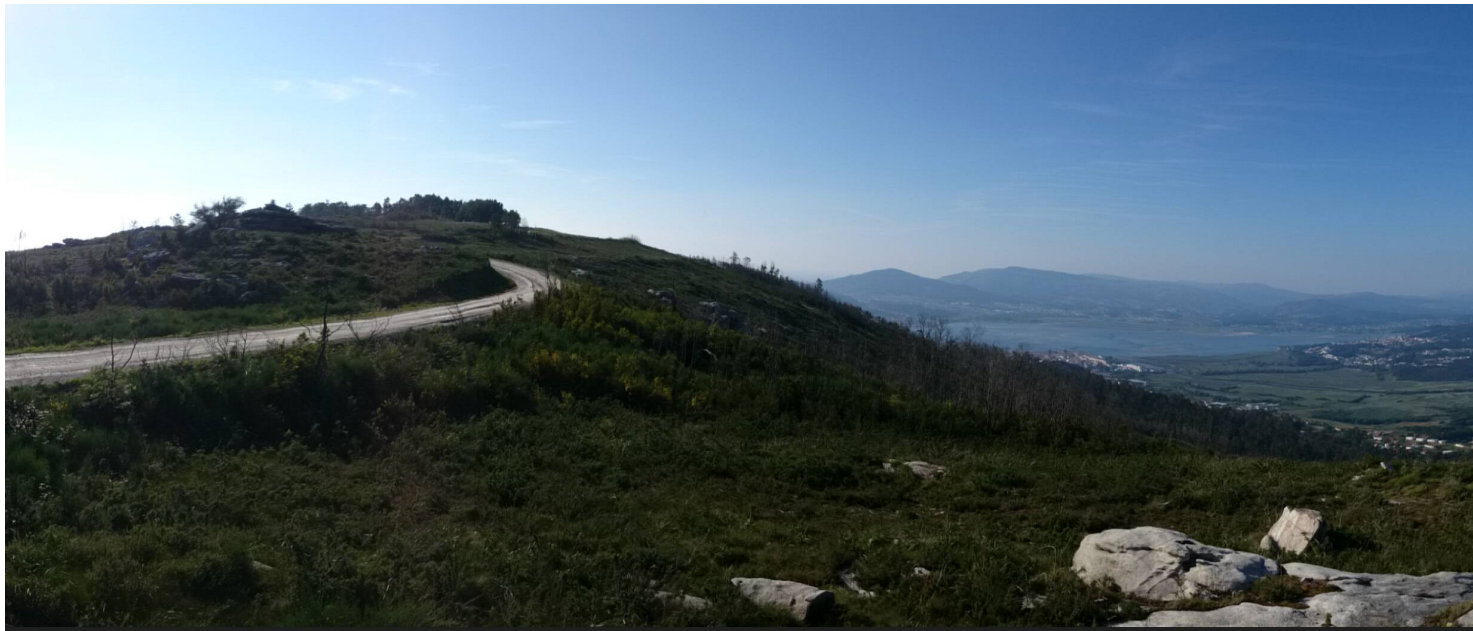
40| Mapa de localização das imagens que se seguem de modo a compreender os diferentes tipos de percursos.



41| Caminho de acesso à última eólica e ponto de ramificação para aceder ao projecto: Arquivo Pessoal



42| Início de um dos percursos que liga a Capela de S. Pedro de Varais ao Projecto: Arquivo Pessoal





43|Vista Panorâmica a Sul da Capela Santo Antão: Arquivo Pessoal



44|Vista Panorâmica sobre a Serra Arga: Arquivo Pessoal



45|Vista Panorâmica bifurcação, esquerda acesso à Capela S. Pedro Varais; direita acesso as eólicas: Arquivo Pessoal





46| Vista Panorâmica, Cruzamento de trilhos de Trekking; Trail e Offroading desportos motorizados todo terreno: Arquivo Pessoal



47| Vista Panorâmica, trilho de Trekking, Trail e Offroading desportos motorizados todo terreno: Arquivo Pessoal



48| Vista Panorâmica a partir do vértice geodésico: Arquivo Pessoal



49| Steffen Remter - Fotomontagem "The Worlds Biggest Gate"

A proximidade entre o lugar de implantação e o parque eólico existente aparece inicialmente como uma condicionante visual, mas que, ao longo do tempo entendeu-se que não, pois a sua presença visual ajuda a localizar o lugar do projecto, visto que este tem como intenção não se destacar na paisagem. E, à posteriori do conceito e da problemática inicial, surge uma analogia à história de Dom Quixote em que o cavaleiro e o seu fiel escudeiro percorriam montes e vales, enfrentando moinhos de vento e cavaleiros imaginários em nome da justiça. Onde a escala monumental das eólicas, comparada com a escala familiar do projecto fomenta ainda mais a reflexão, imaginação e a capacidade de transformação perante o contexto, que se altera, dependendo do nosso conhecimento e da mentalidade de cada um.

“O peregrino que chegava a S. Pedro, em Roma, devia sentir-se como Gulliver na terra dos gigantes. Tudo era harmónico, porém adaptado a colunas ultralongas. Desde então estabeleceu-se uma diferença essencial entre proporções da arquitectura monumental e a dos edifícios domésticos. O edifício monumental tornou-se ainda mais eficaz quando colocado numa fileira de estruturas comuns, como ocorreu com várias igrejas italianas durante o período barroco. Os edifícios domésticos também tinham as suas regras definidas de proporcionalidade que eram menos elásticas e não se baseavam em módulos de coluna mas em dimensões humanas, determinadas de maneira puramente prática” (Rasmussen, 2007, pág.103).

As acessibilidades ao edifício têm como objectivo criar o mínimo de pegada ecológica no lugar, daí, o aproveitamento dos caminhos existentes. O caminho criado para as eólicas é o único que serve de acesso ao edifício através de veículos a motor. No entanto, esse acesso é de cariz limitado, pois só para efeitos de manutenção, prevenção, e em caso de utilizadores incapacitados, é que se torna possível tal aproximação desses veículos ao edifício.



50| Esculturas realizadas por William Ricketts, Mount Dandenong, Austrália (1898-1993).

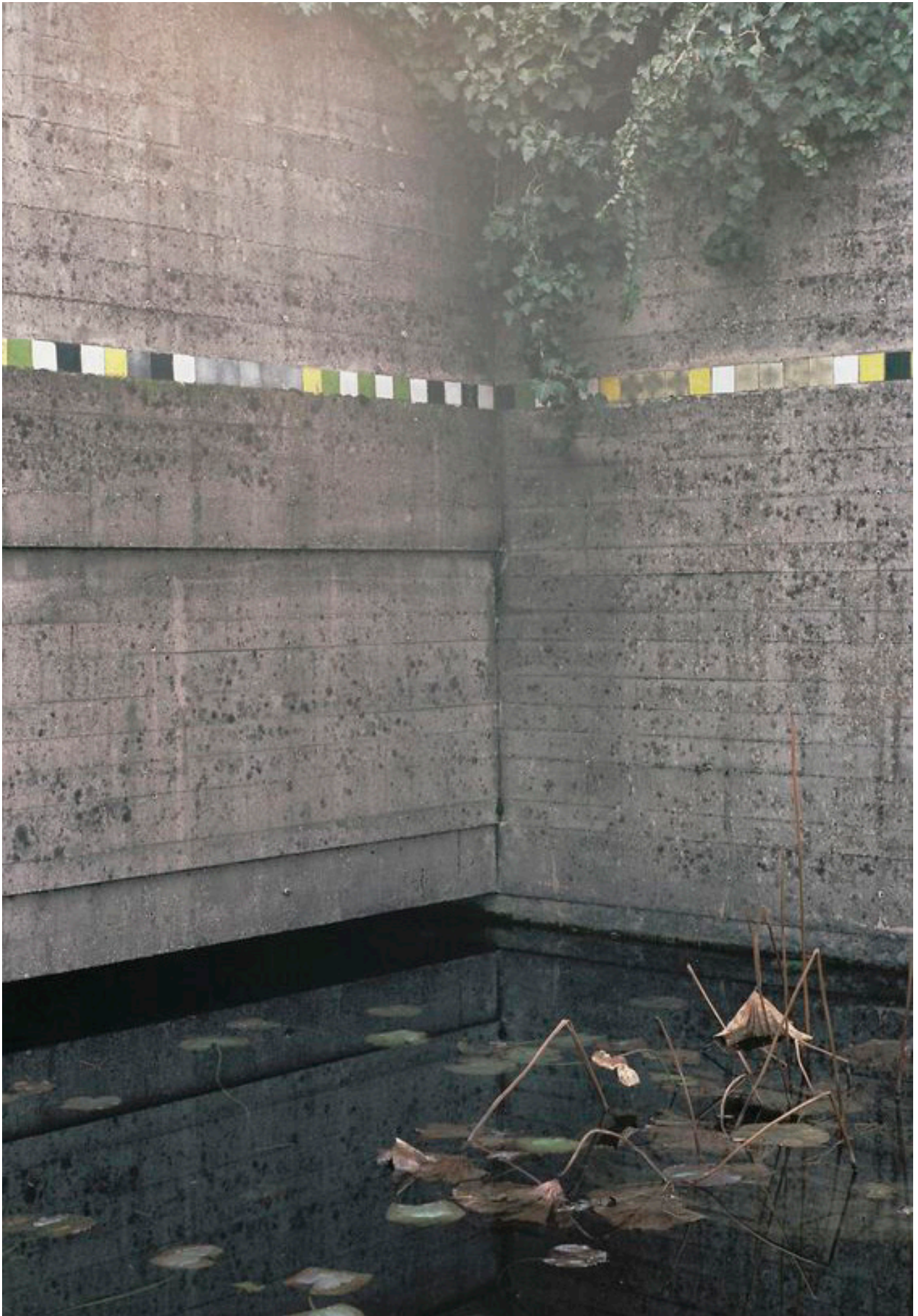
Desta forma, conseguimos preparar os utilizadores que não passam pelo processo da peregrinação, a desligar do seu quotidiano e usufruir daquele espaço com outra consciência, obtendo um impacto próximo, de quem faz o caminho a Santiago. Para isso, o estacionamento fica distanciado do lugar de implantação, sujeitando os utilizadores, a uma pequena caminhada sem visualizar a construção. Um percurso de transição que se exprime através de filtros, como a vegetação em seu jogo de luz e sombras, no próprio declive do terreno, e na possibilidade de introduzir uma maior carga dramática com a introdução de esculturas. Assim, ao longo do percurso vão se criando momentos em que o edifício vai aparecendo lentamente, onde vemos o plano horizontal que se rompe até ao horizonte, banhado de luz, como se de uma miragem se tratasse. Um momento de tensão entre esse plano, o horizonte longínquo que termina na junção do céu e do oceano e o imponente abismo criado por esse mesmo plano horizontal que parece brotar das entranhas da terra. Cria um distanciamento, e ao mesmo tempo uma aproximação, uma inter-relação entre o lugar, o objecto e o utilizador.



FORMA

A localização e o estudo morfológico, levou a ver o edifício como uma rocha, um maciço em que a iluminação surge de fendas e orifícios, irregularidades como podemos presenciar nas formações rochosas presentes no lugar. Estas massas rochosas foram um elemento compositivo fundamental que a par do estudo da envolvente, originaram a forma que deu origem ao edifício. No entanto o resultado final da forma é um resultado muito mais complexo, como refere Álvaro Siza, no livro, *Uma Questão de medida*, “A forma é... o fim, a ponta de um processo que nunca acaba. A forma é sempre qualquer coisa em aberto, que pode transformar-se, mudar e que, ao fim de um certo tempo, alcança os seus limites.” (Beaudouin, L. & Machabert, 2009, p.210), “A forma não é, portanto, o resultado de ter tomado em consideração de forma exclusiva, aplicada, rigorosa, absoluta, as condicionantes, mas de as ter superado. É aí que reside a autonomia da arquitectura.” (Beaudouin, L. & Machabert, 2009, p.211).

Aproveita-se a morfologia o melhor possível, de modo a que esta responda com melhor eficiência nas componentes térmicas e acústicas do edifício. O edificado encontra-se parcialmente enterrado no terreno por vários motivos, sendo um deles a estabilidade térmica e o isolamento acústico que o solo oferece. A vegetação é pensada e introduzida de maneira a retirar partido dela, tanto da sua proteção contra as intempérias, como de potenciador de sombra, de amortização de ruídos e de combate à erosão. Por outro lado, a vegetação tem também a potencialidade de introduzir no campo dos sentidos novas paletas de cor, texturas e aromas, que potencializam uma melhor recordação e experiência sensorial por parte dos utilizadores, com a mais valia de contribuir para a reimplantação da fauna e flora daquele lugar, muito fatigado pelos incêndios. Introduzir árvores de fruto que podem oferecer alimento, uma pausa revigorante aos peregrinos, um acto simples, mas perante as condições vividas, muito relevante.



52| Carlo Scarpa - Brion Vega Cemetery 1970-1972.

MATERIALIDADE

Passando da forma para a materialidade do projecto, esta tem como principal característica, não criar muito impacto com a envolvente, com a intenção que ao longo do tempo se vá fundindo com ela, diluindo-se para tornar-se parte integrante desta. Tornar-se visível na sua ausência! Dito isto, opta-se por utilizar o betão como principal elemento no exterior, devido à sua resistência e aparência “natural”, um material que na sua constituição advém do mesmo material em abundância no local, a pedra. No interior a madeira destaca-se, sendo uma matéria prima com muita presença no lugar, o que oferece à construção uma disparidade entre um exterior, áspero, rígido e frio, com a maciez, flexibilidade e conforto do interior.

A aparência, a dureza e a condutividade térmica dos materiais, foram pensados e introduzidos no edifício de forma a obter diferentes sensações entre o interior e o exterior, ao perto e ao longe. A nossa visão através da memória de outras experiências sensoriais, consegue transmitir essas características táteis à distância, e diferenciar o quente do frio, o macio do áspero, o robusto do frágil. “A visão revela o que o tato já sabe. Poderíamos considerar o tato como o sentido inconsciente da visão. Nossos olhos acariciam superfícies, curvas e bordas distantes; é a sensação tátil inconsciente que determina se uma experiência é prazerosa ou desagradável. Aquilo que está distante ou perto é experimentado com a mesma intensidade, ambos se fundem em uma experiência coerente” (Pallasmaa, 2011, p.40).

Ao longe quando visualizamos o edifício ele aparece como um volume de aparência homogénea, mas que é perfurado em alguns pontos, como uma pedra polida devido à erosão do vento e da chuva, que a desgasta, cria orifícios e que acaba por fissurar, porém através do tempo acaba por ganhar patines e acoplar vegetação. No entanto, ao aproximarmos-nos, a superfície homogénea ganha vida e textura, através da cofragem do betão que deixa marcas e alguns orifícios devido às bolhas de ar e ao mau assentamento da argamassa, o que lhe confere personalidade e singularidade.



53| Frederik Vercruyse - Aus der Serie Tempo Polveroso in der toskanischen Villa Lena.



54| Eduardo Chillida, Tindaya Mountain, Fuerteventura, Spain 1985.



55| Álvaro Siza Vieira - Complexo de Piscinas de Leça, Porto 1966.

“Mas a maioria dos edifícios compõe-se de uma combinação de duro e macio, leve e pesado, tenso e frouxo, e de muitas espécies de superfícies. Estes são todos elementos de arquitectura de que o arquitecto dispõe. E, para sentir a arquitectura, é preciso estar consciente de todos estes elementos” (Rasmussen, 2007, p.26).

Ao escolher o modo construtivo e os acabamentos teve-se em conta inclusive o carácter duradouro dos materiais, a sua idade experimental, o significado cultural e psicológico. Por esse motivo, não se tenta encontrar nenhum material ou método construtivo inovador, que, de certa forma, possuem acoplados o carácter superficial, necessitando de tempo para que se comprovem as suas qualidades e patologias e se afirmem, como um bom sucessor, tendo sempre em conta os seus prós e contras, o impacto que gere na sociedade, na Humanidade e na natureza.

“Quando, no caudaloso rio da Arquitectura, escolhemos a margem do silencio e da reflexão, longe da enxurrada mediática do star system, do ruído e da superficialidade, e mais próximos da procura da verdade dos filósofos, e também dos arquitetos, sentimos a necessidade de fixar por escrito os princípios em que nos sustentamos, os nossos Principia” (Baeza, 2013, p.11).

Daí optar-se por usar métodos construtivos mais convencionais, visto que resolvem as necessidades e salvaguardam o conceito do projecto, o de invocar ao passado, às memórias, às origens, ao lar, à caverna, a um sítio ermo, onde o tempo de certa forma fica suspenso, e não sentimos a fugacidade da vida moderna. Cria uma rutura originando, por sua vez, uma realidade paralela.

No entanto, usar métodos e materiais construtivos mais “vulgares” não impede que a sua abordagem e aplicação não seja diversificada e de certa forma inovadora, pois, como Peter Zumthor refere, “os materiais são infinitos – imaginar uma pedra que podem serrar, limar, furar, cortar, polir e ela será sempre diferente” (Zumthor, 2006, p.24-25), no entanto, não deixa de ser uma pedra, a sua essência permanece, não a questionamos enquanto material, não cria dúvida ou insegurança.



56| Robert Kolbrener - Sharon Cliff Wall, CO, 1998.

Encontro em Alberto Caeiro, nos "Poemas Inconjuntos" uma certa analogia com aquilo a que me refiro:

“... ”

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.

Não me ponho a pensar se ela sente.

Não me perco a chamar-lhe minha irmã.

Mas gosto dela por ela ser uma pedra,

Gosto dela porque ela não sente nada.

Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo...”

(Caeiro, 2013, p.100)

Não deixa de ser uma pedra como refere Caeiro, um elemento físico inanimado, todavia é o homem que lhe dá significado, propósito na sua vida, e sem ele não passa de um mineral, algo completamente consumado no nosso conhecimento.

A pedra, a par da madeira, sempre acompanhou o homem na sua evolução. Do primeiro refúgio do homem, que surge nas fendas das pedras que se denominam como caverna ou gruta, aos primeiros utensílios, às primeiras construções, entre tendas e pedras de grandes dimensões emparelhadas, que sucederam a outras trabalhadas e organizadas e mais tarde emparelhadas e ligadas com argamassa. Estas, nos dias de hoje, são transformadas em várias formas, de tal maneira que algumas viram pó que, como resultado final, dão origem ao material utilizado no projecto; o betão. Como se pode verificar existe uma ligação e relação histórica entre estes materiais e o Homem, um vínculo enraizado, que ainda perdura nos dias de hoje.



57 | Tadao Ando - Casa Koshino 1979-81.

“Assim como o betão, que também é perfeitamente controlável. O betão, que é a materialização da permanência. Da eternidade” (Baeza, 2013, p.82).

Esta intenção de obter uma materialidade duradoura, remete por si só, à procura incessante do Homem desde o início dos tempos, de conseguir, que as suas obras permaneçam após a sua morte. Mas, como se sabe, nada é eterno, tudo tem um ciclo de transformação: o nosso curto tempo de vida é que nos impede de testemunhar esses factos pessoalmente. Citando a máxima atribuída a Antoine Lavoisier, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, que por outras palavras o pintor Renoir coloca como “Tanto na arte como na natureza, aquilo que tomámos como inovação é, no fundo, uma continuação mais ou menos modificada do antigo” (Feist, 2006, p.84), o que vai, de certo modo, de encontro ao pensamento de Álvaro Siza Vieira em relação ao papel da arquitectura, na importância e capacidade que esta tem de transformar a sociedade, quando este refere que, os “arquitetos não inventam nada, transformam a realidade” (Pallasmaa, 2017, p.119).

“E se as raízes da Arquitectura estão na Memória, no passado, também o futuro da Arquitectura reclama a Memória. O desejo da Arquitectura de permanecer no Tempo encontra-se na sua capacidade de perdurar na memória dos homens. O forte desejo de persistir que Paul Eluard considerava ser o impulso original da criação poética é-o também de qualquer criação artística. E, principalmente, da Arquitectura. O que tão bem expressava o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade: «Estou cansado de ser moderno; agora quero ser eterno»” (Baeza, 2013, p.50-51).

A realidade como a História tem demonstrado é algo que se transforma e se cria, no entanto, esta vai se alterando devido ao “processo” da natureza humana, a humanidade. Este processo, criou ao longo do tempo, várias realidades e mentalidades. No entanto a capacidade do ser humano de reinterpretar e ultrapassar os obstáculos do foro mental e material proporcionaram, através de descobertas científicas, tecnológicas, novas formas de “ver” a realidade, dando origem àquilo que somos hoje e permitindo uma evolução.



58| Panteão, Roma: Arquivo Pessoal.

Ao refletir sobre esta evolução, percebemos o impacto que alguns acontecimentos provocaram para que a actualidade seja tal como é. Imagine-se os romanos não tivessem inventado uma das primeiras argamassas, mais semelhantes aos actuais cimento e betão, que esta, depois de seca, obtia a mesma consistência e solidez da pedra dando a possibilidade de construir com maior facilidade coberturas abobadadas ou paredes arredondadas entre outras coisas. Não existiria sem este desenvolvimento o Panteão de Roma, entre outras construções importantíssimas desse tempo. Vamos imaginar a importância que teve no século XIX a invenção dos tubos de tinta, que sem estes os artistas tinham muitas dificuldades de sair do seu atelier e pintar as paisagens magníficas por este mundo fora. Imaginem a rutura que existia na história da humanidade se tal desenvolvimento e criação não surgisse a tempo de artistas como Cézanne, Monet ou Pissarro, hoje em dia não existiria o impressionismo. Ou como refere Jason Silva “...quão empobrecido o mundo teria sido se a tecnologia do instrumento musical não aparecesse a tempo da genialidade de Beethoven” (Silva, 2014, *The Power of Possibility*, tradução feita pelo autor).

No entanto, todos esses momentos e os seus desenvolvimentos tecnológicos foram fundamentais e contribuíram para que a realidade dos nossos dias seja tal como a conhecemos. Citando Ernest Becker “O artista incorpora o mundo, mas em vez de ser oprimido por ele, ele o esculpe na sua própria personalidade e recria o mundo no trabalho da arte” (Silva, 2014, *The Ecstasy of Art*, tradução feita pelo autor). É, o ser humano, que cria e transforma aquilo que tem ao seu dispor naquele espaço/tempo, é ele quem é capaz de reinterpretar, questionar, explorar novas possibilidades e evoluir, criando assim novos paradigmas, novos conceitos, novas ferramentas e contribuindo para a continuidade evolucionar da humanidade. Sempre com a premissa de que, “se quisermos criar algo novo, devemos estudar o que é mais antigo” (Aulis Blomstedt, Pallasmaa, 2002, p.107).

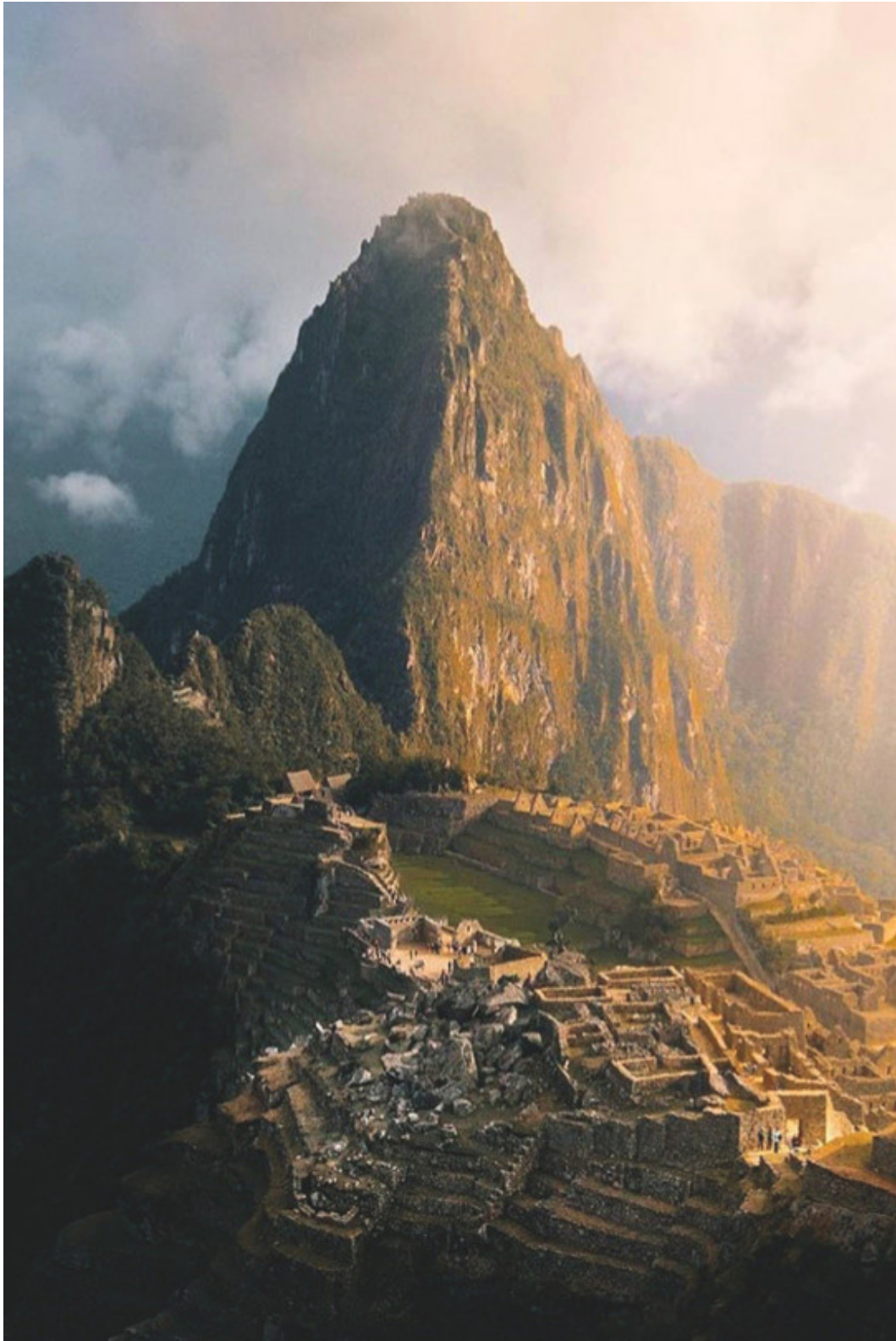


59| Tammam Azzam - "From Sham with Love".

Concluindo, a matéria e a realidade têm um início e um fim, com mais ou menos longevidade que acaba por se transformar em algo novo e diferente. No entanto, os significados que o Homem incorpora nessa mesma matéria e realidade, prevalece até à sua extinção. Com isto se justifica a escolha de utilizar materiais mais convencionais e que, de certa forma, remetem-nos ao passado. A algo com significado, de modo a poder projectar melhor o futuro.

“Grande parte da Arquitetura que hoje vemos construída tem pouco interesse e há razões claras para isso. O capricho e a superficialidade substituíram os princípios vitruvianos e estão a colocar de pé uma Arquitetura contemporânea que se desmorona, que se nos desfaz nas mãos. Apenas o regresso ao ponto de partida, à origem, poderá continuar a abrir novos caminhos para o futuro da Arquitetura”

(Baeza, 2013, p.21-22).



60| Machu Picchu, Cusco, Peru.

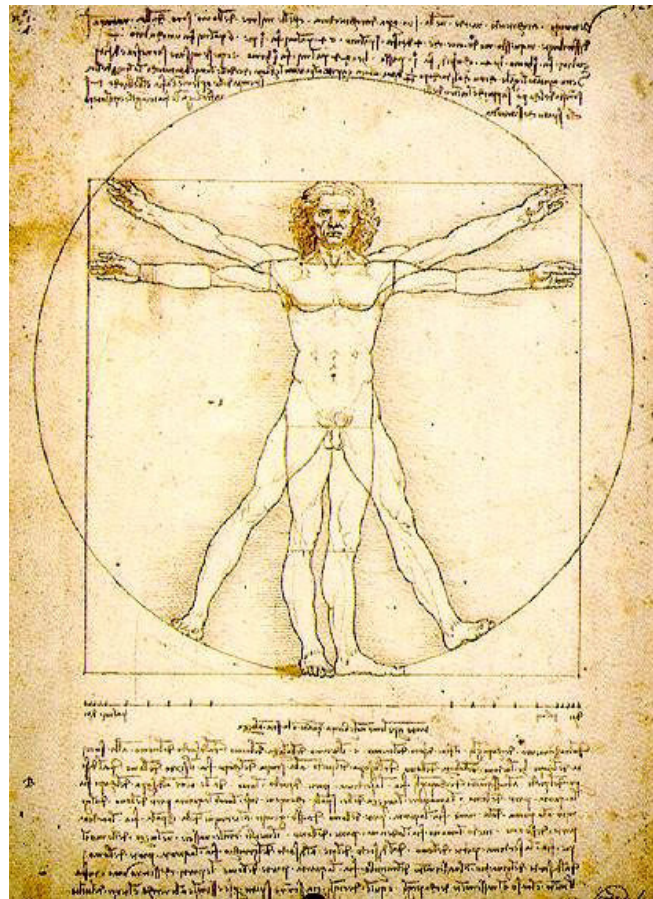
ESCALA, PROPORÇÃO, HARMONIA

A arquitectura proporciona um lugar construído, e como refere Gaston Bachelard “Nossa casa é nosso rincão no mundo (...). É nosso primeiro universo, um cosmos real em cada acepção da palavra (...). É um instrumento para confrontar o cosmos” (Pallasmaa 2017, p.90). Mostra a necessidade que temos de humanizar os espaços de maneira a criar um lugar concebido pelo Homem, onde a sua compreensão já está enraizada no nosso subconsciente desde o nascimento, pois o que ela nos oferece é uma medida, uma escala, uma organização humana perante a imensidão, a infinidade e o caos que sentimos perante o cosmos.

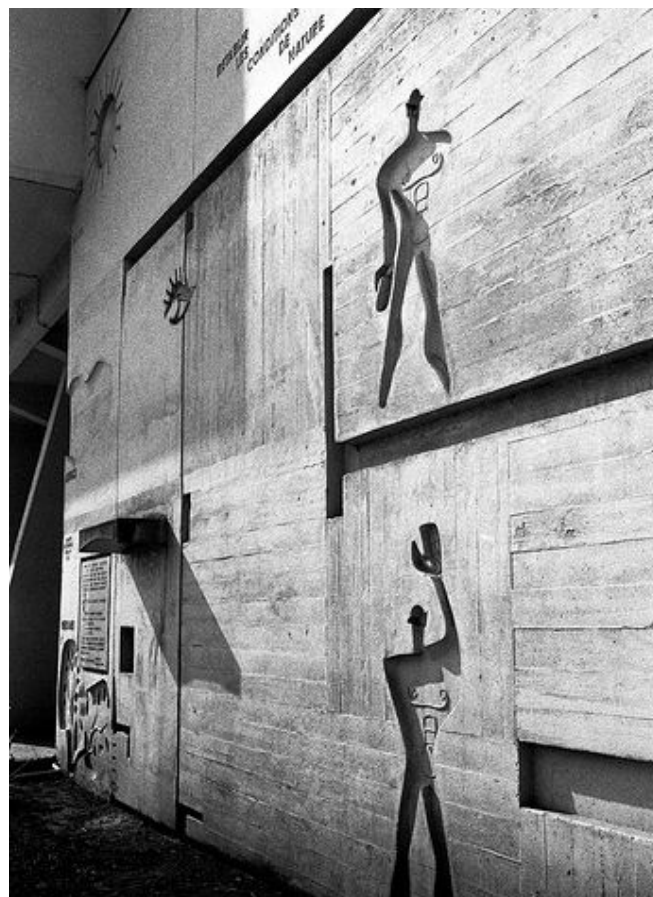
“O livro “the ravenous brain” fala sobre a ideia, de que a consciência é obcecada com o padrão. Padrão é estrutura, a estrutura no meio do caos, um sinal no ruído. E quando encontramos padrões, quando ligamos os pontos, experimentamos esse êxtase cognitivo, essa excitante tempestade neural” (Silva, 2014, The Ecstasy of Curiosity).

Campo Baeza, no seu livro “Pensar com as mãos” menciona que o domínio espacial por parte do Homem perante a natureza está presente desde que este se abriga na caverna e intensifica-se quando se torna nómada. Esta evolução pode estar relacionada com a interpretação e compreensão dos abrigos produzidos pelos animais, provocando na sua mente a possibilidade de uma habitação construída por si. Porém ao contrário destes, o ser humano marca o lugar escolhido com geometria, reforçando as ideias introduzidas anteriormente, à necessidade deste criar uma estrutura, um espaço feito a sua medida, à sua escala.

“... conclui o arquitecto, já acordado, que a arquitectura, o domínio do espaço, é uma simples questão de medidas, de dimensões domináveis, que é preciso pôr em relação com as dimensões do homem.” (Baeza, 2011, p.24).



61| Leonardo da Vinci - Homem Vitruviano 1490.



62| Le Corbusier - Unité d'habitation, Berlin 1956-58.

A importância de criarmos um mundo à nossa escala, à nossa medida, está presente em todas as artes através da matemática, uma ciência do raciocínio lógico e abstrato, que leva essa noção de medida ao extremo. Uma das máximas atribuídas ao Matemático Marston Morse refere que, “mathematics is the sister, as well as the servant, of the arts and is touched by the same madness and genius”.

A Matemática tornou possível ver e compreender o mundo de outra forma desde a antiguidade. Nomes como Phidias, Platão e Euclides, dão início a este conceito matemático da proporção, da secção áurea à equação que origina o Pi. Euclides é o primeiro a referir estes conceitos através da sua obra literária “Os Elementos”. A secção áurea pode ser definida geometricamente como uma linha que é dividida de tal modo que a parte mais pequena está para a maior, assim como a maior está para o todo. Posteriormente no século XIII Leonardo Fibonacci com a sua sequência de números encontra uma relação directa com a proporção áurea, e que mais tarde, com o estudo da natureza, no caso específico das plantas pois que estas refletem os seus números. Todavia, ao aplicar estes números, este conceito matemático nas proporções de um rectângulo, originamos o tão harmonioso e conhecido nas artes, rectângulo de ouro.

“O número de ouro, como se sabe na arquitectura, na biologia, na filosofia e no misticismo, é um número com características especiais. Se num rectângulo a largura for de um, e o comprimento, o número de ouro, esse rectângulo é considerado “harmonioso”. Retirando um quadrado, obtemos um rectângulo com as mesmas proporções. E é assim que, gradualmente, se forma a espiral de ouro.” (Broué, 2018, François Mitterrand: Arquitecto de Mistérios).

Há quem refira que foi a partir do século XVI, com a obra do monge italiano Luca Pacioli, intitulada “De Divina Proportione” que as artes, mais precisamente a pintura e escultura, introduziram as proporções áureas nas suas obras. Curiosamente, Leonardo Da Vinci era amigo de Pacioli sendo este o ilustrador do seu manuscrito e tê-lo há influenciado, pois também ele explorou estes conceitos nas suas obras.

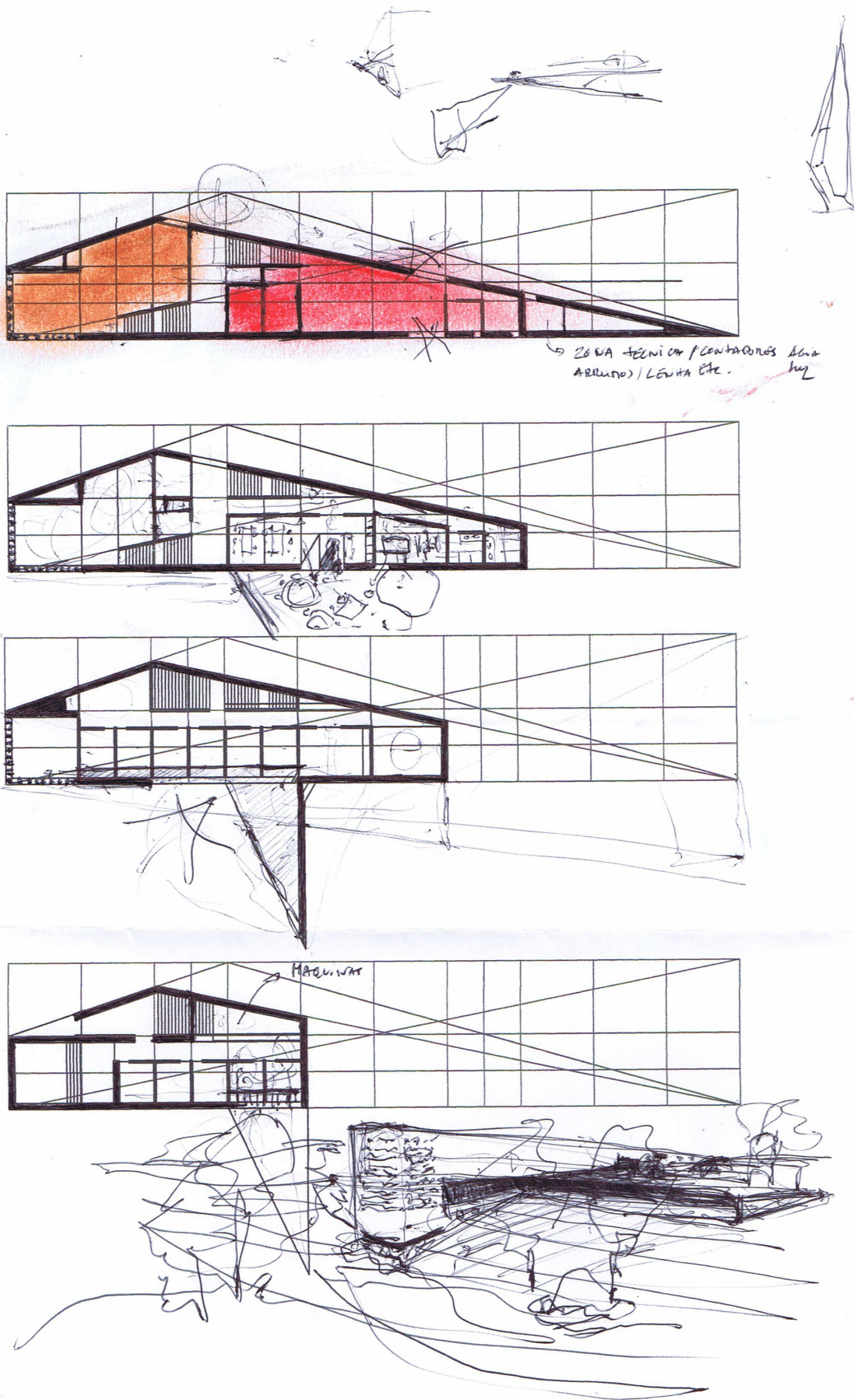


63| Joel Krebs - "o futuro da terra".

Mais tarde, Le Corbusier cria um sistema de medidas desenvolvido por si que tem por base o corpo humano, a matemática e as proporções áureas, que por sua vez dão origem ao nome do sistema, Modulor, pois consiste na união entre as palavras francesas *módulo* (módulo) e *or* (ouro). “Sente-se que a Antiguidade, com a sua combinação de misticismo religioso e intuição artística, perdura nesse homem que, para muitas pessoas, se ergue como o representante da clareza racional e do pensamento moderno. Originalmente, Le Corbusier estabeleceu a medida de 175 cm como estatura do homem comum. Dividiu essa figura segundo a secção áurea e obteve 108 cm. Tal como Leonardo da Vinci e outros teóricos renascentistas, Le Corbusier descobriu que isso correspondia à altura que vai do chão até ao umbigo do homem. Cria-se que havia um significado mais profundo no facto do homem, a mais perfeita criação da natureza, tinha as suas proporções em concordância com essa nobre razão matemática e de que, além disso, o ponto de intersecção era nitidamente marcado por um pequeno círculo” (Rasmussen, 2007, p.99-100).

Para muitos arquitectos, estas medidas de ouro são uma ferramenta essencial para a concepção das suas obras, e de facto, muitos têm partido delas para criar e explorar novos sistemas de medidas. O arquitecto Leoh Ming Pei é um exemplo disso quando refere que as utilizou na concepção da pirâmide do Louvre.

“As proporções da pirâmide de vidro e da de gizé são semelhantes. Porquê? A secção dourada, ou triângulo dourado, estudado na altura, mantém-se ainda válido para mim. Tentei muitas outras formas, muitas medidas, mas acabo por voltar à proporção do número de ouro dos egípcios” (Broué, 2018, *François Mitterrand: Arquitecto de Mistérios*).



64 | Desenhos de desenvolvimento, projecto: Arquivo Pessoal.

No caso específico do projecto elaborado tem se em conta estes sistemas métricos, como também, as medidas e escala que o próprio lugar fornece, tentando de certo modo criar um equilíbrio entre ambas. Utiliza-se inicialmente uma métrica de três por três que se multiplica e divide consoante as necessidades e intenções, que origina uma malha bidimensional horizontal, uma dimensão dominável para projectar e organizar espaços, que, a partir desta e da envolvente, criam um diálogo geométrico, matemático, e de bom senso, onde se tenta eliminar as condicionantes e introduzir as necessidades do mesmo. A nível vertical utilizou-se a mesma regra matemática, onde se utilizou múltiplos e divisores de 3 e, paralelamente, o estudo e a aplicação nos alçados das medidas de ouro.

Marshall McLuhan refere, “Primeiro construímos as ferramentas, e depois elas constroem-nos.” (Silva, 2015, *Captains Of Spaceship Earth*, tradução pelo autor).

Esta dualidade, acção/reacção, este desejo de transformar o mundo à nossa imagem, leva a que, o próprio mundo nos transforme perante aquilo com o que nos deparámos, dando-se a evolução. As gerações futuras vão ser influenciadas por aquilo que nós deixámos no mundo. Temos sempre um ponto de partida, já estabelecido. Como refere Pallasmaa “Na descrição de Okakura o presente e o ausente, o próximo e o distante, o sentido e imaginado se fundem. O corpo não é uma mera entidade física; ele é enriquecido pela memória e pelos sonhos, pelo passado e pelo futuro” (Pallasmaa, 2011, p.42-43).



65| Jeryl Tan - Montanha Agung , Bali, Indonesia.

IMAGINAR = LIBERDADE = SIMPLICIDADE = QUALIDADE

Erik Davis, “O processo de desenvolvimento humano alcançou uma velocidade infinita, tudo está conectado com tudo e a matéria tornou-se mente...” (Silva, 2013, Singularity, tradução feita pelo autor).

O poder de imaginar é muito importante no ser humano, pois como Carl Sagan refere numa das suas máximas, “a imaginação muitas vezes conduz-nos a mundos a que nunca fomos, mas sem ela não iremos a nenhum lugar”. Esta capacidade, ilimitada por certo, abre-nos uma panóplia de possibilidades, originando de certa forma um escape do mundo existencial, criando uma espécie de liberdade mental, que como Sartre, refere numa das suas máximas, “Because we can imagine, we are free”. Ao ganhar esta liberdade, potencia-se um pensamento desprovido de condicionantes e propício a criar coisas novas, diferentes. A, no fundo, evoluir. Esta liberdade obtida através da imaginação leva, consoante uma máxima de Joan Miró, “to gain freedom is to gain simplicity”, sendo que, essa simplicidade, não se entende por simplista por ter uma lógica simples; pelo contrário é tornar algo complexo que engloba uma multiplicidade de coisas, numa única, resumida, concentrada e simples. Leonardo da Vinci numa das suas máximas, afirma que, “A simplicidade é o último grau de sofisticação”

“Proponho uma arquitetura essencial construída apenas com o indispensável número de elementos. Uma arquitetura precisa e exata. Uma arquitetura lógica e simples. (...) A qualidade da Arquitetura não se mede pela maior dimensão das obras. Mede-se sim, na capacidade de parar o tempo nelas, de suspendê-lo, de nelas convocar a Beleza. (...) Se essa Arquitetura essencial de que falamos utiliza poucos elementos é porque todos eles são necessários e são verdadeiros. Não sobra nem falta nenhum deles, e cada um funciona com a máxima intensidade. Dessa verdade surgirá a beleza dessa Arquitetura.” (Baeza, 2013, p.17-18-21)



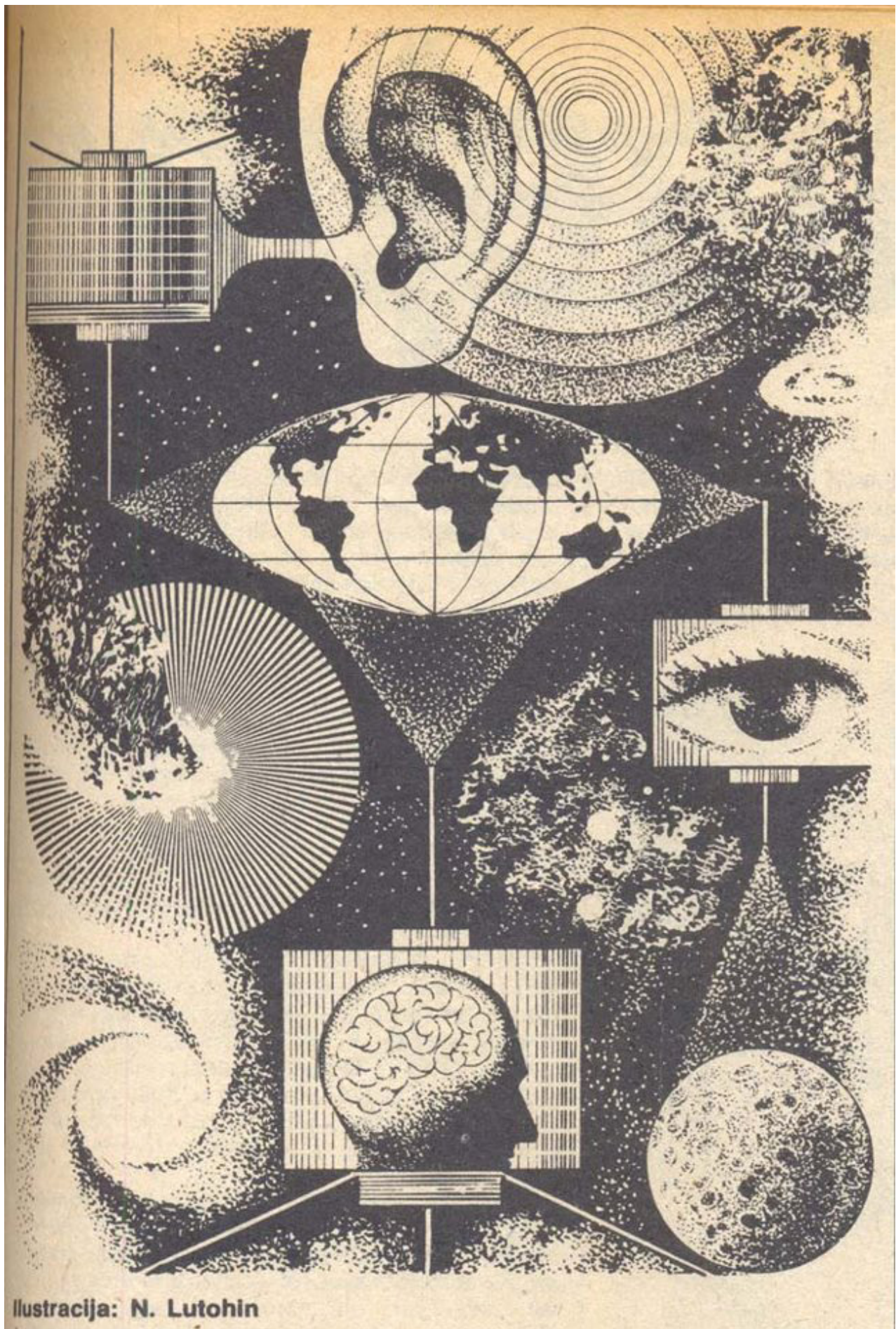
66| Luis Barragán - Praça e Fonte del Bebedero, México 1959.

Grandes arquitectos conseguiram alcançar esta simplicidade nas suas obras. Destaco dois grandes exemplos, Mies Van Der Rohe e Luís Barragan que espelham e personificam esse último grau de sofisticação como referido por Leonardo Da Vinci.

“O sonho, a obsessão de Mies foi, de alguma maneira, oferecer à humanidade a caixa de vidro. O deus branco da Arquitectura colocou o homem vertical sobre o plano horizontal para que este dominasse a terra. E cobriu-o com um plano para o proteger da chuva e da neve. E circundou-o de vidro transparente para o proteger do frio e do vento. E assim deu-lhe quase tudo, com quase nada. Mais com menos” (Baeza, 2013, p.98).

Louis Kahn escreve, “...descobri que é um homem absolutamente notável... os seus jardins não têm mais que um pequeno jorro de água e são, no entanto, tão imensos que todos os arranjos paisagísticos do mundo não poderiam igualá-los.” (Barragán: obra completa, 2003, p.33), sobre Luis Barragan.

Crê-se que é este um dos principais objectivos do arquitecto e que se tenta materializar nesta obra: criar construções aparentemente simples e coesas, mas que por detrás dessa simplicidade existe toda uma complexidade conceptual, construtiva e funcional.



Ilustracija: N. Lutohin

TRANSCENDÊNCIA

Mariana Benjamin refere, “O que a era espacial estava a procura não era de uma expansão do espaço físico, mas uma expansão da mente.” (Silva, 2013, Exploring Space: Cosmic Revolutionaries, tradução feita pelo autor).

O tema da transcendência surge de uma reflexão pessoal, que originou várias perguntas; como era possível um acto de criação do Homem conseguir criar múltiplas manifestações sensoriais e mentais no seu igual? Como, e com que ferramentas estes conseguem criar um meio para que outros pudessem transcender? Ir além do ordinário; elevar-se acima do vulgar. Criar através das suas obras, sejam elas arquitectónicas, literárias ou artísticas, devaneios, significados momentâneos ou eternos, que influenciam a vida e o modo como a vemos, pensamos e vivemos. Obras que criam pontos de rutura e/ou de iniciação de uma nova fase a nível psicológico. Será que é só necessário no âmbito arquitectónico, uma arquitectura excepcional para isso acontecer? O que a torna excepcional? Ou além disso é essencial que o utilizador compreenda o que lhe induzem a ver e sentir? ir com a mente aberta para absorver toda a experiência? ir com olhos de ver e corpo de sentir? Ver com consciência, de quem quer perceber além do óbvio! Penso que estas perguntas são fundamentais para tentar esclarecer este fenómeno.

A transcendência é um tema muito complexo que tem vindo a ser estudada já há alguns séculos, criando alguma controvérsia entre pensadores, por isso neste subcapítulo não se pretende obter uma conclusão sobre o que é ou não a transcendência, mas sim criar a possibilidade de a compreender melhor.

Encontra-se fundamentos através da evolução da humanidade, com a procura incessante do ser humano pelo significado existencial e com a necessidade de pertencer ou saber que existe algo superior, que o transcende e permite transcender. Como refere Jason Silva, “nós somos uma espécie que transforma e transcende. Nunca paramos. Sempre mudamos. É o que nós somos.” (Silva, 2014, To Be Human Is To Be Transhuman, tradução feita pelo autor). A transcendência manifesta-se através do ser humano e pensa-se que esta surgiu através da evolução do mesmo.



68| Gustave Doré - The Confusion of Tongues 1832 - 1883.

O fenómeno da transcendência, com base na informação recolhida, aparece como uma acção humana, um processo mental, que ocorre de modo espontâneo num espaço/tempo específico onde múltiplos factores individuais contribuem para que esse fenómeno floresça. Uma atmosfera ou um objecto que evoque a memória, as vivências, os sentidos e as emoções pode desencadear em quem a experienciar, o fenómeno da transcendência.

Marshall McLuhan refere, “Somos desenhados por aquilo que projectamos. Há uma espécie de circuito de retorno da mente, ferramenta e mundo, que radicalmente redefinem os nossos limites, essa radicalidade transformou o que significa ser humano.” (Silva, 2015, *Captains Of Spaceship Earth*, tradução feita pelo autor).

A transcendência ocorre através de informações entre o sujeito e objecto, em que o objecto pode ser qualquer coisa, material, ser vivo ou inanimado. Como Gustavo Fraga refere, “Dificuldade realmente grave é a do paradoxo da subjectividade humana, por um lado, sujeito para o mundo, por outro, simultaneamente, objecto no mundo.” (Fraga, 1966, p.207).

Para tentar explicar melhor o fenómeno da transcendência é necessário compreender de onde surge e porque pensamos que só acontece no ser humano. Como se refere inicialmente a transcendência aparece com a evolução do homem, no entanto desde a criação da humanidade vários factores naturais tiveram e ainda tem nos dias de hoje grande influencia sobre nós como a luz do sol, a escuridão da noite, o peso da gravidade, o vento, a água, o frio e o calor entre outros. Todos estes elementos não foram criados pelo Homem e no entanto permanecem com ele ao longo da sua evolução originando neste, um caracter de permanência e existência. Estes elementos podem-se sintetizar na “Essência” do mundo natural, que cria unidade, o sentido do absoluto. Através das essências do que nos rodeia interpretamos e criamos símbolos, naturais e humanos.

“Alberto Caeiro

No dia brancamente nublado entristeço quase a medo

E ponho-me a meditar nos problemas que finjo...

Se o homem fosse, como deveria ser,

Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,

Animal directo e não indirecto,

Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às coisas,

Outra e verdadeira.

Devia haver adquirido um sentido do «conjunto»;

Um sentido, como ver e ouvir, do «total» das coisas

E não, como temos, um pensamento do «conjunto»;

E não, como temos, uma ideia do «total» das coisas.

E assim — veríamos — não teríamos noção de conjunto ou de total,

Porque o sentido de «total» ou de «conjunto» não seria de um «total» ou de um «conjunto»

Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

O único mistério do Universo é o mais e não o menos.

Percebemos demais as coisas — eis o erro e a dúvida.

O que existe transcende para baixo o que julgamos que existe.

A Realidade é apenas real e não pensada.

O Universo não é uma ideia minha.

A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.

A noite não anoitece pelos meus olhos.

*A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.
Assim como falham as palavras quando queremos exprimir qualquer pensamento,
Assim falham os pensamentos quando queremos pensar qualquer realidade.
Mas, como a essência do pensamento não é ser dita, mas ser pensada,
Assim é a essência da realidade o existir, não o ser pensada.
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.
O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.
O espelho reflecte certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.
Estas verdades não são perfeitas porque são ditas,
E antes de ditas, pensadas:
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias
Na negação oposta de afirmarem qualquer coisa.
A única afirmação é ser.
E ser o oposto é o que não queria de mim...*

1-10-1917”

(Pessoa, 1994, p.135)



69| Mariano Peccinetti - Harmony with flowers, 2013.

“«Martin Lings (2006, p.1), historiador e poeta inglês, afirma que “(...) um símbolo é a reflexão ou a sombra de uma realidade superior”, sendo esta realidade superior o reino das essências, ou arquétipos, que são as raízes imateriais de todas as coisas reais que percebemos e experimentamos. Os símbolos são na verdade arquétipos vistos através do véu das limitações humanas e, portanto, são particulares, enquanto os arquétipos são gerais. É por isso que todas as religiões são construídas em redor de símbolos - estes são a única maneira possível de se re-conectar ao "Arquétipo Supremo". (Loureiro, 2012, p.6, tradução realizada pelo autor) .

Logo, o fenómeno da transcendência tem sempre o carácter pessoal, contudo a essência é comum a todos. No entanto as influências internas como a nossa memória, as nossas experiências vivenciais, a consciência, a percepção, o significado, os sentidos e a interpretação, faz com que o objecto ou a “coisa” seja vista e interpretada de varias formas e criam diferentes sensações e significados em cada um. Qualquer que seja o resultado, a transcendência liberta-nos do espaço/tempo como o próprio significado da palavra refere, superar barreiras e atingir um nível mental superior.

É como William Blake refere num dos seus poemas, “«Ver um mundo num grão de areia/ e um céu numa flor selvagem / é ter o infinito na palma da mão / e a eternidade numa hora». (Baeza, 2013, p.97) ter a capacidade de no espaço tempo real, palpável, imanente, nos projetarmos para outra realidade, outra dimensão mental, ter um êxtase de compreensão sobre aquilo que vemos e sentimos. É de certa forma a existência de dois mundos, que na realidade não funcionam um sem o outro, estando estes em constante correlação, o físico e o metafísico, ou seja, como Nisargadatta refere, “O outro mundo, é este mundo, visto da maneira correcta.” (Silva, 2016, Attention, tradução feita pelo autor).



70 | Al Khazneh “O tesouro”, Petra, Jordânia.

“Vivemos em um mundo de espírito, ideias e intenções humanas, mas também existimos em um mundo de matéria sob as quantidades e qualidades do mundo físico. Temos dois domicílios que constituem uma singularidade existencial: um na historicidade do pensamento e da emoção humanos, o outro no mundo da matéria e dos fenômenos físicos. Merleau-Ponty caracterizou as pinturas de Paul Cézanne como “a maneira como o mundo nos toca”, mas também como tocamos nosso mundo.” (Pallasmaa, 2018, p.60).

No âmbito da arquitectura como objecto espacial, fabrica de vivências e memórias, boas e más, torna-a num marco importante para se obter através desta, o fenómeno transcendental.

“Contudo, as construções humanas também têm a tarefa de preservar o passado e nos permitir experimentar e compreender o continuum da cultura e da tradição. Não existimos apenas na realidade espacial e material, também habitamos em realidades culturais, mentais e temporais.” (Pallasmaa, 2018, p.13).

Arquitetura é como um portal para o passado, realidade para o presente e uma aspiração para o futuro.

“Um pouco como propunha Heidegger em O conceito do tempo: compreender a historicidade. Porque é a isso que os arquitetos devem aspirar: uma obra essencial, poética, capaz de os transcender, capaz de figurar na História, capaz de permanecer no tempo.” (Baeza, 2013, p.23).



71| Eric Giovon- Church Filmshoot.



72| Mustafa Hacalaki - Bordeaux, France.

Através da informação recolhida penso que arquitectura excepcional é aquela que consegue implantar “símbolos” arquitetónicos enraizados e essências naturais, obtendo com isso, uma maior capacidade de nos fazer transcender. A arquitectura proporciona através de “símbolos” continuidade temporal, noção de pertença, que por sua vez pode se traduzir num ambiente estável, confiável, absoluto, real, autêntico, que pode originar através da experiência estética do edifício, uma experiência transcendental.

Como relata Jason Silva, “quando estamos numa catedral gótica, e seja lá por que razão, eu não sou religioso, mas estás a ver os belos vitrais coloridos e o sol está a entrar, e talvez estás a ouvir alguma música fantasmagórica que te está a libertar da prisão da realidade. Isto é a “contemplação veneradora”, este é o lugar de catarse extática. Um momento de iluminação, e estes momentos onde nós tão profundamente perdemos, estes extremos momentos extáticos de fluidez que desligam o córtex pré-frontal lateral, que desligam o senso de auto percebimento, sabes... é esta... apoteose, esta morte e renascimento. É isto que procuramos nestas experiências estéticas, é isto que procuramos em experiências transcendentes, esmagar o nosso senso de separação em templos de fragmentação nessa forma de budismo electricamente mediado. É algo que é intrínseco ao desejo humano, desejar sonhar e perder-nos na imaginação.” (Silva, 2014, *The Revered Gaze*, tradução feita pelo autor).

“As obras que valem a pena transcendem-nos, transcendem os seus criadores e não nos pertencem. Pertencem já à Memória dos homens.” (Baeza, 2013, p.95).

“É o que acontece com a Arquitectura. A qualidade da Arquitectura não se mede pela maior dimensão das obras. Mede-se sim, na capacidade de parar o tempo nelas, de suspendê-lo, de nelas convocar a Beleza.” (Baeza, 2013, p.18).



VI

PROJECTO

“Afinal a obra é eternidade e as teorias circunstâncias.” (Carneiro, 1991, p.178)



74| Camarata, Albergue Casa do Sardão, Carreço, Viana do Castelo: Arquivo Pessoal.

Através de uma atitude reflexiva, com o intuito de reinterpretar conceitos, função e funcionamento dos lugares onde pernoitei como albergues, hostels, pavilhões e abrigos com o afastamento e a perspectiva de quem os usou e pretende projectar. Todos os lugares conseguem ter características diferentes e serem distintos uns dos outros, porém, a nível de programa não se diferenciam muito. O programa mais comum consiste em recepção, sala comum, sala de refeições, cozinha, wc's, lavandaria e espaços de dormir.

Muitos destes lugares são construções pré-existentes onde se tenta inserir um uso e programa diferente daquele para os quais foram concebidos. Isto origina imensas patologias construtivas e espaciais e gera várias disfuncionalidades que interessa constatar.

PROBLEMAS, PATOLOGIAS, CONSIDERAÇÕES

ZONAS DE DORMIR

As zonas de dormir são, na sua maioria, constituídas por camaratas que resultam bem se forem projectadas e dimensionadas com rigor e funcionalidade. Um espaço propício para nos sentirmos em comunidade e que simboliza, de certa forma, que pertencemos a algo.

Caso não haja as condições apropriadas que nos ofereçam um bom descanso, equilíbrio e serenidade, torna-se numa experiência deveras desconfortável. Daí ter se em conta neste levantamento e estudo relativos à experiência adquirida factores como, a privacidade, o conforto, a segurança, a acessibilidade, o espaço, a materialidade e a dimensionalidade.



75| Albergue Clube Celtas do Minho, Gondarém, Vila Nova de Cerveira: Arquivo Pessoal.



76| Camarata, Albergue Clube Celtas do Minho, Gondarém, Vila Nova de Cerveira: Arquivo Pessoal.



77| Camarata, Albergue S. Miguel Marinhas, Esposende: Arquivo Pessoal.

Estes espaços de dormir necessitam de lidar com muitos problemas. Desde a gestão dos diferentes horários de iniciação e desfecho das etapas e o transtorno adjacente das mesmas, à falta de privacidade, até ao próprio acto de dormir, que cria problemas, devido ao ruído emitido pelas pessoas enquanto o praticam.

A importância de controlar e minimizar o som ocorrente destas actividades, ajudam a criar um lugar mais confortável. Para isso, é necessário ter em atenção os materiais e a forma como são empregues, de modo a garantir uma melhor absorção e controlo do som. Até a qualidade dos tecidos e dos colchões implicam tanto no conforto como na acústica do espaço. Visto que, colchões de fraca qualidade, como “colchões de ginásio” provocam, ao mínimo movimento, barulho que incomoda quem dorme e quem quer dormir, e por consequência a contenção dos movimentos por parte destes, de forma a não perturbar os outros, provocam desconforto no próprio.

A iluminação artificial é um elemento fundamental, porém, se for mal empregue e controlada, interfere no descanso dos utentes, o que se verificou em muitos destes espaços, e coube ao bom senso de cada um proporcionar uma melhor estadia aos demais.

Outra questão é as aberturas e os factores adjacentes como a iluminação natural e a ventilação que dão origem à falta ou ao excesso de aquecimento/arrefecimento, assim como da redução ou ampliação do espaço. Contudo os métodos construtivos têm uma cota parte de responsabilidade no que diz respeito à térmica dos edifícios. Muitos deles são autênticos “bunkers”, onde a iluminação e ventilação são realizadas através de pequenas aberturas não existindo possibilidade de acesso, nem relação directa com o exterior, o que torna o lugar claustrofóbico. Outro factor a ter em consideração é a capacidade populacional em relação ao espaço, pois se não for proporcional, acentua esse carácter de clausura. A falta de ventilação em si, torna-se um elemento mais importante que a luz natural, pois esta, por sua vez é sempre substituída por luz artificial, excessiva e desagradável. Porém, resolver o problema da renovação do ar é uma questão



78| Camarata, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.



79| Camarata, Albergue Santiago Apostol, Redondela: Arquivo Pessoal.

mecânica mais complexa e dispendiosa, que ao não ser resolvida de forma eficaz, resulta num sobreaquecimento do espaço, que por sua vez realça e provoca criação de odores que tornam o ar denso e decerta forma irrespirável, intensificando ainda mais a má experiência.

Ter em conta o dimensionamento dos espaços e do mobiliário, a sua acessibilidade e a distância entre os mesmos, pois se assim não acontece a acessibilidade às camas torna-se difícil e acabamos por invadir o espaço alheio, ou seja, acabamos por perturbá-los. Também, a falta de espaço, juntamente com a inexistência de um espaço específico para fazer curativos, transformam a própria cama em banca e maca de improvisada enfermaria, o que pode resultar, devido a essa proximidade, num mau desfecho curativo.

Outra questão muito importante é a necessidade de salvaguardar os nossos bens, e a proximidade destes para o seu usufruto. Porém, em alguns casos notou-se deficiências nesses aspectos, na sua maioria há poucos espaços de arrumação segura e quando existiam não tinham dimensões suficientes para guardar os bens.

A materialidade utilizada no espaço interfere no ambiente construído, alterando a sua “atmosfera”. Pode torná-lo mais acolhedor e confortável ou o contrário. Isso sentiu-se claramente no caso dos dormitórios de camaratas metálicas e pavimentos cerâmicos, que resultavam frios e desconfortáveis, contrapondo com os dormitórios com beliches e pavimentos em madeira, que se mostravam amenos e aconchegantes.

A última patologia encontrada no espaço de dormir foi a presença das zonas sanitárias nos próprios dormitórios, onde a inexistência de barreiras visuais e acústicas criam, devido aos possíveis sons e cheiros, desconforto nos demais.



80| WC's mistos, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.



81| Lavandaria, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.

CASAS DE BANHO/BALNEÁRIOS

Patologias encontradas, dimensionamento, higiene, localização, organização e privacidade. Todas, por incrível que pareça, eram mistas, algumas com louças mais recentes do que outras, com diferentes tamanhos, disposições espaciais, com ou sem aberturas, diversas materialidades, cores, pormenores, bons e maus. Defeito comum: pouca privacidade.

LAVANDARIA

Patologias encontradas, dimensionamento, localização e funcionalidade. Os únicos problemas que encontrados foram, a localização, falta de equipamentos e a ausência de lugares para estender roupa seja no interior ou exterior.

COZINHAS, SALAS DE ESTAR E JANTAR

Patologias encontradas, dimensão, localização, composição e funcionalidade.

PROGRAMAS E ESPAÇOS EM FALTA

Espaços exteriores como pátios, jardins, etc.
Enfermaria.
Espaços de relaxamento.
Minimercado, no caso de edifícios isolados.



82| Minimercado interno, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.



83| Oficina, Albergue Casa do Sardão, Carreço, Viana do Castelo: Arquivo Pessoal.



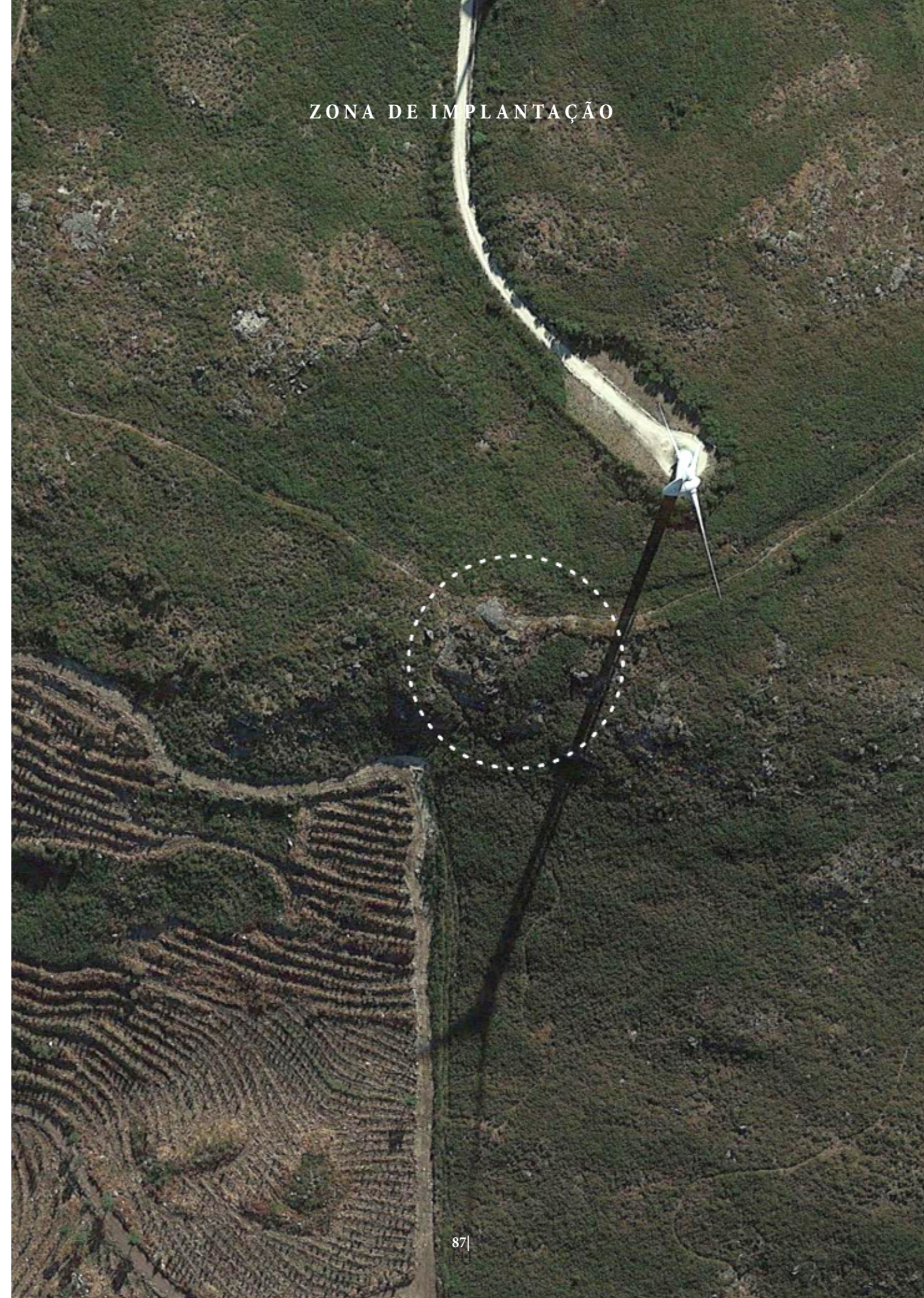
84| Apoio de Cozinha, Albergue Santiago Apostol, Redonda: Arquivo Pessoal.



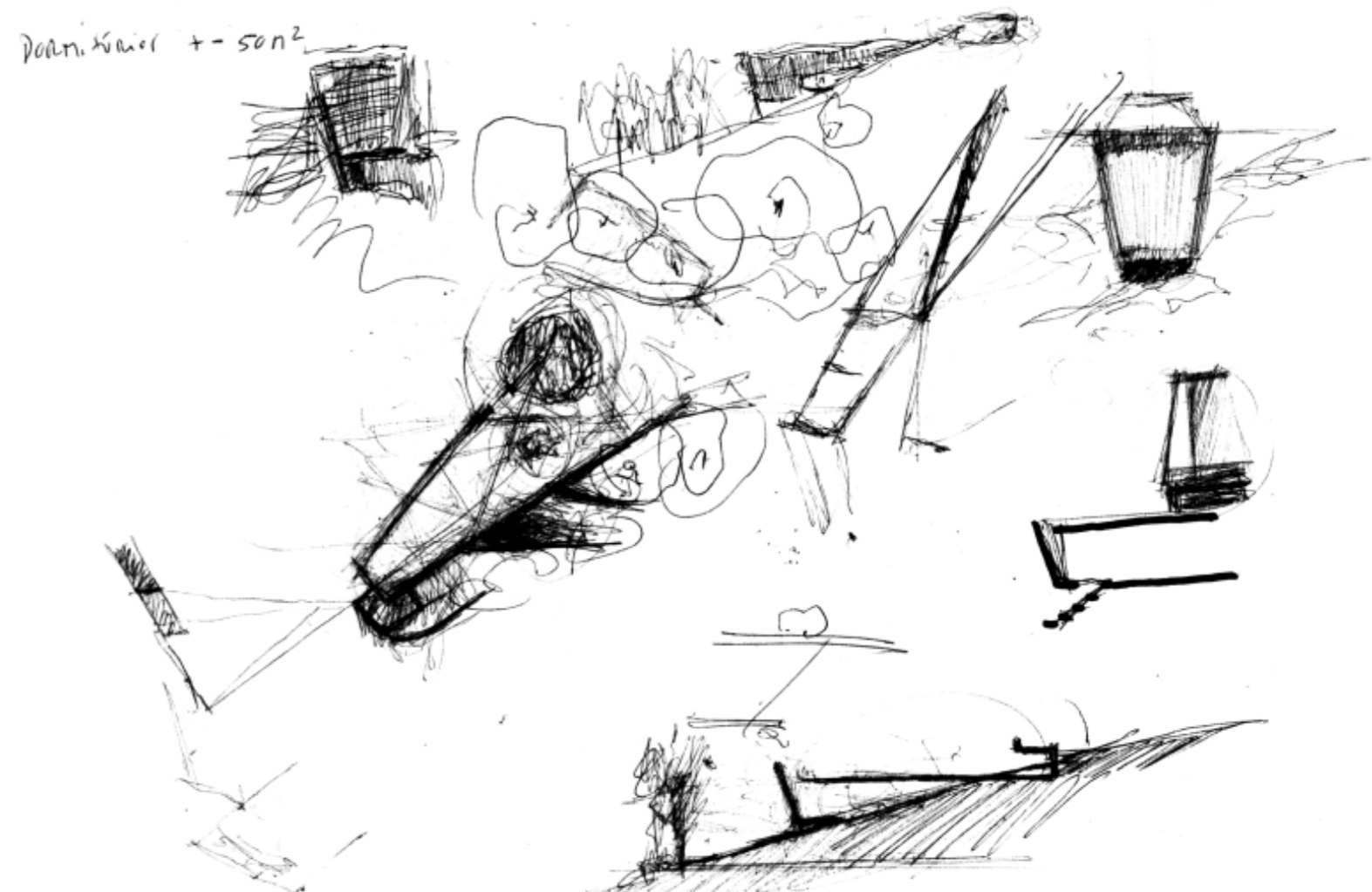
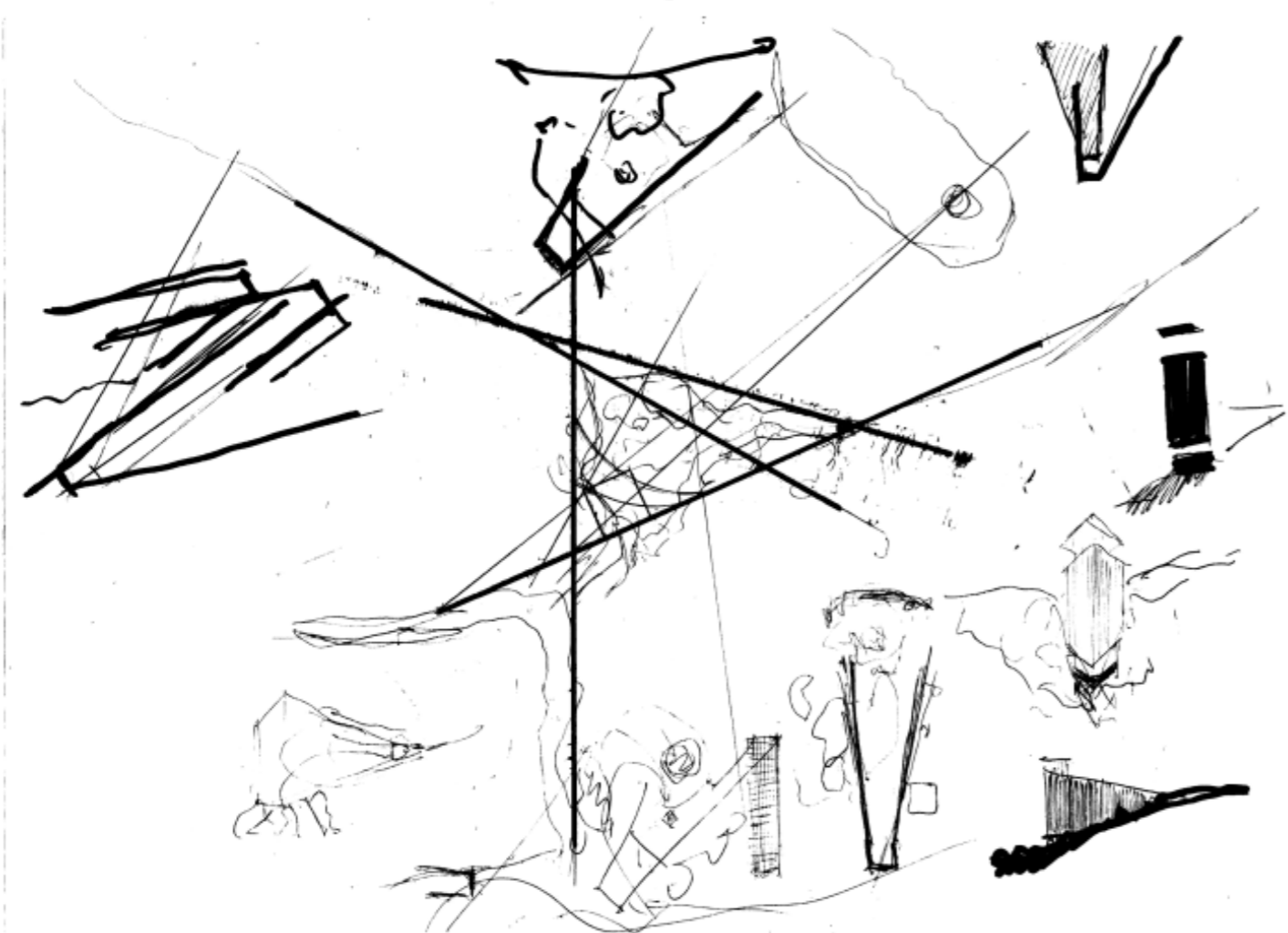
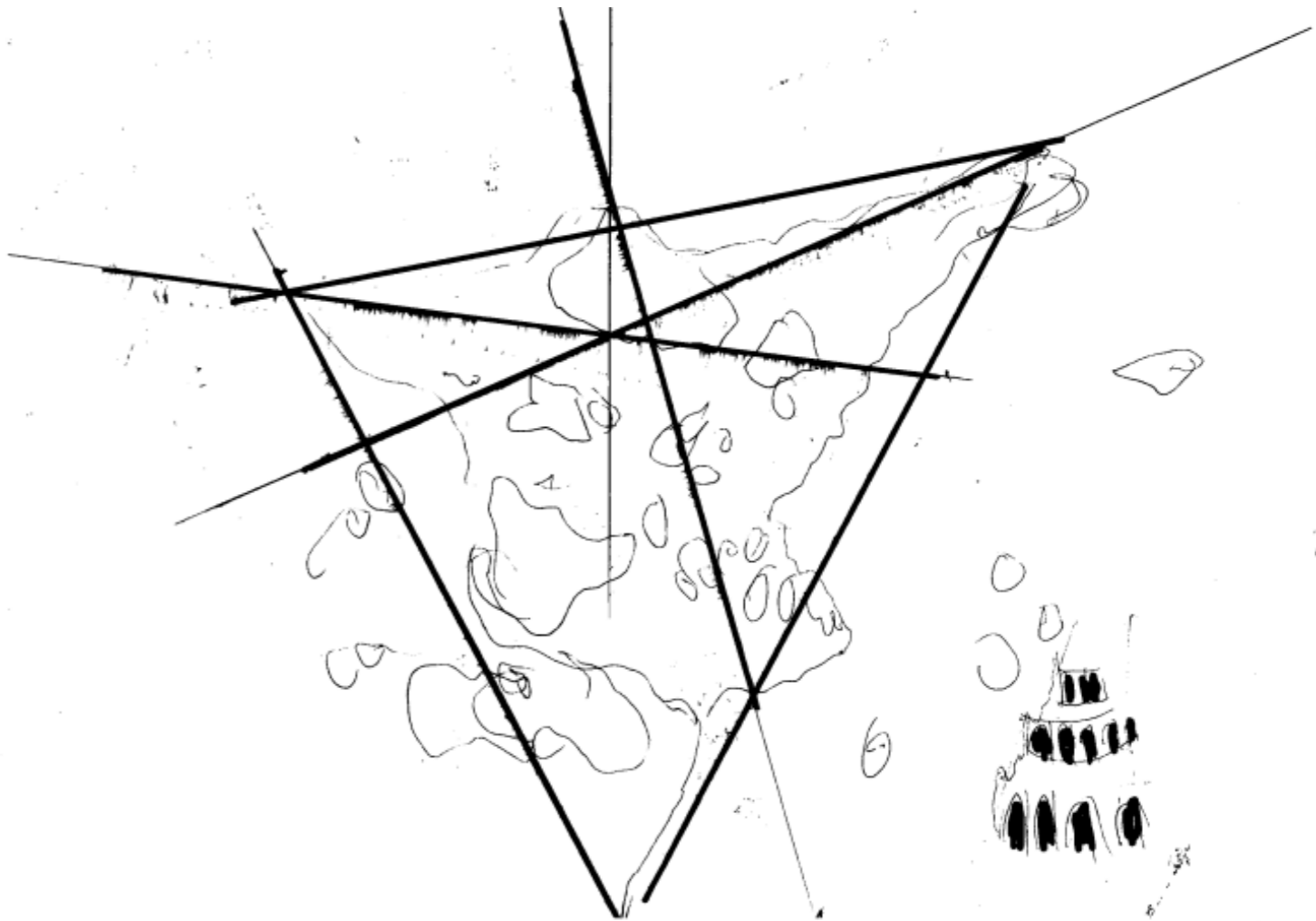
85| Zona de Refeições, Albergue TuiHostel, Tui: Arquivo Pessoal.



86| Sala de Estar, Albergue S. Miguel Marinhas, Esposende: Arquivo Pessoal.



ZONA DE IMPLANTAÇÃO

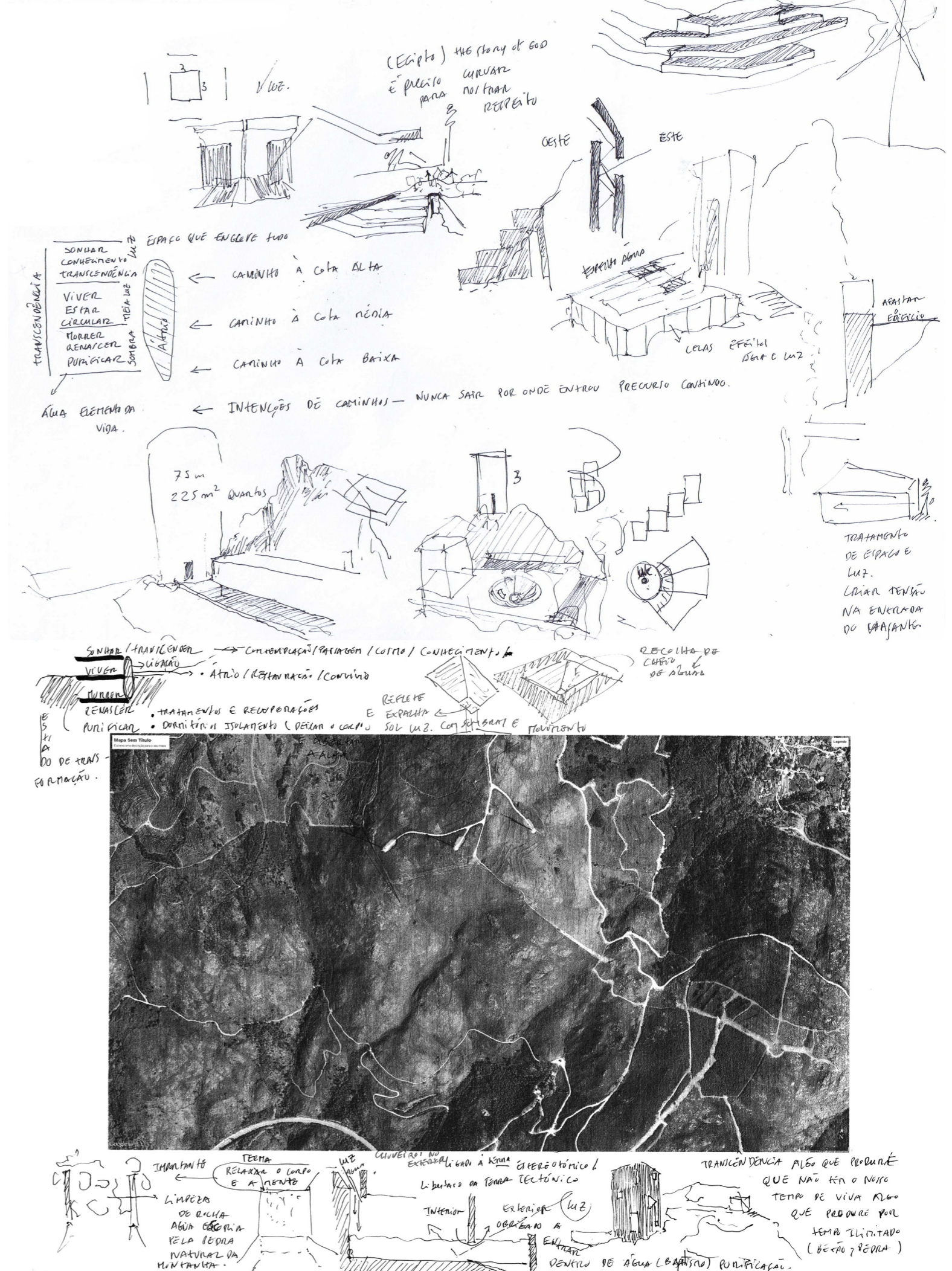


PROJECTO

PROGRAMA

- ÁTRIO/RECEPÇÃO
- RESTAURAÇÃO
- COZINHA COMUM
- SALA DE REFEIÇÕES
- SALA DE ESTAR/CONVIVIO
- SALA DE LEITURA/BIBLIOTECA
- DORMITÓRIOS
- INSTALAÇÕES SANITARIAS
- BALNEÁRIOS
- ENFERMARIA/ ESPAÇO TERAPÊUTICO
- PISCINA INTERIOR/EXTERIOR
- LAVANDARIA
- OFICINA/ARMAZENAMENTO DE BICICLETAS

Com o desenvolver do projecto e da dissertação, o conhecimento adquirido sobre o simbolismo e o misticismo presentes no Caminho a Santiago e nas obras de carácter religioso e monumental foram fundamentais na resolução do programa e da própria concepção do projecto. Daí perante as características do terreno, íngreme e sinuoso, do programa proposto e do conceito introduzido, revelou-se desde logo a necessidade de desenvolver o edifício a diferentes cotas. O desnível acentuado entre a cota mais alta e a mais baixa, originou à criação, de uma simbologia entre os diferentes pisos, como um processo transitivo, de transformação. O simbolismo entre cotas, este estado de transformação, seria desenvolvido a três níveis.



89] Esboços: Arquivo Pessoal.

TRÊS NÍVEIS

À cota baixa atribuo o simbolismo:

MORTE E RENASCIMENTO

À cota intermédia atribuo o simbolismo:

VIDA E EXPERIÊNCIA

À cota elevada atribuo o simbolismo:

SONHO E CONHECIMENTO



90| Peter Zumthor - Termas de Vals, Graubünden, Suiça 1996.

MORTE E RENASCIMENTO

À cota mais baixa dou o simbolismo do morrer, do renascer, do purificar, do renovar, do passado onde a penumbra e a água, vista como elemento de purificação e de bênção em muitas religiões e culturas, prevalece, tornando-se os elementos essenciais deste nível. A prevalência da sombra no espaço, fomenta o segredo, a imaginação e o carácter misterioso. Elemento predominante Água.

“As sombras profundas e a escuridão são essenciais, pois elas reduzem a precisão da visão, tornam a profundidade e a distância ambíguas e convidam a visão periférica inconsciente e a fantasia tátil” (Pallasmaa, 2011, p.44).

A este nível introduz-se os programas onde prevalece o uso da água e tratamentos, como a enfermaria, sala de massagens, piscina interior, balneários e lavandaria.

Nestes espaços, através da moderação da quantidade e intensidade da luz reduz-se a capacidade visual do indivíduo, e por outro lado, intensifica-se outros sentidos como o tátil, através da materialidade do espaço, do auditivo através do som criado pela água e pela própria ressonância criada entre o espaço e os elementos que o constituem e por aqueles que o utilizam, e por fim o olfactivo através dos óleos das massagens, dos aromas florais e de maresia que através do vento e vindo do oceano escala o monte acariciando a sua superfície, e dela absorve os aromas da sua fauna e flora que envolvem o espaço construído que, por sua vez, através da sua ventilação natural e artificial, entranha-se no seu núcleo remetendo os utilizadores através do olfacto e da memória para espaços naturais exteriores.

“Qualquer um que já ficou encantado com o som de uma goteira na escuridão de uma ruína pode confirmar a capacidade extraordinária do ouvido de imaginar um volume concavo no vazio da escuridão. O espaço analisado pelo ouvido se torna uma cavidade esculpida diretamente no interior da mente” (Pallasmaa, 2011, p.47).



91| Sérgio Fernandez - Casa de Caminha 1971-73.

VIDA E EXPERIÊNCIA

À cota intermédia dou o simbolismo de vida, do viver, do conviver, do estar, do circular, do acontecer, do presente, onde prevalece o jogo de luzes e aberturas entre o exterior e o interior. Elementos predominantes Fogo/Terra.

A este nível introduz-se os programas onde prevalece a comunidade, onde o fogo e a terra são os elementos que cultivam esta relação. O programa correspondente a este nível é composto por: as salas de estar e de refeições, a restauração, a recepção, a oficina e os dormitórios.

Este nível é composto por dois pisos, o piso superior corresponde à área de recepção e entrada do edifício, onde persistem as actividades mais agitadas e de certa forma mais barulhentas como a sala de estar, a sala de refeições, a cozinha e seus apoios e a oficina, lugar que permite reparar e guardar veículos. O piso inferior corresponde ao dormitório, uma zona de descanso mais calma, onde temos uma relação privilegiada com a natureza. Os dormitórios foram inspirados nos casulos das abelhas e nas cavernas, onde acaba-se por obter, num espaço de comunidade, nichos de privacidade e singularidade. O piso do dormitório em si é dividido em dois espaços, o interior que é constituído pelos os “casulos” e por um exterior que através de um muro de contenção estabelece um plano horizontal estável onde os utilizadores podem tirar partido da natureza, com a possibilidade de acampar e, durante o breu da noite, criar uma fogueira e de, por fim, naquele recinto luminoso, observar as estrelas e dormir ao abrigo delas.

“A luz pode, por si só, criar o efeito de espaço fechado. Uma fogueira de acampamento numa noite escura forma uma caverna de luz circunscrita por uma muralha de escuridão. Aqueles que estão no interior do círculo luminoso têm a sensação de que se encontram juntos no mesmo recinto” (Rasmussen, 2007, p.175).



92| Álvaro Siza Vieira - Faup, Porto 1985-96.

SONHO E CONHECIMENTO

À cota mais elevada dou o simbolismo da exaltação, da essência, do sonho, do conhecimento, da reflexão, da retrospeção, do pensamento, da contemplação, do futuro. Espaço de iluminação física e mental, espaço onde se visualiza a paisagem, mar, terra, céu, estrelas, cosmos. Espécie de miradouro, o sujeito torna-se paisagem, está na paisagem. Elementos predominantes Ar e Luz.

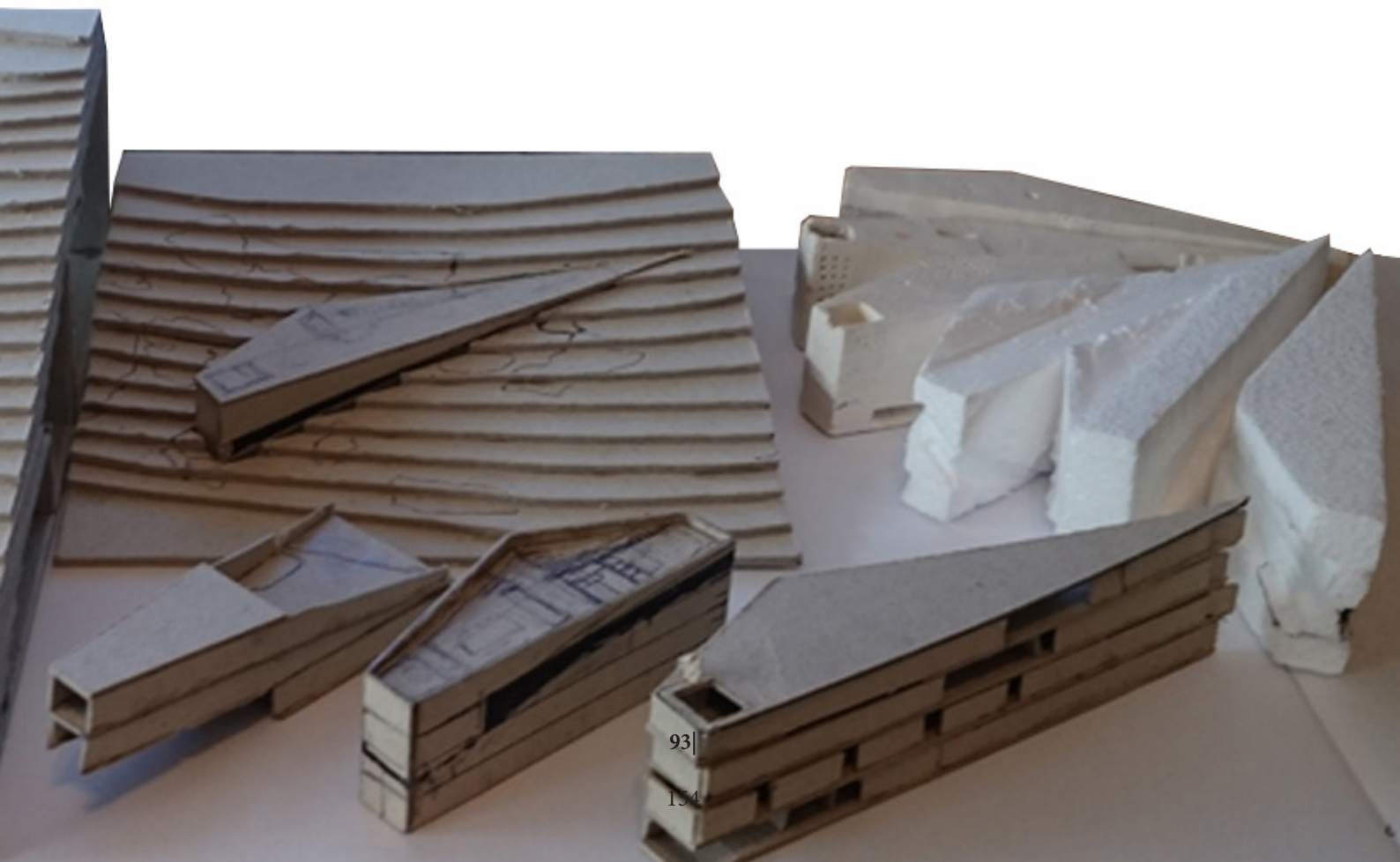
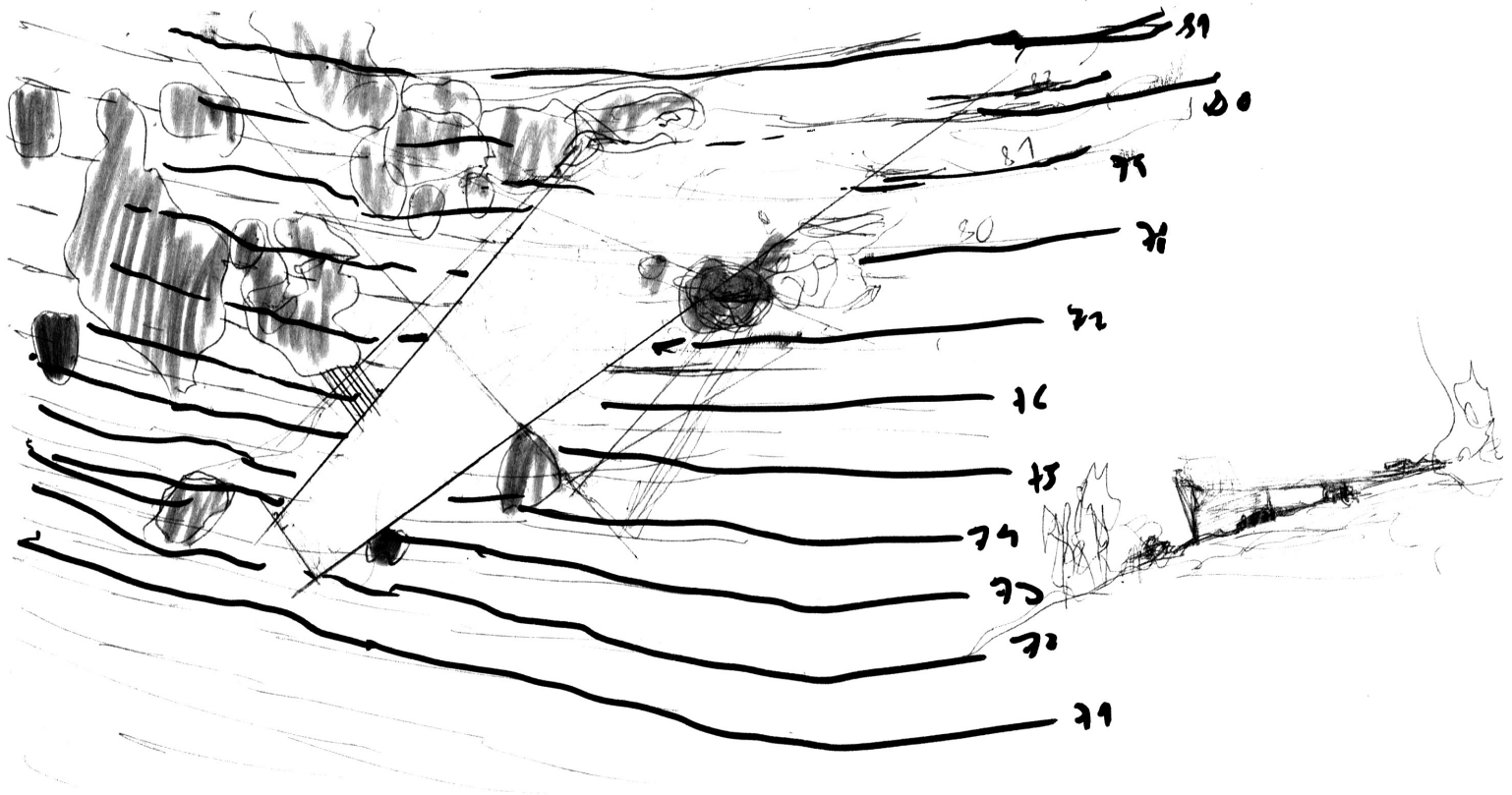
A luz desde sempre é o elemento superior que o arquitecto tenta domar, um símbolo que predomina e acompanha o ser humano desde os seus primórdios.

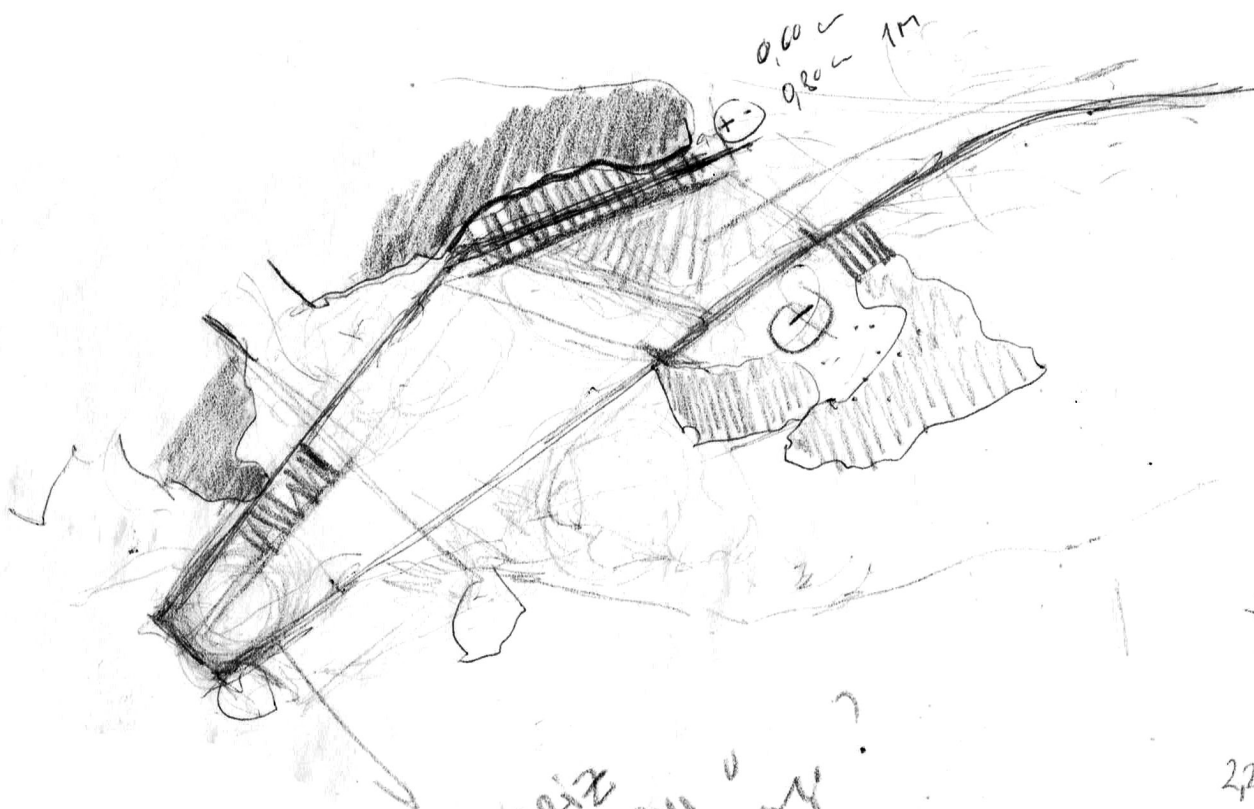
O programa inserido neste nível é a sala de leitura, a biblioteca e o miradouro.

A importância e o significado da biblioteca para o projecto surge como um poço de conhecimento, uma forma diferente de experienciar o mundo.

“The library connects us with the insight and knowledge, painfully extracted from Nature, of the greatest minds that ever were, with the best teachers, drawn from the entire planet and from all our history, to instruct us without tiring, and to inspire us to make our own contribution to the collective knowledge of the human species. I think the health of our civilization, the depth of our awareness about the underpinnings of our culture and our concern for the future can all be tested by how well we support our libraries (Sagan, 2016 phi-lo-so-pher. (web)).

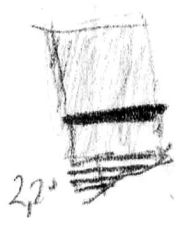
ESQUIÇOS/MAQUETES DE ESTUDO



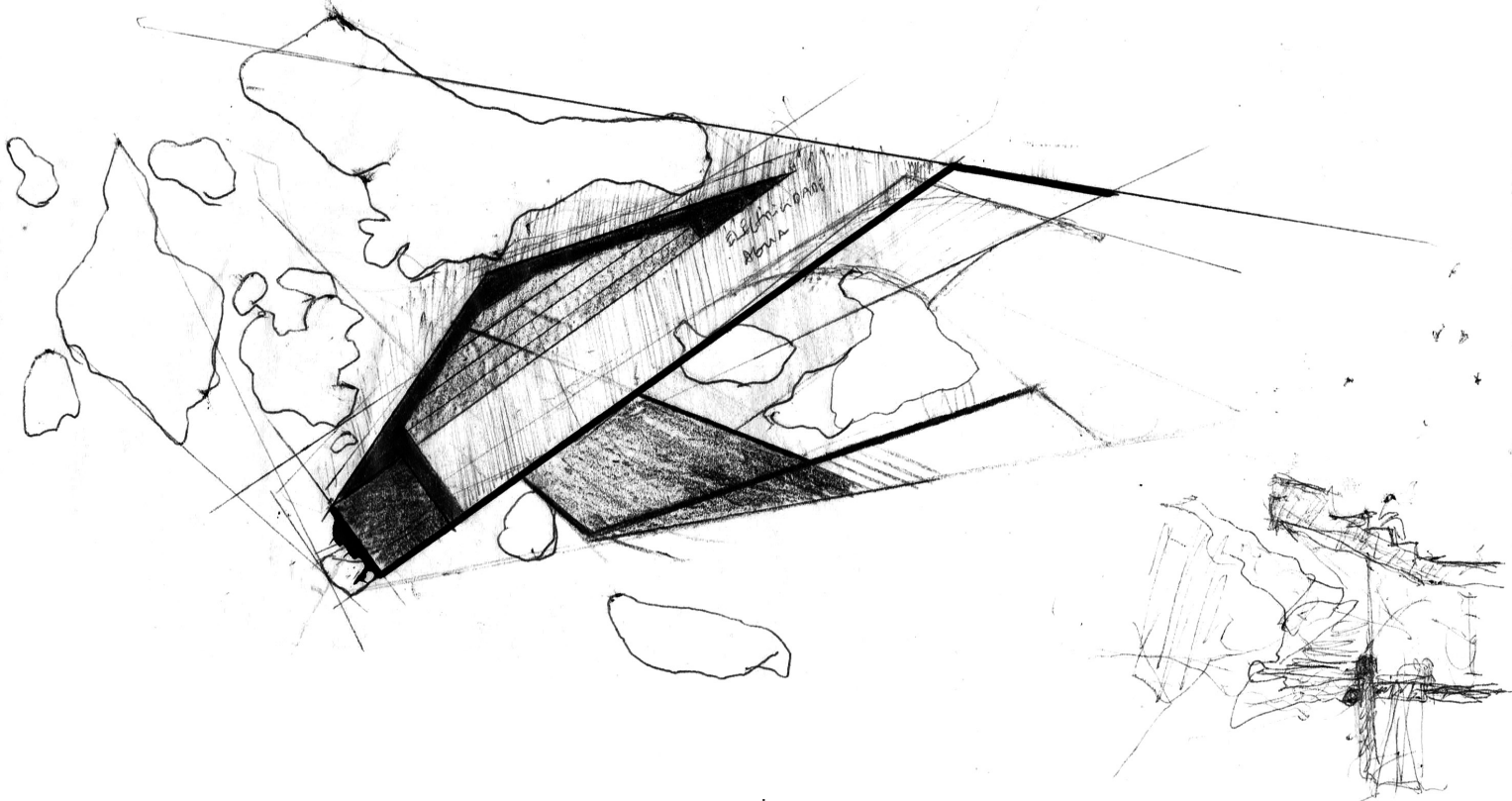


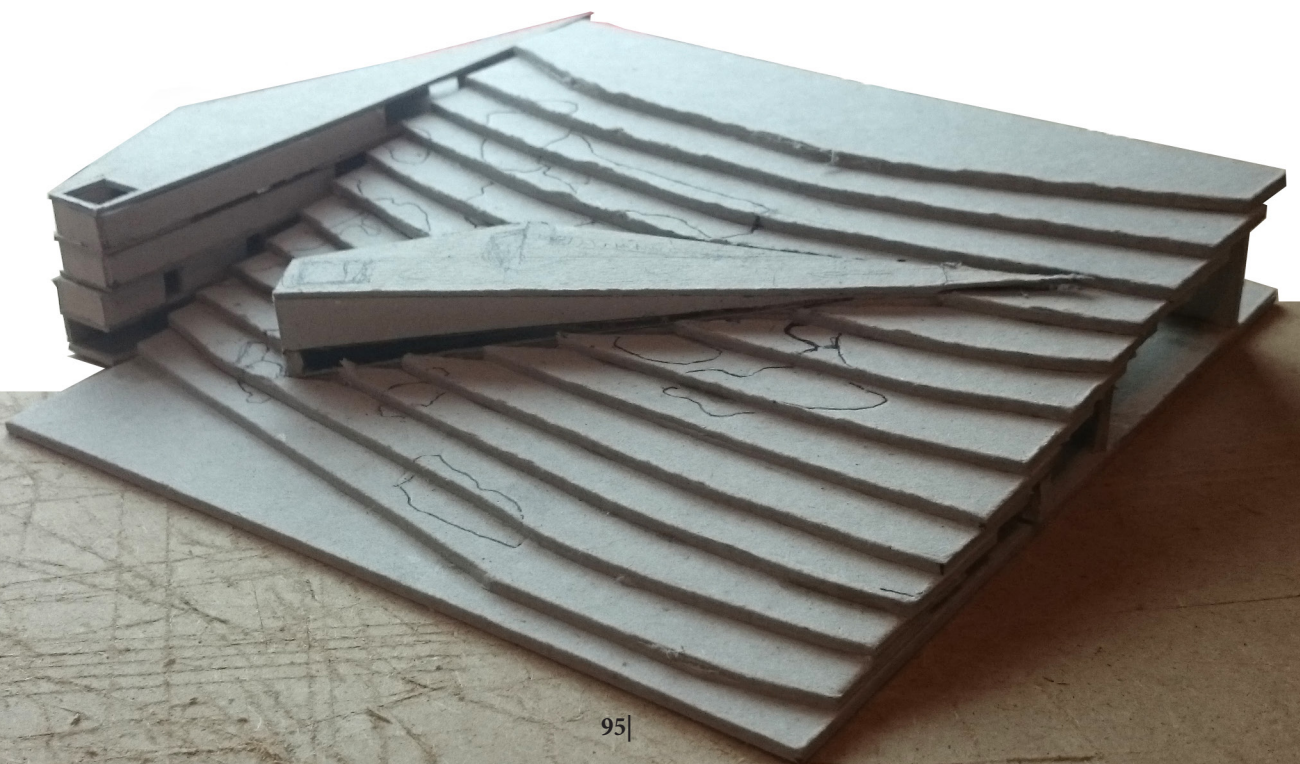
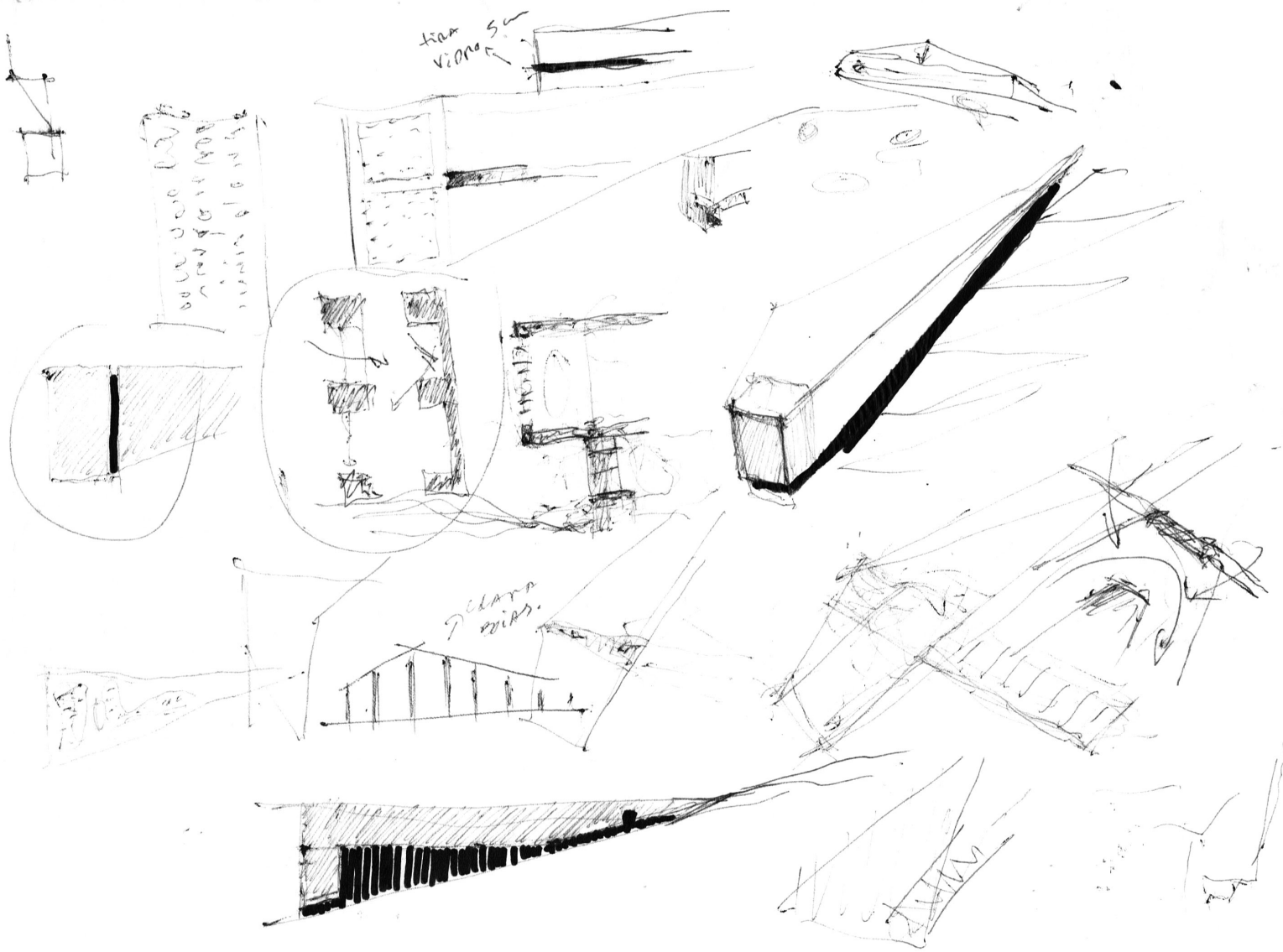
0.60 ✓
0.80 ✓ 1m

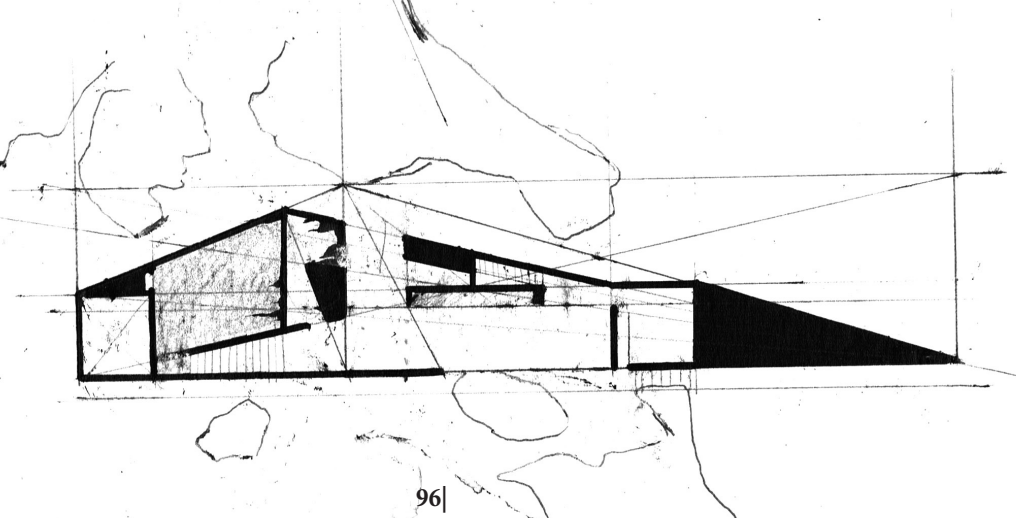
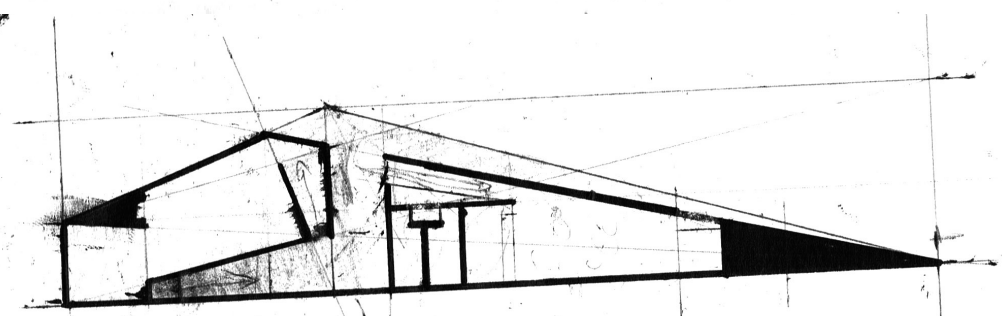
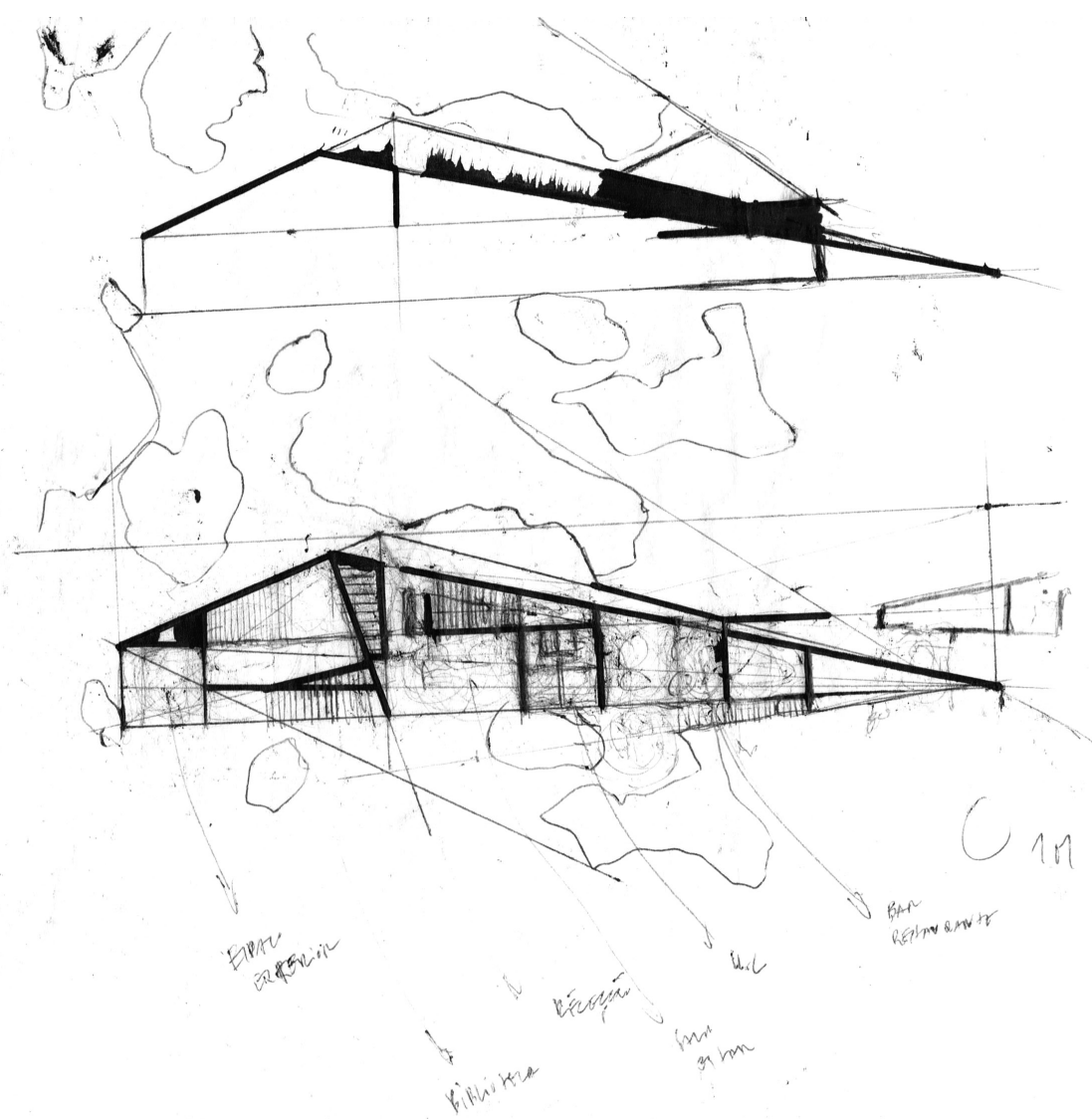
NARIZ
DISTRIBUIÇÃO
ESTRUTURA?

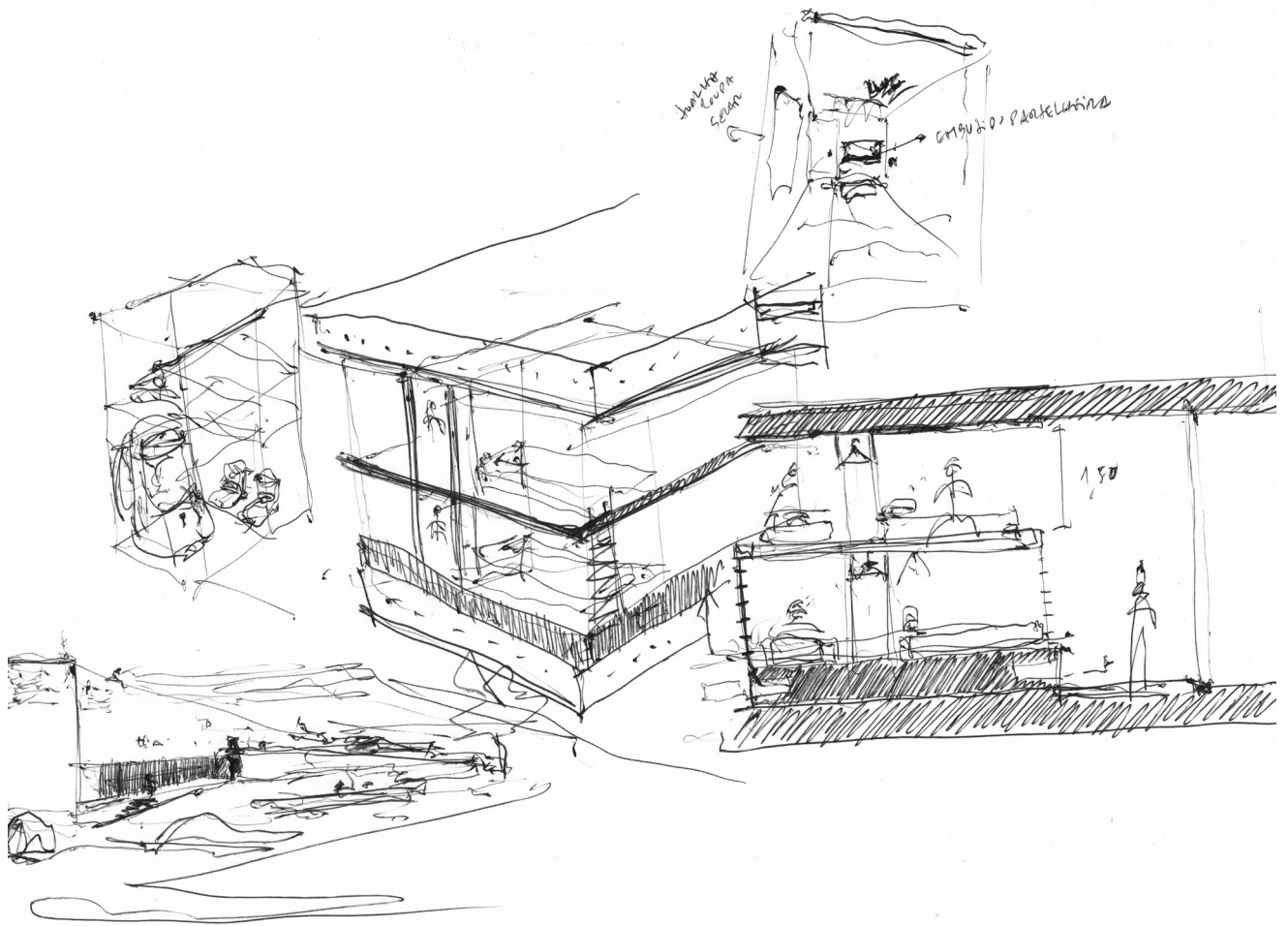


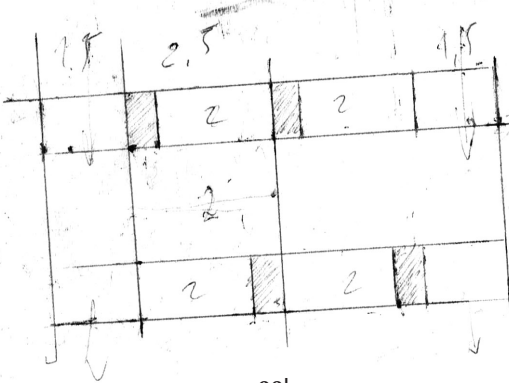
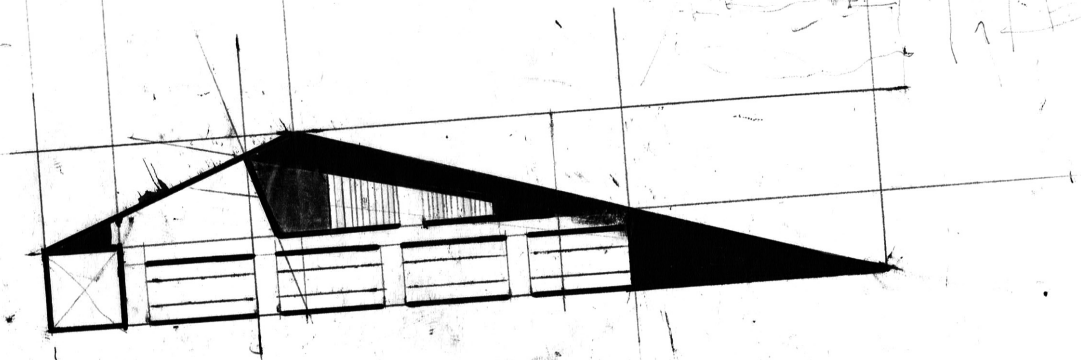
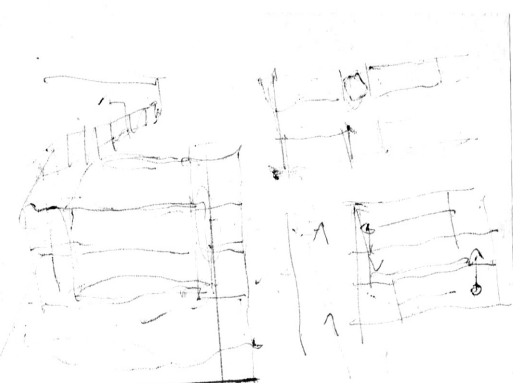
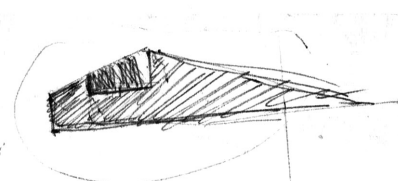
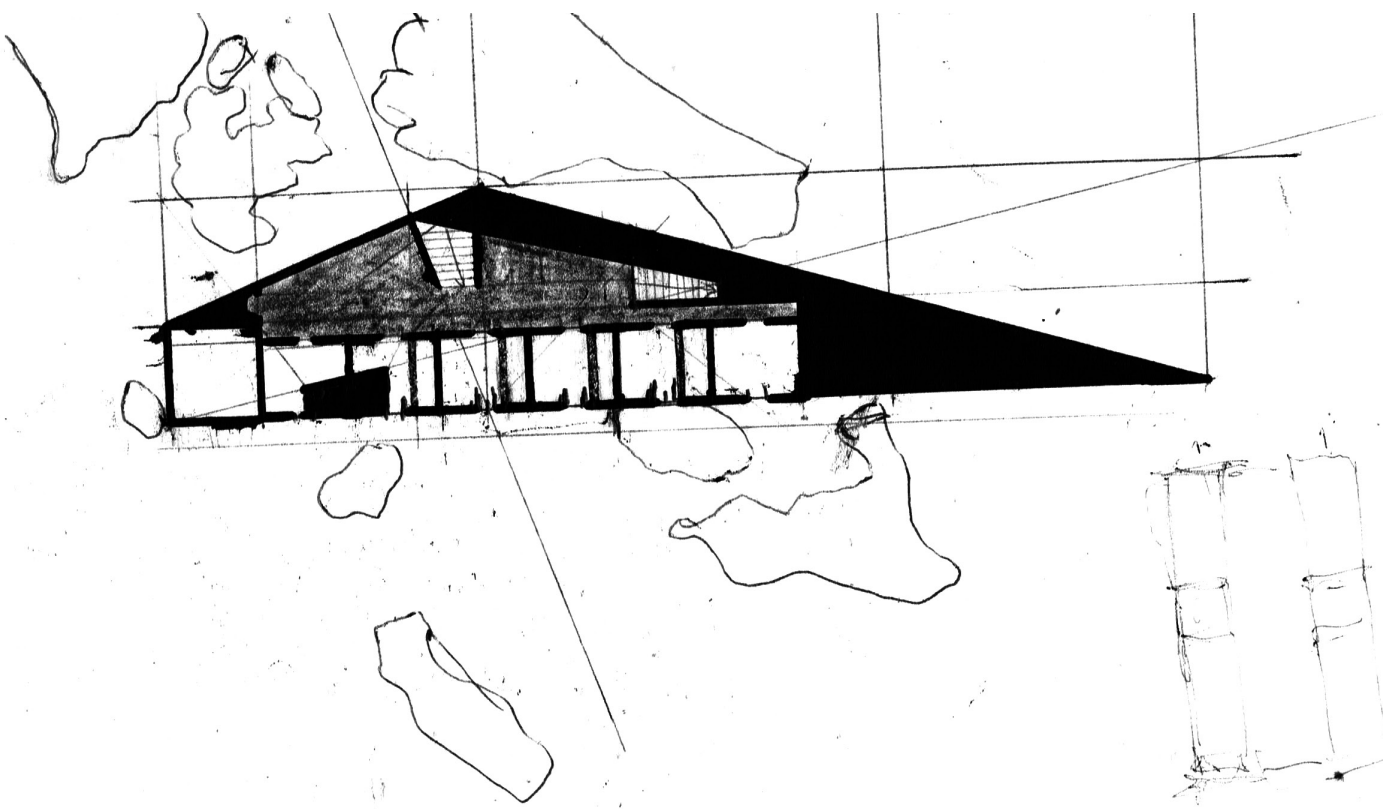
2.2°

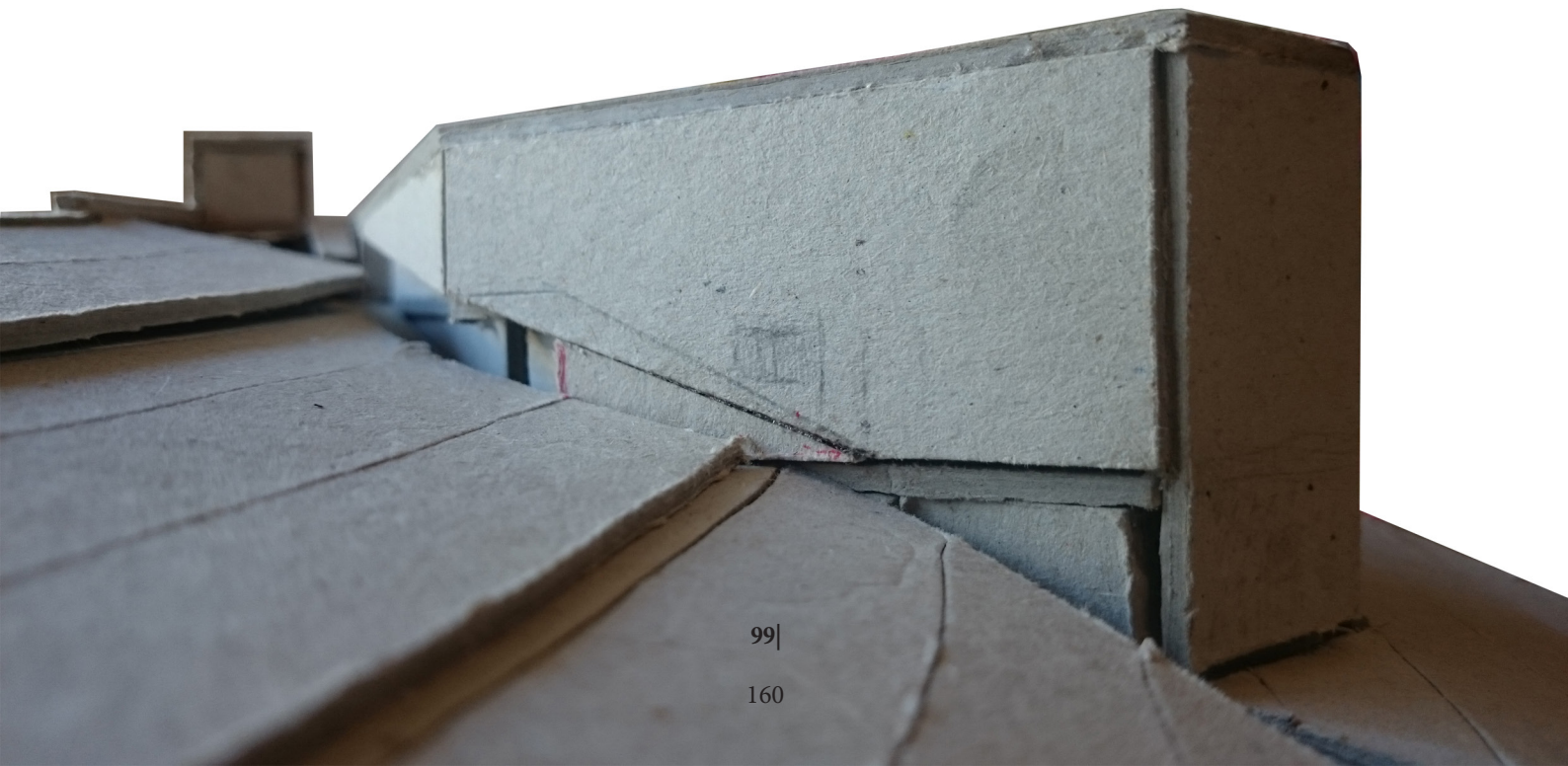
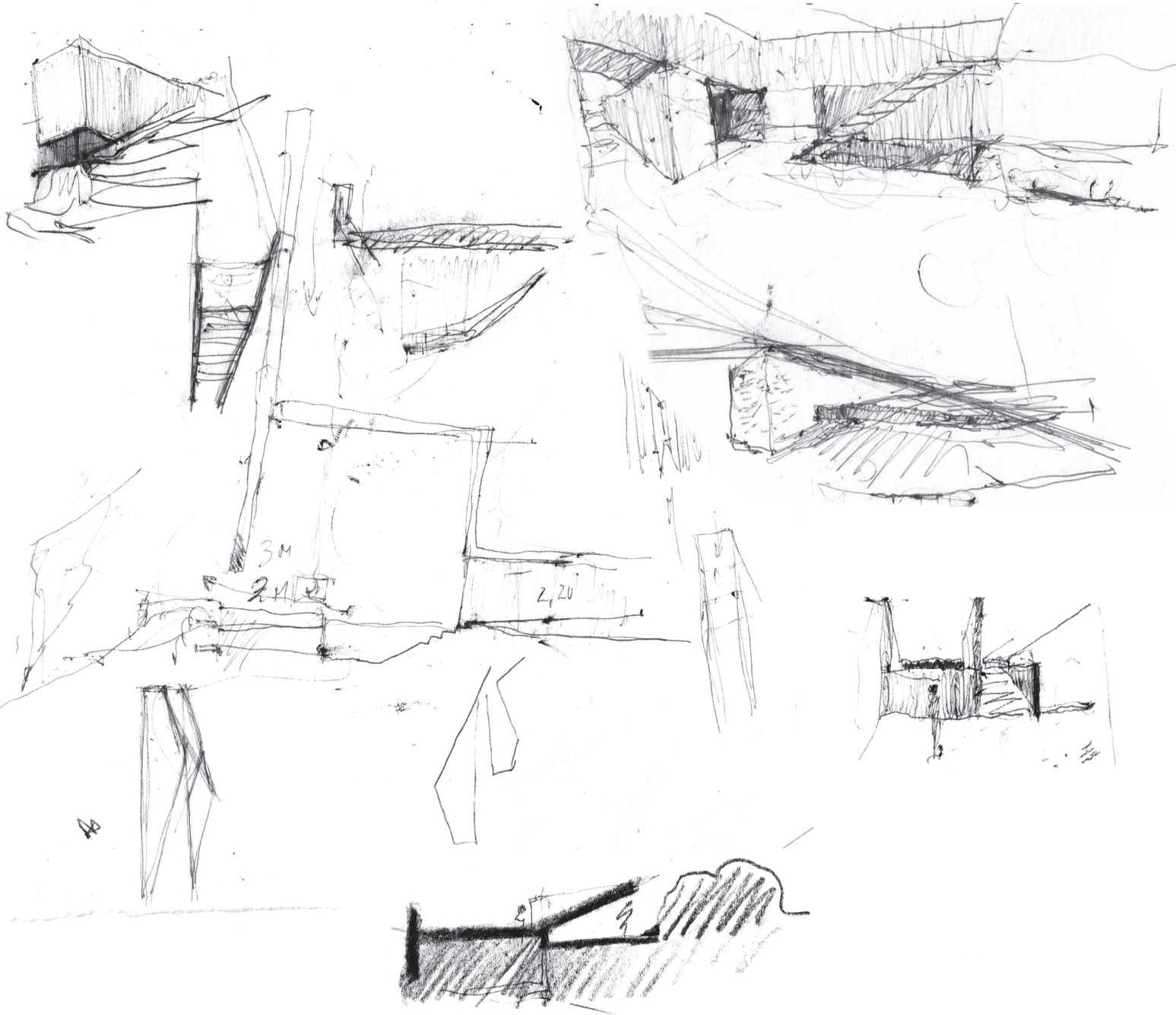


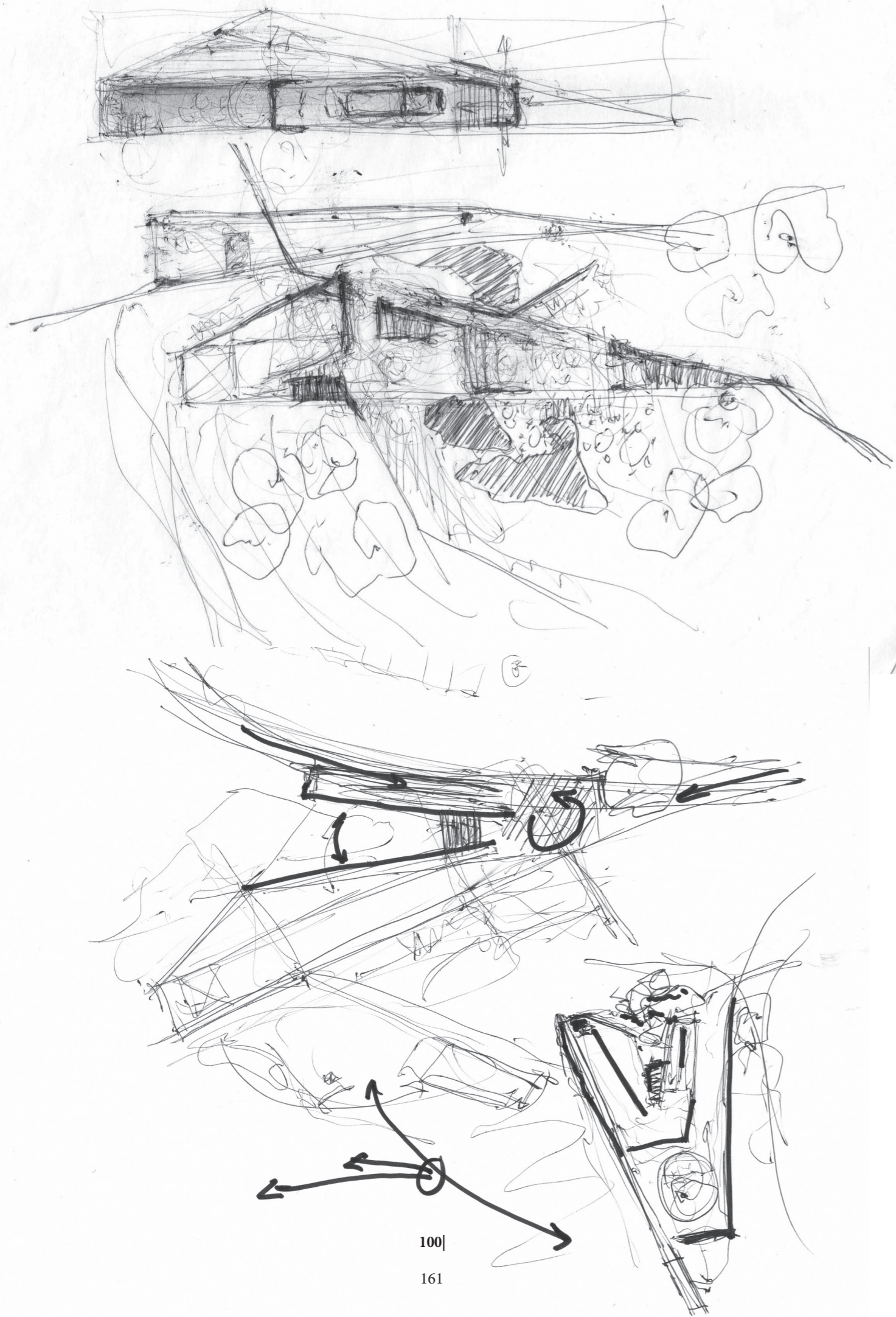






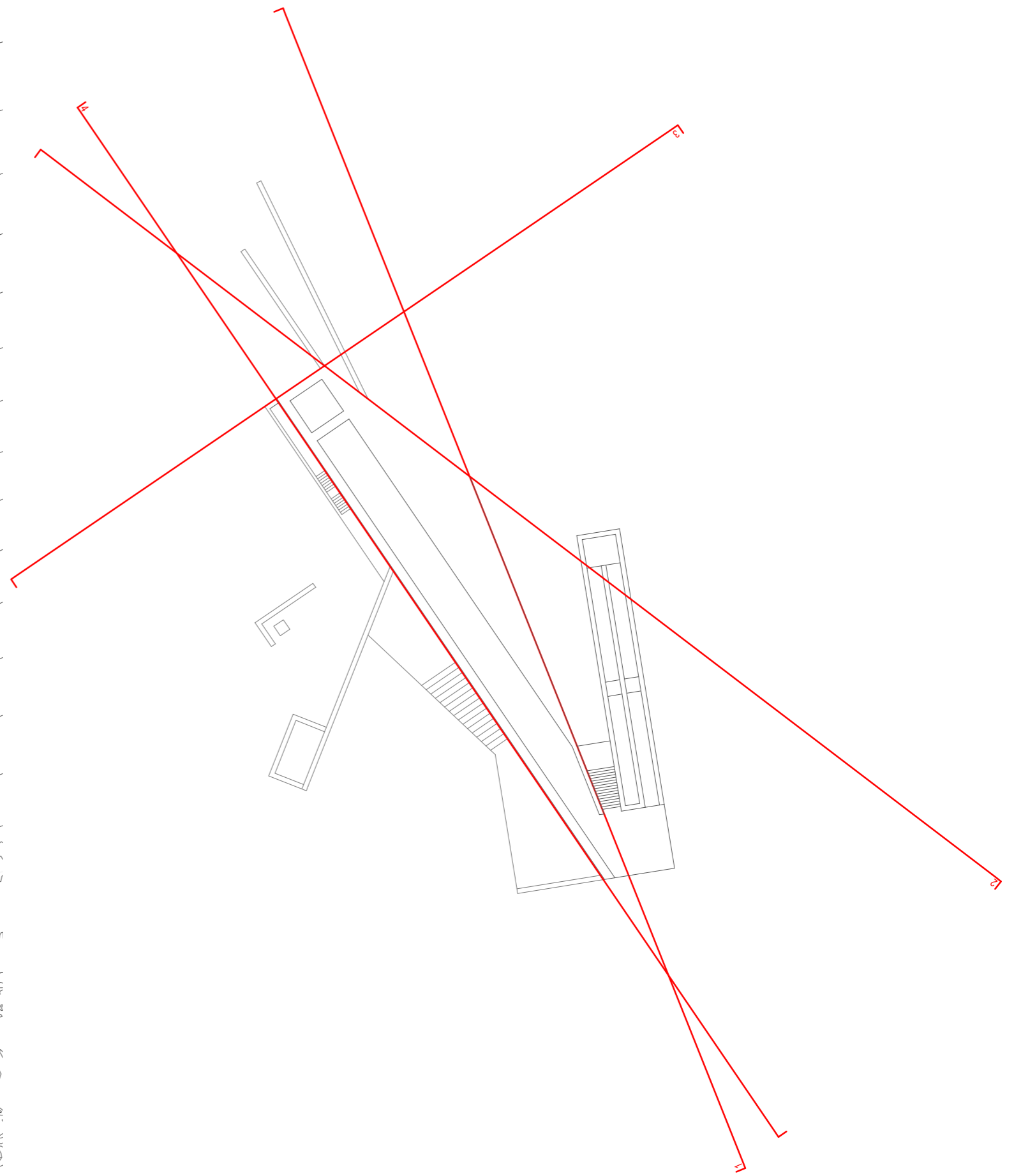
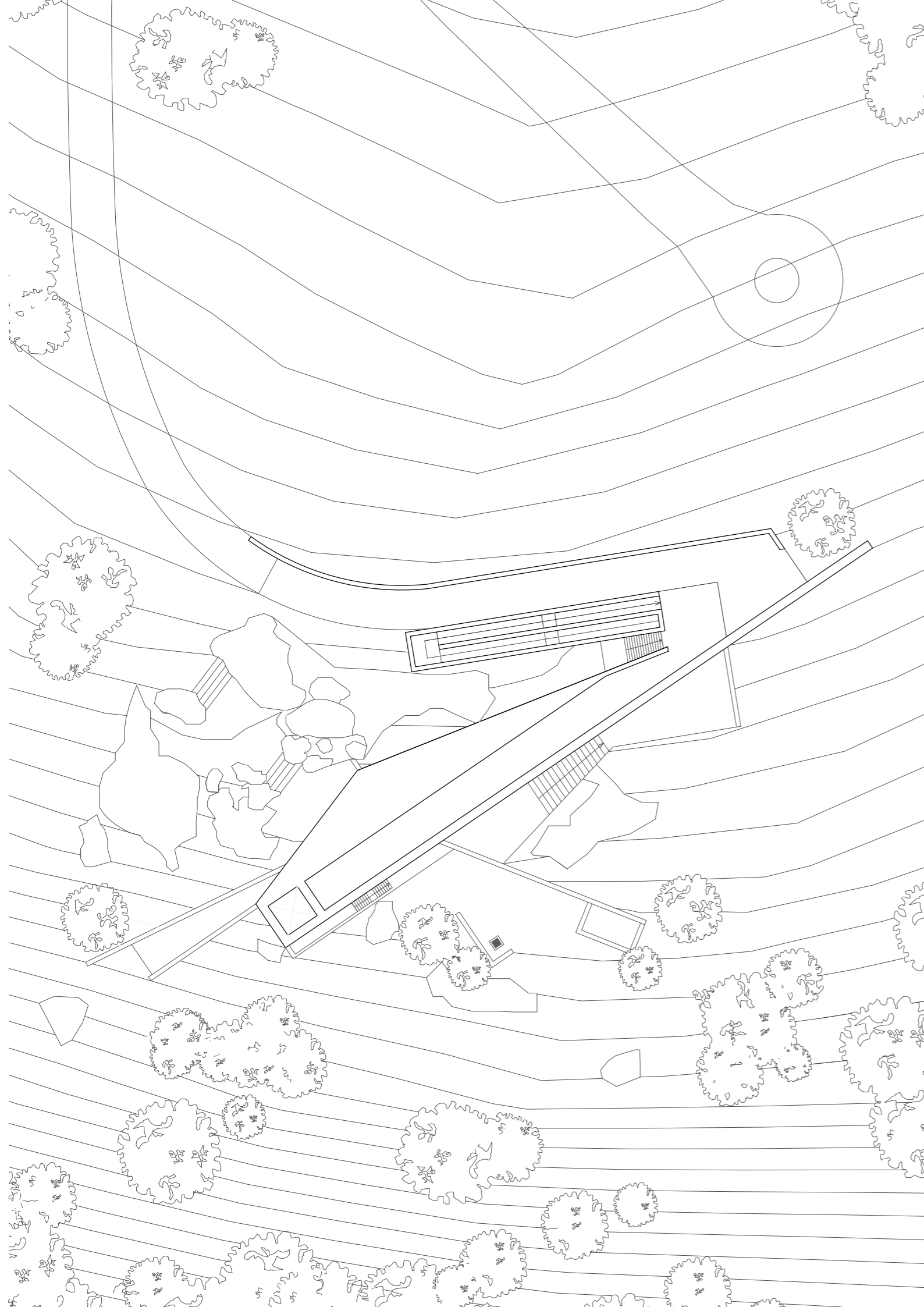


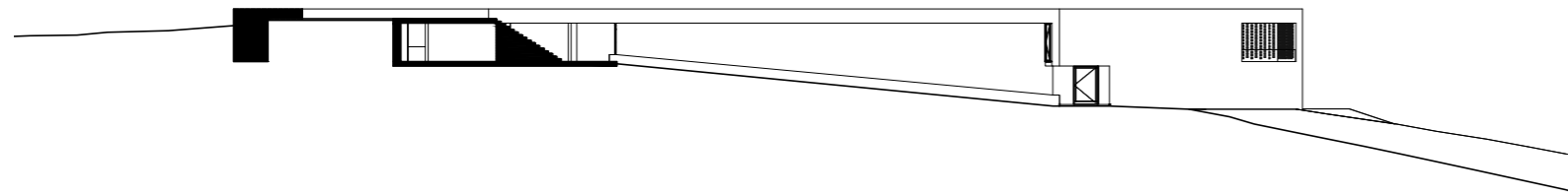




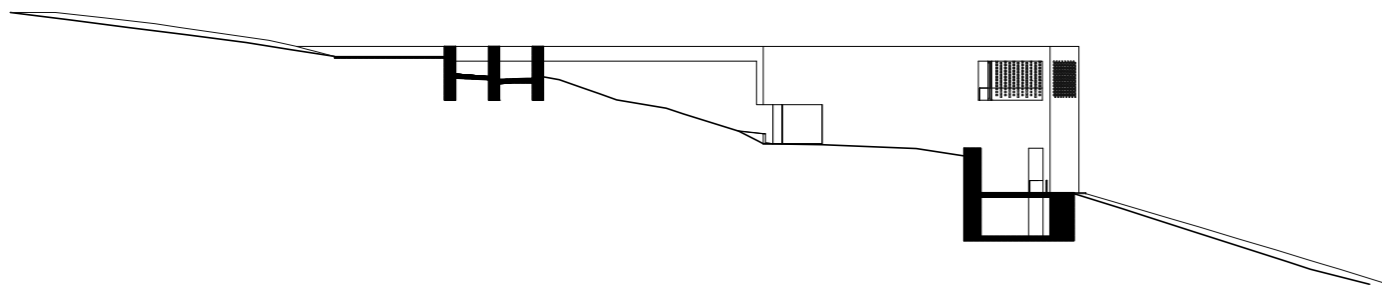
PLANTA 1.500

IMPLANTAÇÃO

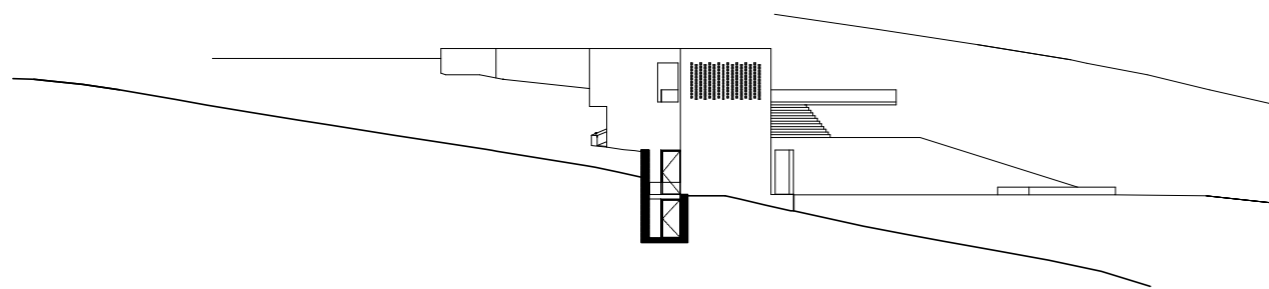




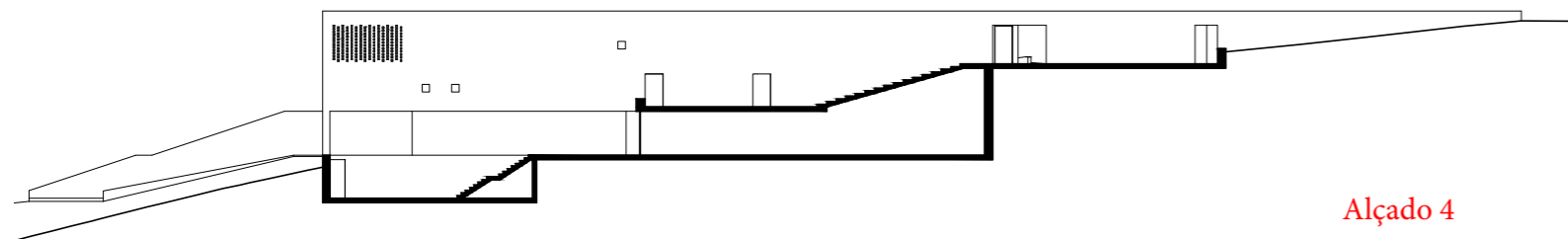
Alçado 1



Alçado 2



Alçado 3

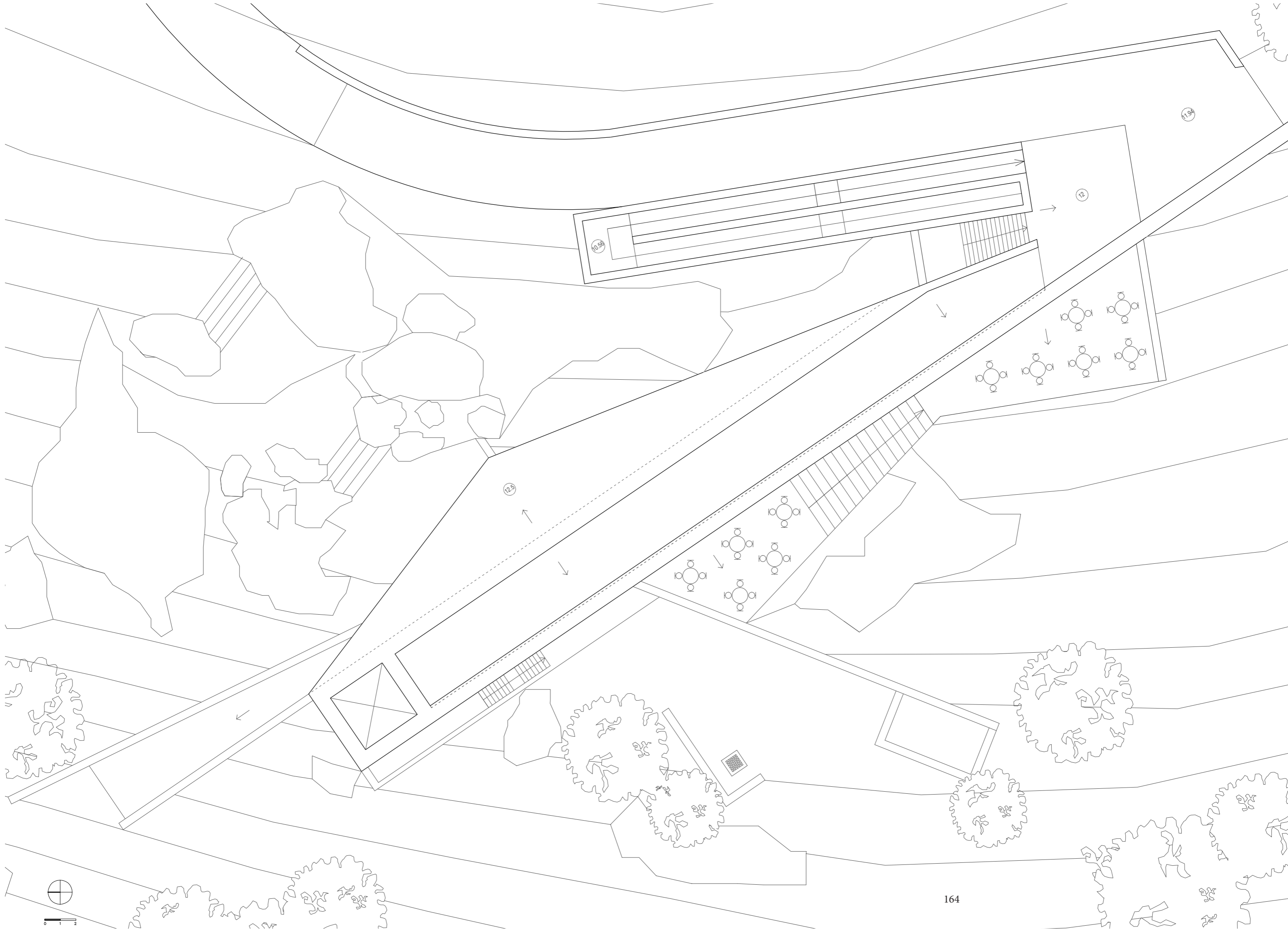


Alçado 4

PLANTA 1.200

COBERTURA

ALÇADOS 1.500

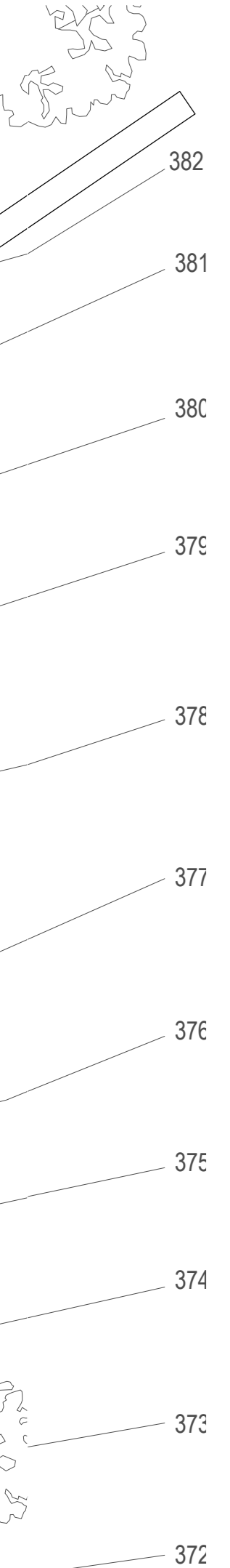


10.58

11.94

12

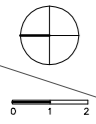
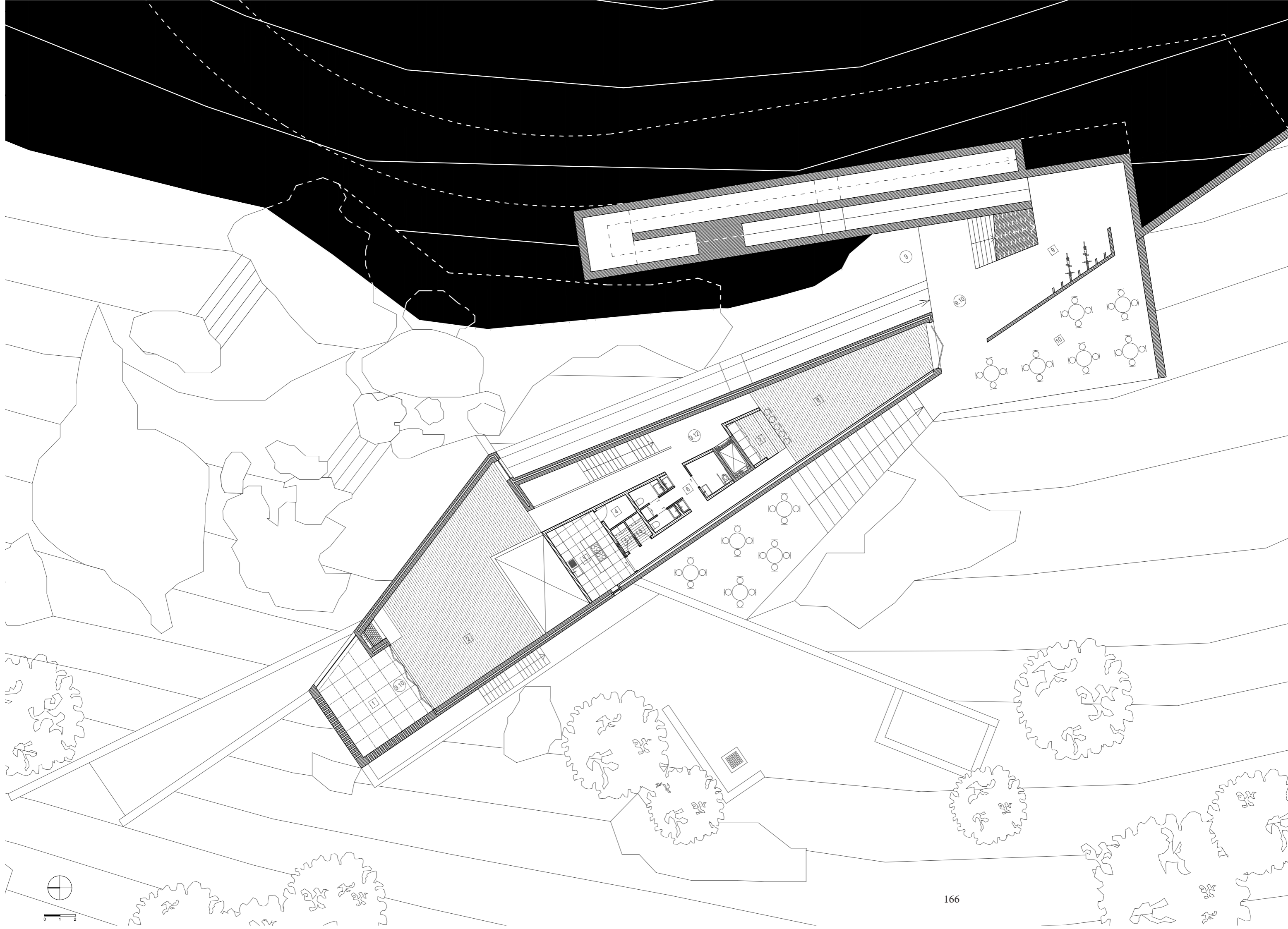
12.3



101 | Alberto Campo Baeza - Residência do Infinito, Cádiz, Espanha 2014

PLANTA 1.200

PISO 1



382
381
380
379
378
377
376
375
374
373
372



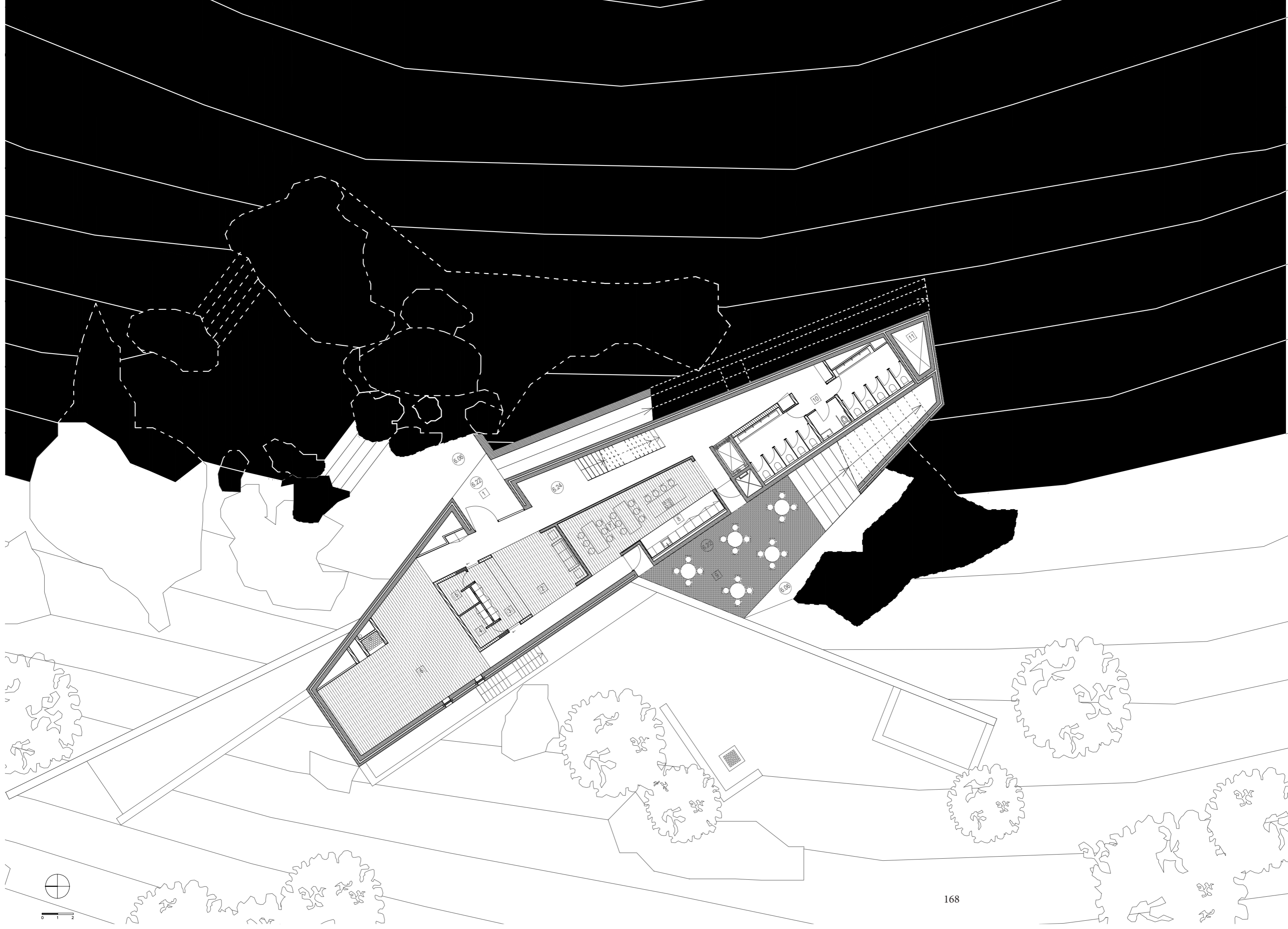
102| Albergue no centro de Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal

PLANTA 1.200

PISO 0

Piso 1

- 1- Pátio/Terraço
- 2- Sala de leitura/sala de estar
- 3- Cozinha
- 4- Despensa/zona de frio
- 5- Vestuário funcionários restauração
- 6- Instalações Sanitárias
- 7- Serviço
- 8- Café/restaurante
- 9- Parque bicicletas
- 10- Esplanada



382

381

380

379

378

377



103| Restaurante TINTANEGRA, Combarro, Espanha: Arquivo Pessoal

376

375

374

373

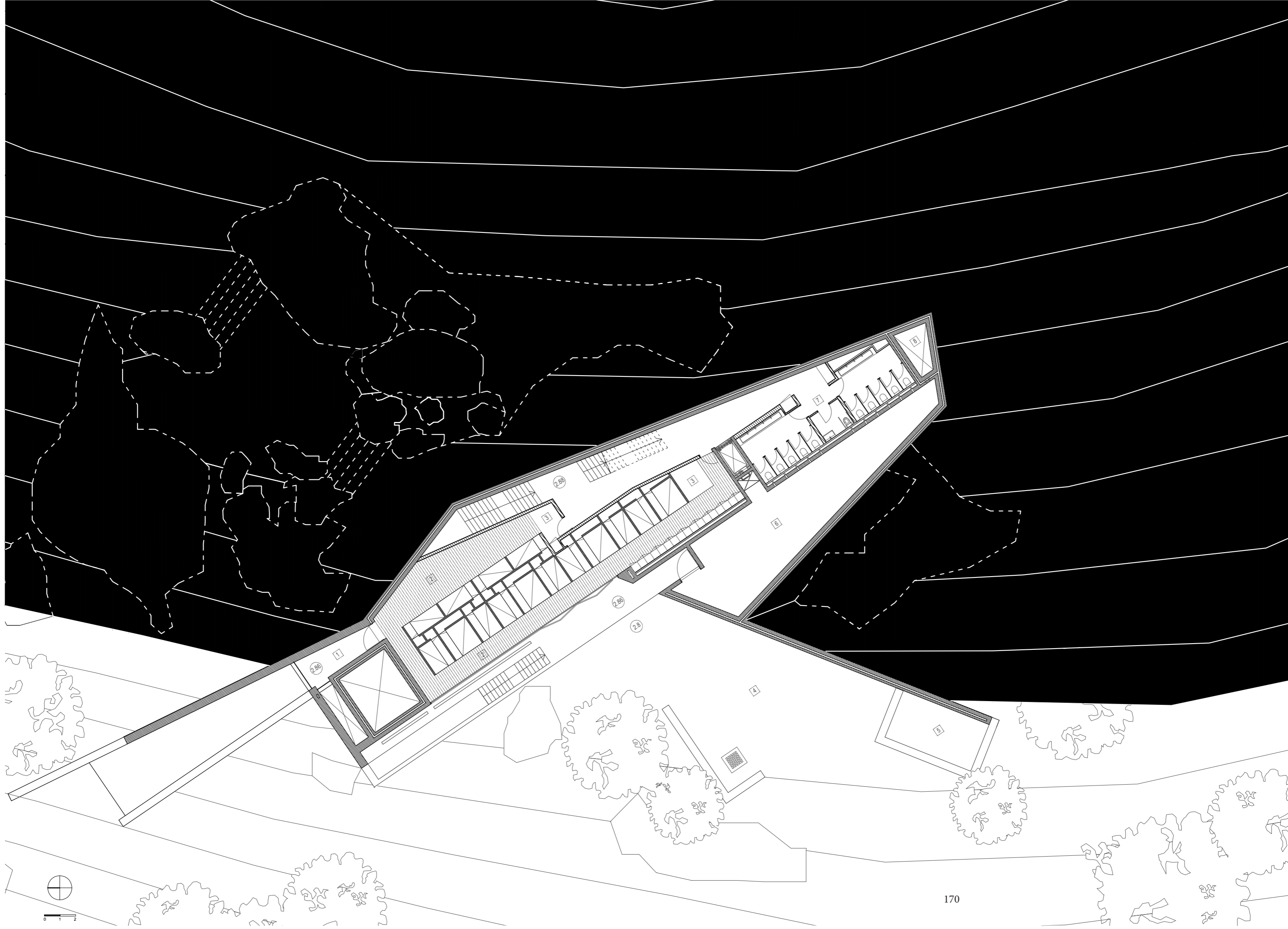
372

Piso 0

- 1- Entrada principal
- 2- Hall principal
- 3- Recepção
- 4- Vestuário Funcionários
- 5- Sala do segurança
- 6- Sala de Estar
- 7- Sala de Refeições
- 8- Cozinha
- 9- Pátio Exterior
- 10- Instalações Sanitárias
- 11- Reservatório de água

PLANTA 1.200

PISO -1



382
381
380
379
378
377
376
375
374
373
372



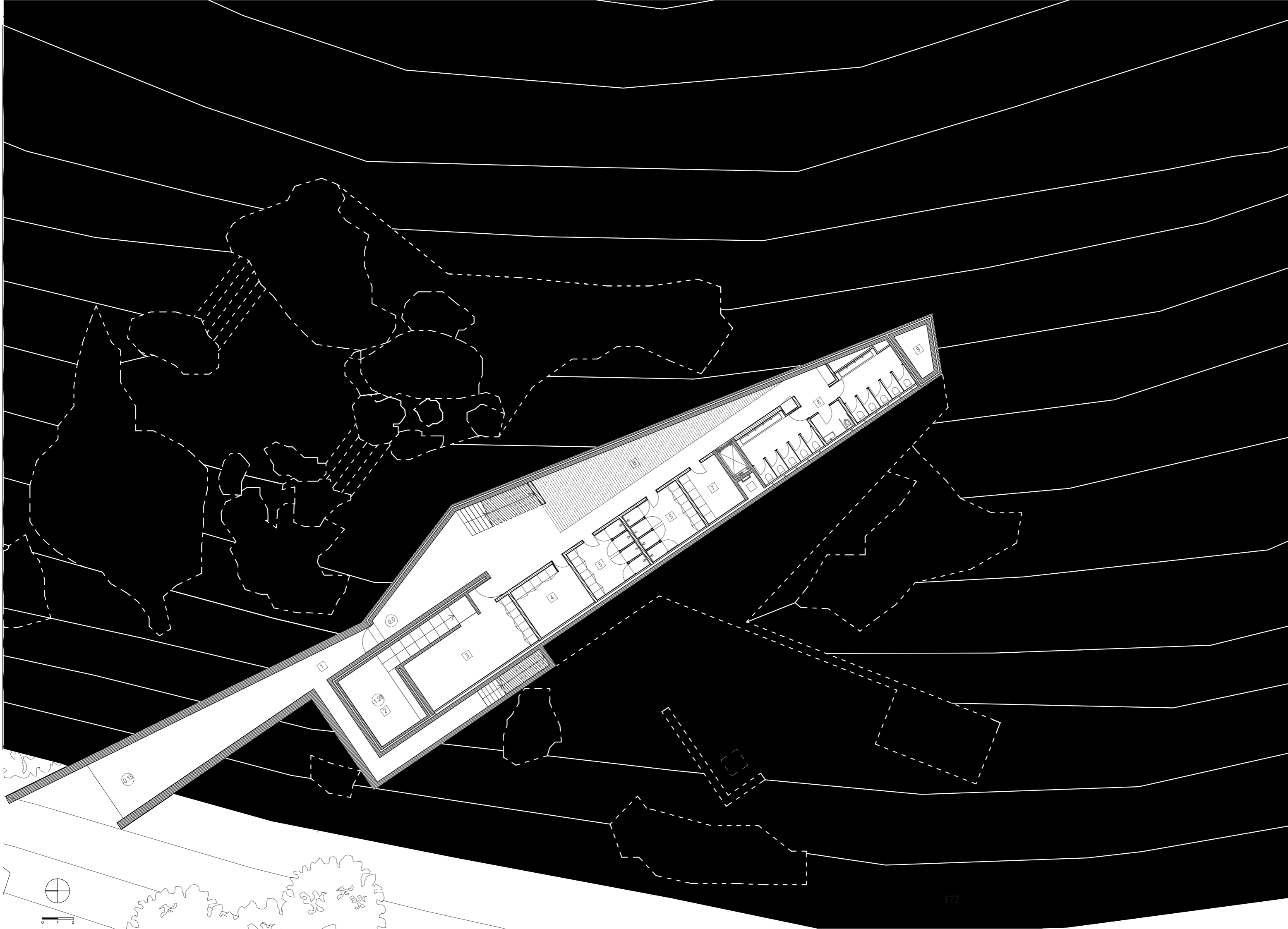
104| Sea Architecture - Ora Hostel, Thailand 2017

PLANTA 1.200

PISO -2

Piso - 1

- 1- Varanda
- 2- Dormitórios
- 3- Zonas de Vestir
- 4- Jardim
- 5- Piscina Exterior
- 6- Área Técnica
- 7- Instalações Sanitárias
- 8- Reservatório de água



382

381

380

379

378

377

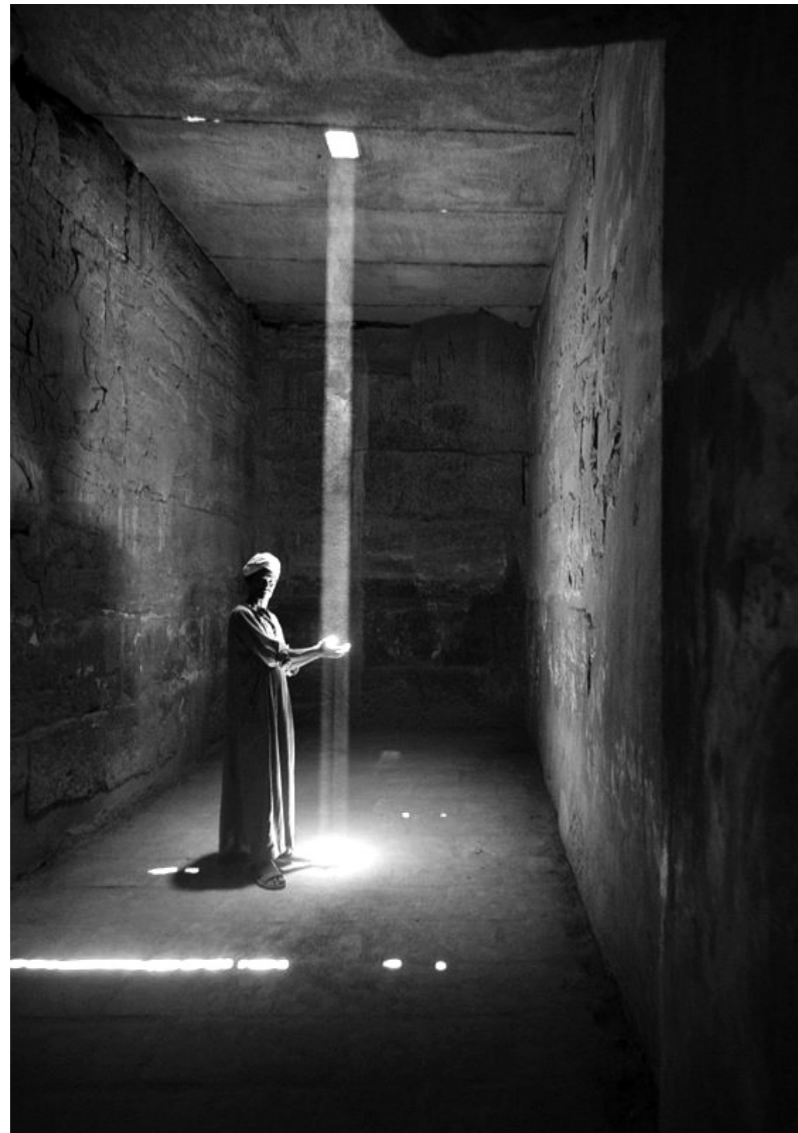
376

375

374

373

372



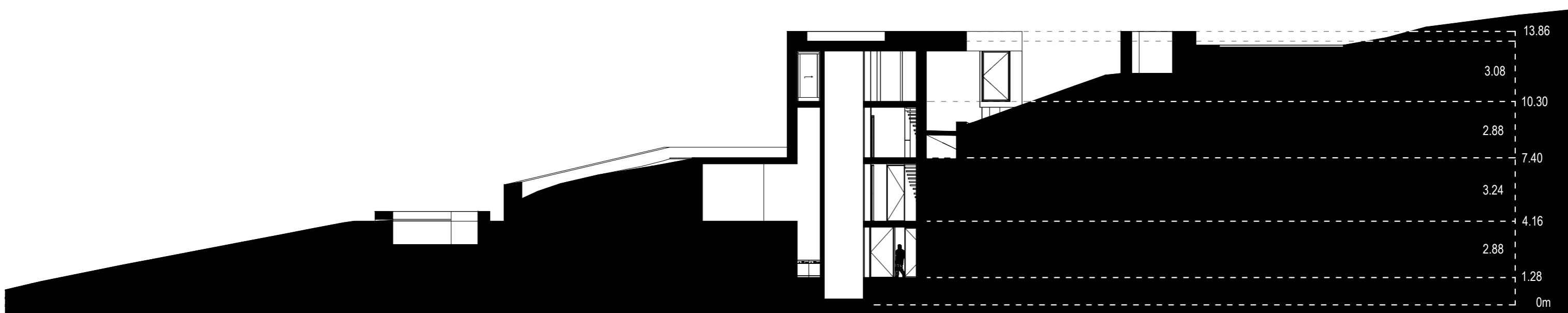
105| Guillaume Roche - Collecting light; Inside the Karnak temple in Luxor, Egypt

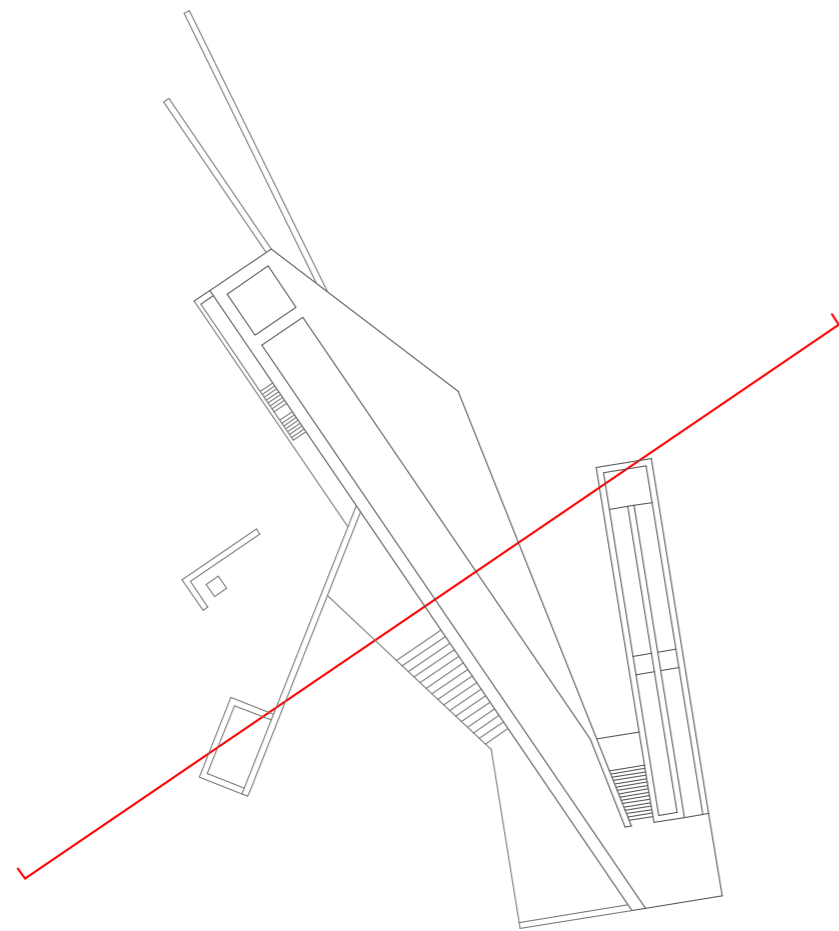
CORTES 1.200

CORTE TRANSVERSAL

Piso - 2

- 1- Entrada secundária
- 2- Piscina água quente
- 3- Zona de massagens
- 4- Enfermaria
- 5- Balneários
- 6- Zona de estar
- 7- Lavandaria
- 8- Instalações Sanitárias
- 9- Reservatório de água

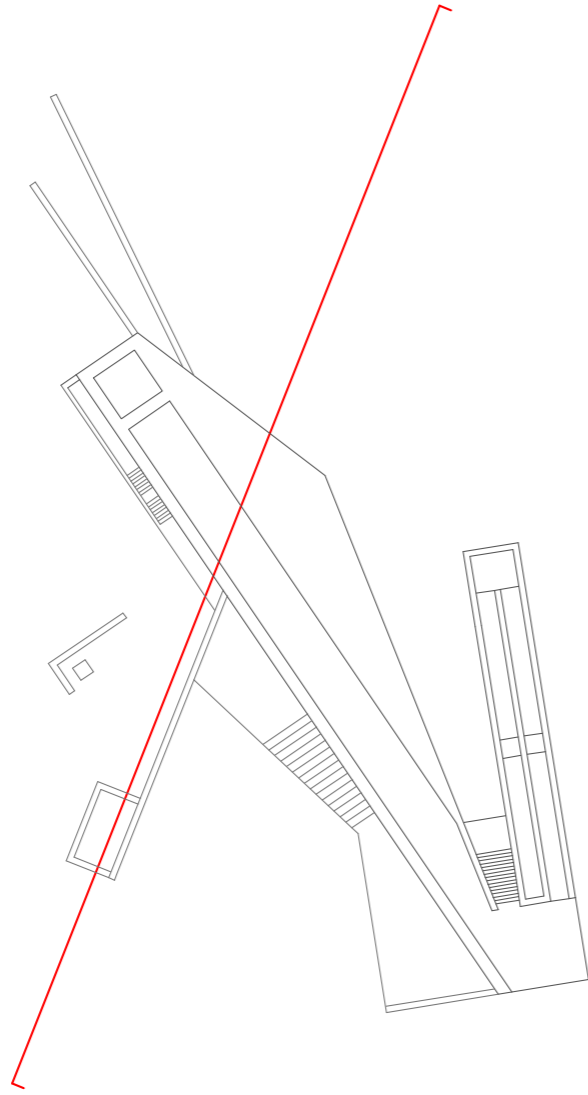




1.200

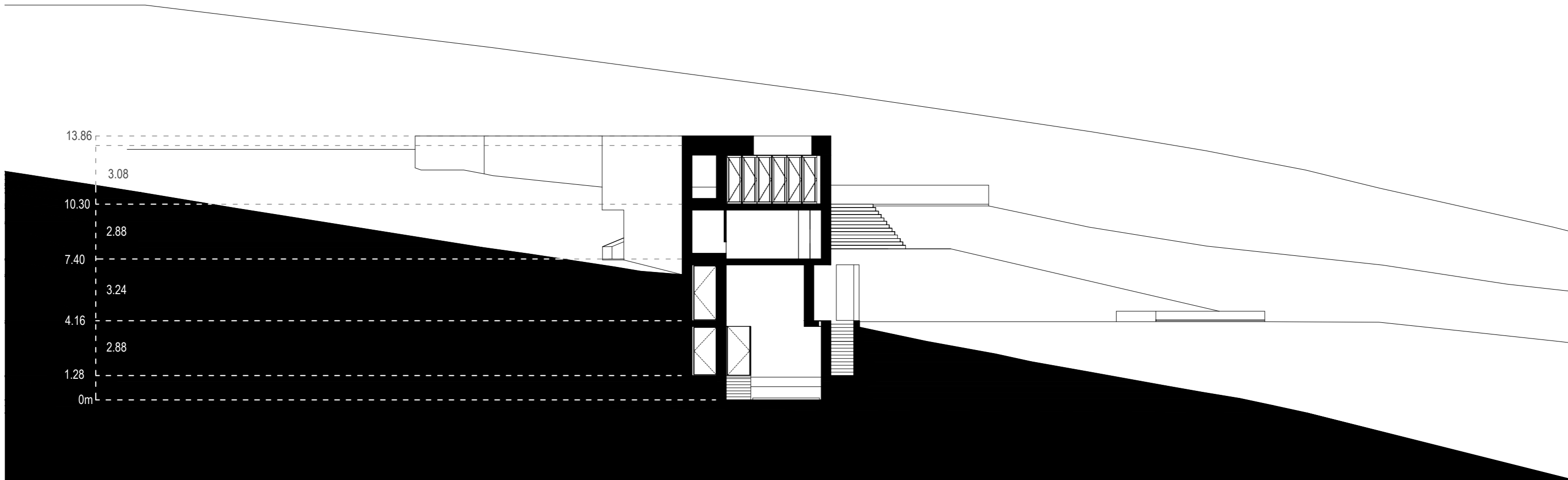
CORTE TRANSVERSAL





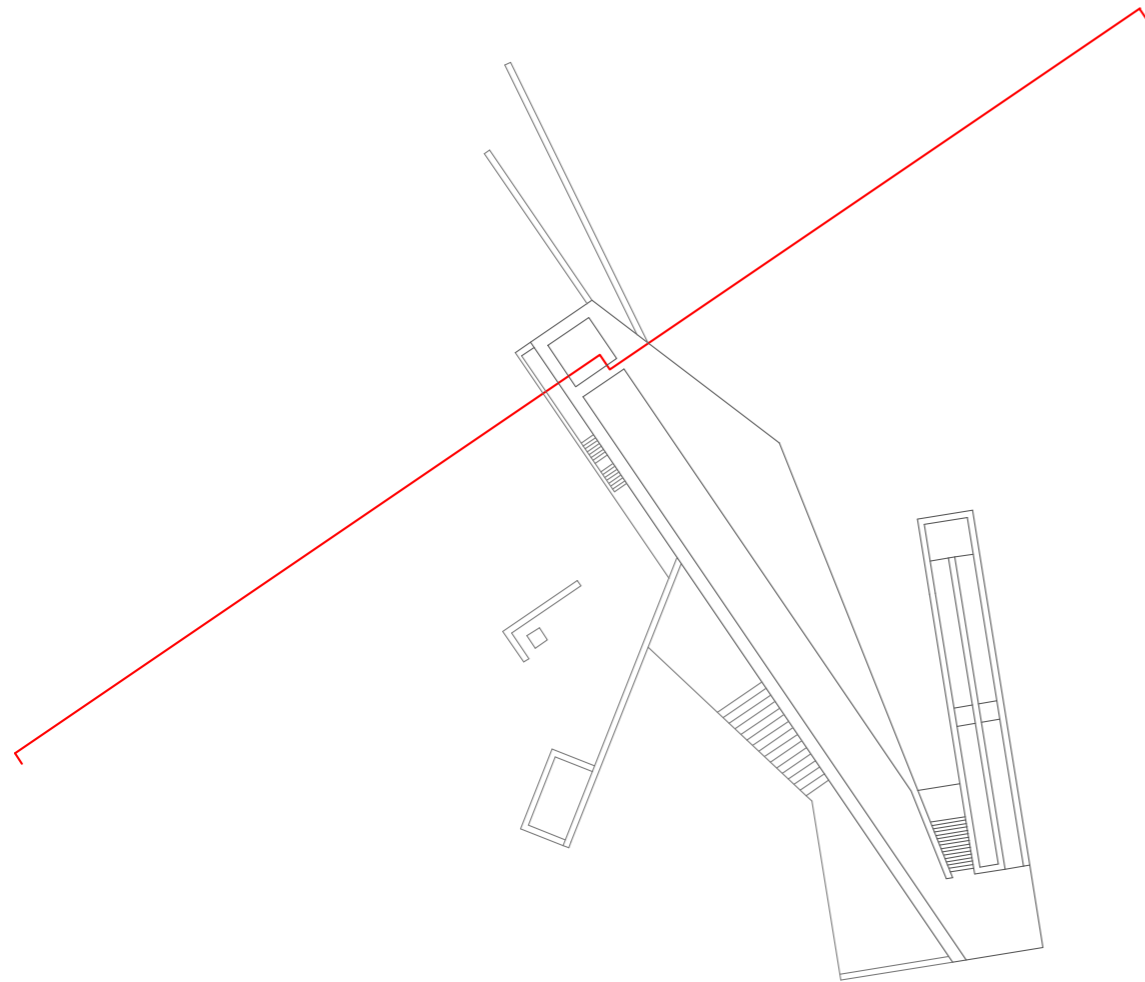
1.200

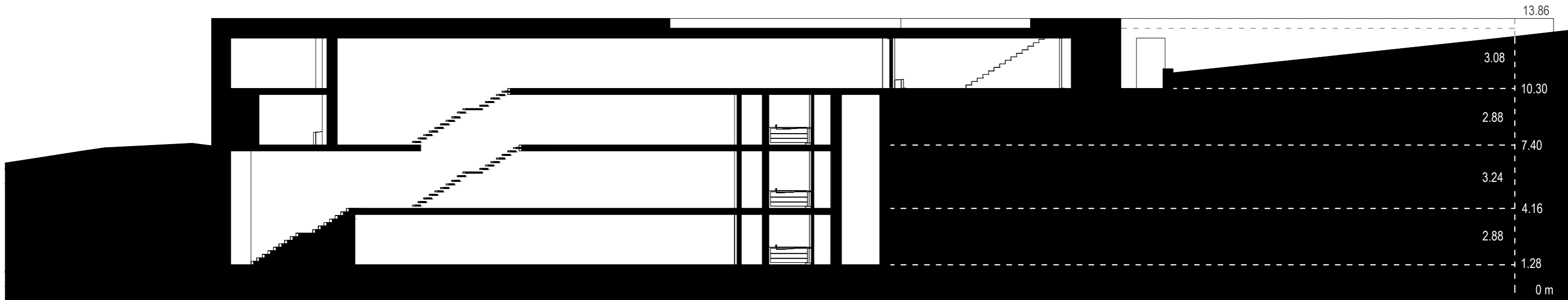
CORTE TRANSVERSAL

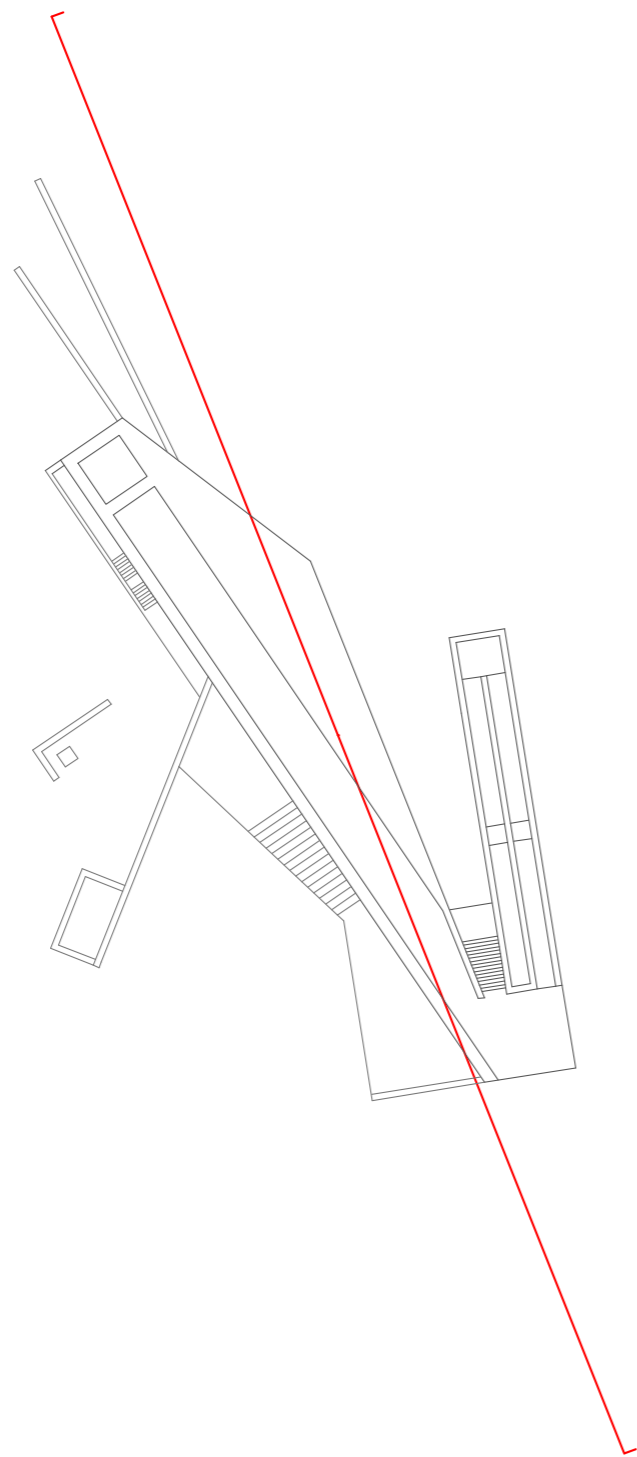


1.200

CORTE LONGITUDINAL

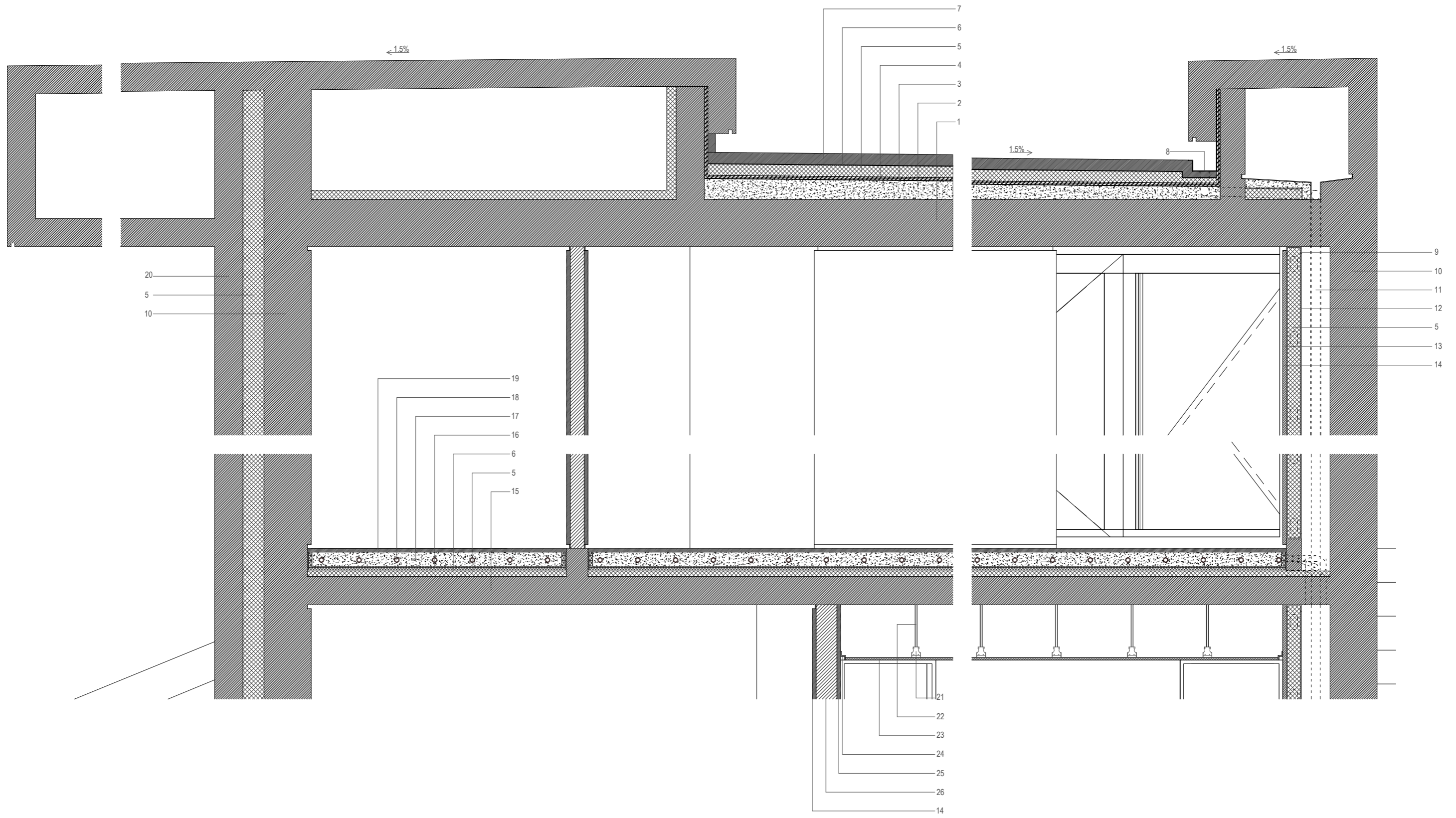






CORTE CONSTRUCTIVO

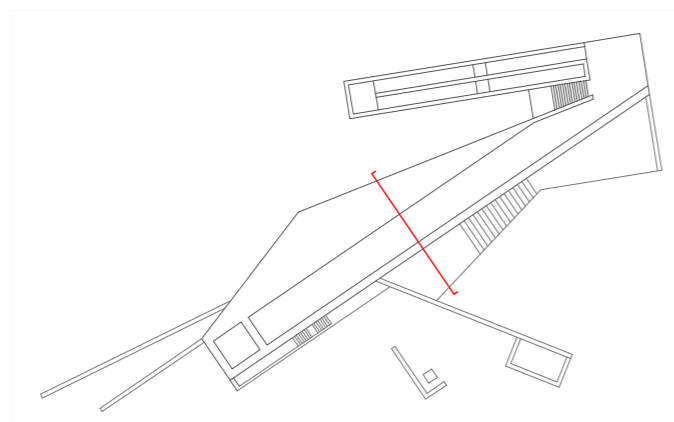
1.20 COBERTURA

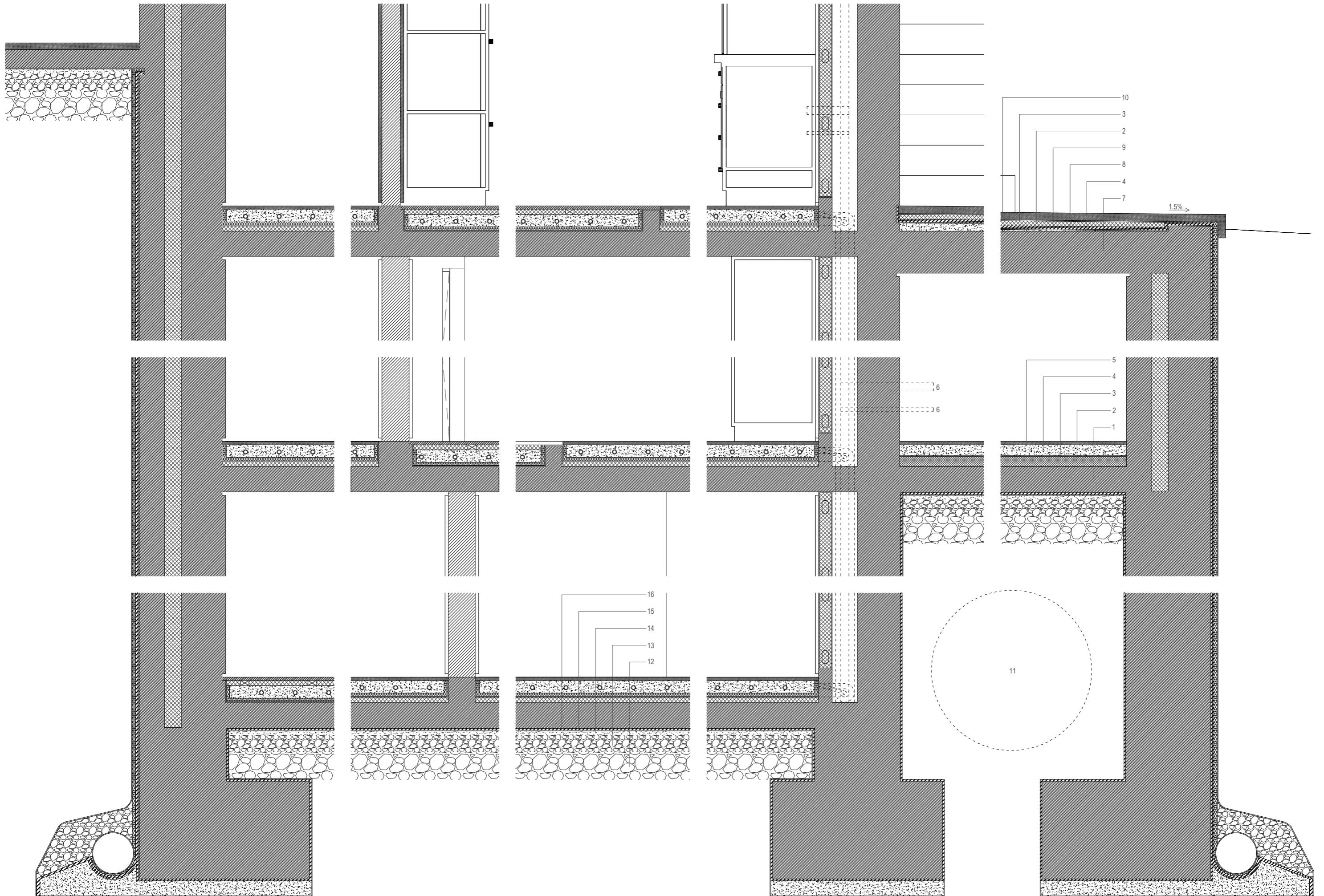


- 1- LAJE DE BETÃO ARMADO 250MM
- 2- BETONILHA ARMADA AUTONIVELANTE/CAMADA DE FORMA
- 3- EMULSÃO BETUMINOSA
- 4- DUAS MENBRANAS BETUMINOSAS
- 5- POLIESTIRENO EXTRUDIDO XPS (TIPO FLOORMATE/ROOFMATE/WALLMATE)
- 6- FILME DE POLIPROPILENO
- 7- BETÃO DE PAVIMENTO POLIDO (TIPO UNIDÉCOR DESATIVADO, UNIPISO SECIL)
- 8- CALEIRA DE ZINCO
- 9- RAIA/CANAL 90MM
- 10- PAREDE DE BETÃO ARMADO 250MM
- 11- CAIXA DE AR/ CORETE
- 12- MONTANTE 90M
- 13- PLACA DE GESSO CARTONADO HIDRÓFUGO 18MM
- 14- ACABAMENTO MICROCIMENTO
- 15- LAJE BETÃO 150MM
- 16- PAINEL ISOLANTE PARA SISTEMA DE PAVIMENTO RADIANTE
- 17- BETONILHA COM ADITIVO HIDRÓFUGO
- 18- TUBOS DO SISTEMA DE PAVIMENTO RADIANTE
- 19- BETÃO DE ACABAMENTO POLIDO (UNIDÉCOR SECIL)
- 20- PAREDE BETÃO ARMADO 150MM
- 21- PERFIL DE TECTO
- 22- BARÃO ROSCADO
- 23- PLACA DE GESSO CARTONADO HIDRÓFUGO 13MM
- 24- CANTONEIRA
- 25- REBOCO
- 26- PAREDE DE ALVENARIA DE TIJOLO

CORTE CONSTRUTIVO

1.20 FUNDAÇÕES

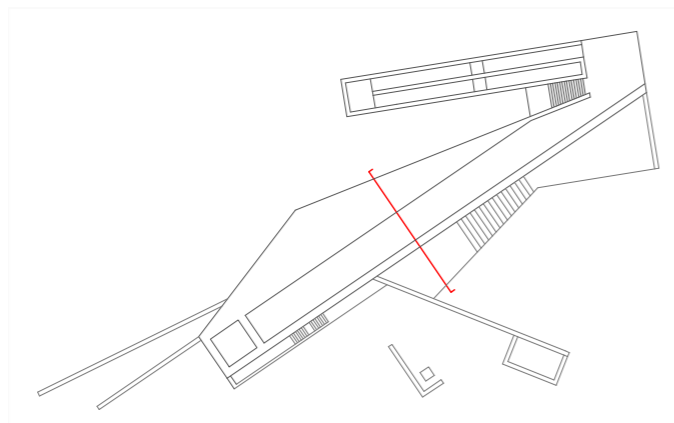


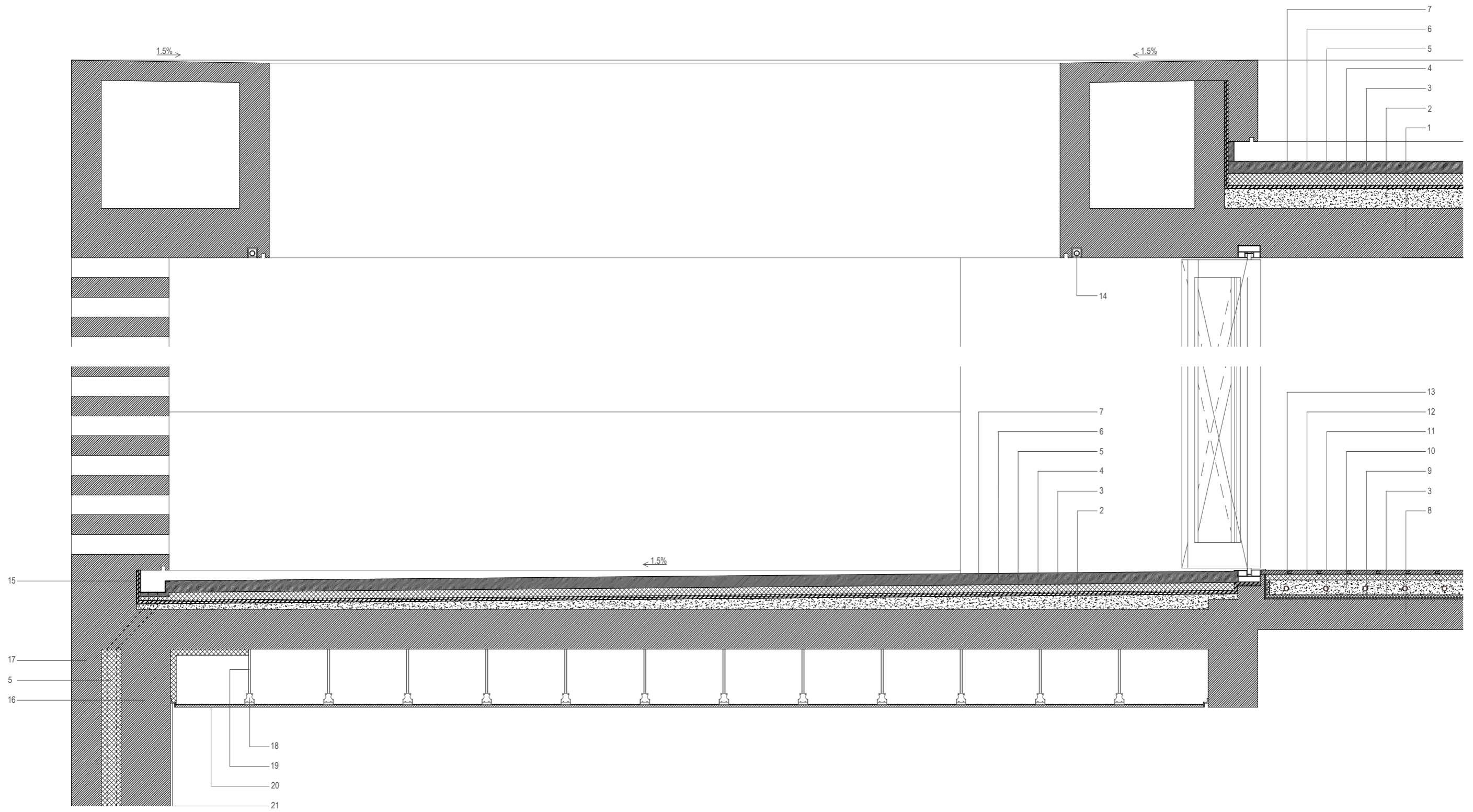


- 1- LAJE BETÃO ARMADO 150MM
- 2- POLIESTIRENO EXTRUDIDO XPS (TIPO FLOORMATE/ROOFMATE/WALLMATE)
- 3- FILME DE POLIPROPILENO
- 4- BETONILHA ARMADA AUTONIVELANTE/CAMADA DE FORMA
- 5- BETÃO DE ACABAMENTO POLIDO (UNIDÉCOR SECIL)
- 6- SISTEMAS DE AQUECIMENTO/VENTILAÇÃO/ESGOTOS E ÁGUAS PLUVIAIS
- 7- LAJE BETÃO ARMADO 250MM
- 8- EMULSÃO BETUMINOSA
- 9- DUAS MENBRANAS BETUMINOSAS
- 10- BETÃO DE PAVIMENTO POLIDO (TIPO UNIDÉCOR DESACTIVADO, UNIPISO SECIL)
- 11- SANEAMENTO/FOSSA SÉPTICA
- 12- ENROCAMENTO
- 13- BRITA
- 14- AREIA GROSSA
- 15- MANTA GEOTÊXTIL
- 16- GEOMEMBRANA IMPERMEABILIZANTE

CORTE CONSTRUTIVO

1.20 COBERTURA

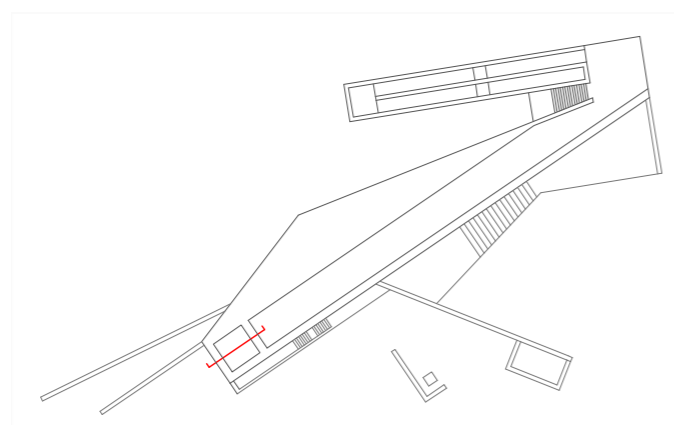


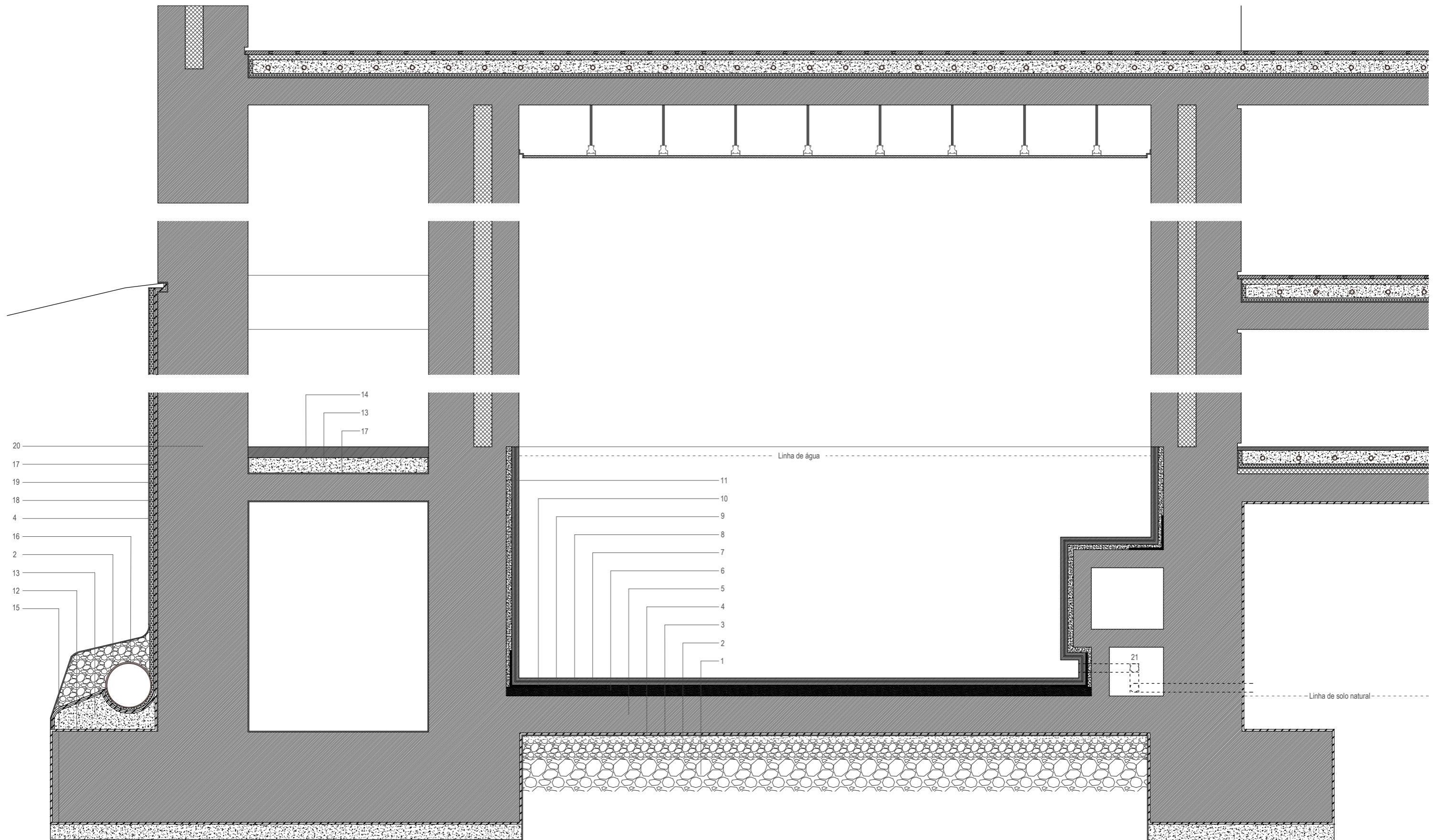


- 1- LAJE DE BETÃO ARMADO 250MM
- 2- BETONILHA ARMADA AUTONIVELANTE/CAMADA DE FORMA
- 3- EMULSÃO BETUMINOSA
- 4- DUAS MENBRANAS BETUMINOSAS
- 5- POLIESTIRENO EXTRUDIDO XPS (TIPO FLOORMATE/ROOFMATE/WALLMATE)
- 6- FILME DE POLIPROPILENO
- 7- BETÃO DE PAVIMENTO POLIDO (TIPO UNIDÉCOR DESATIVADO, UNIPISO SECIL)
- 8- LAJE BETÃO ARMADO 150MM
- 9- PAINEL ISOLANTE PARA SISTEMA DE PAVIMENTO RADIANTE
- 10- BETONILHA COM ADITIVO HIDRÓFUGO
- 11- TUBOS DO SISTEMA DE PAVIMENTO RADIANTE
- 12- LÁ DE ROCHA
- 13- SOALHO DE PINHO
- 14- ILUMINAÇÃO EXTERIOR EMBUTIDA
- 15- CALEIRA DE ZINCO
- 16- PAREDE DE BETÃO ARMADO 250MM
- 17- PAREDE DE BETÃO ARMADO 150MM
- 18- PERFIL DE TECTO
- 19- BARÃO ROSCADO
- 20- PLACA DE GESSO CARTONADO HIDRÓFUGO 13MM
- 21- CANTONEIRA

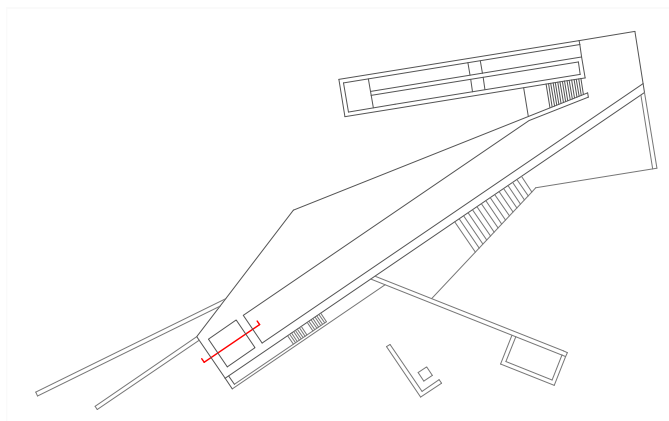
CORTE CONSTRUTIVO

1.20 FUNDAÇÕES





- 1- ENROCAMENTO
- 2- BRITA
- 3- AREIA GROSSA
- 4- MANTA GEOTÊXTIL
- 5- LAJE DE BETÃO ARMADO COM DUPLA ARMADURA
- 6- BETONILHA DE ALTA RESISTÊNCIA
- 7- DUPLA CAMADA DE ARGAMASSA DE MICROcimento
- 8- REDE DE FIBRA DE VIDRO
- 9- RESINA SELANTE/IMPERMEALIZANTE
- 10- FITA ELASTICA PARA JUNTAS
- 11- REBOCO DE ELEVADA ADERÊNCIA (TIPO MAXDUR SECIL)
- 12- GEOMEMBRANA IMPERMEABILIZANTE
- 13- BETONILHA AUTONIVELANTE/CAMADA DE FORMA
- 14- BETÃO DE PAVIMENTO POLIDO (TIPO UNIDÉCOR DESACTIVADO, UNIPISO SECIL)
- 15- BETÃO DE LIMPEZA
- 16- TUBO DERNANTE
- 17- EMULSÃO BETUMINOSA
- 18- TELA DRENANTE (TIPO ENKADRAIN)
- 19- DUAS MENBRANAS BETUMINOSAS
- 20- PARDE DE BETÃO ARMADO 500MM
- 21- SISTEMA MANUTENÇÃO DA PISCINA





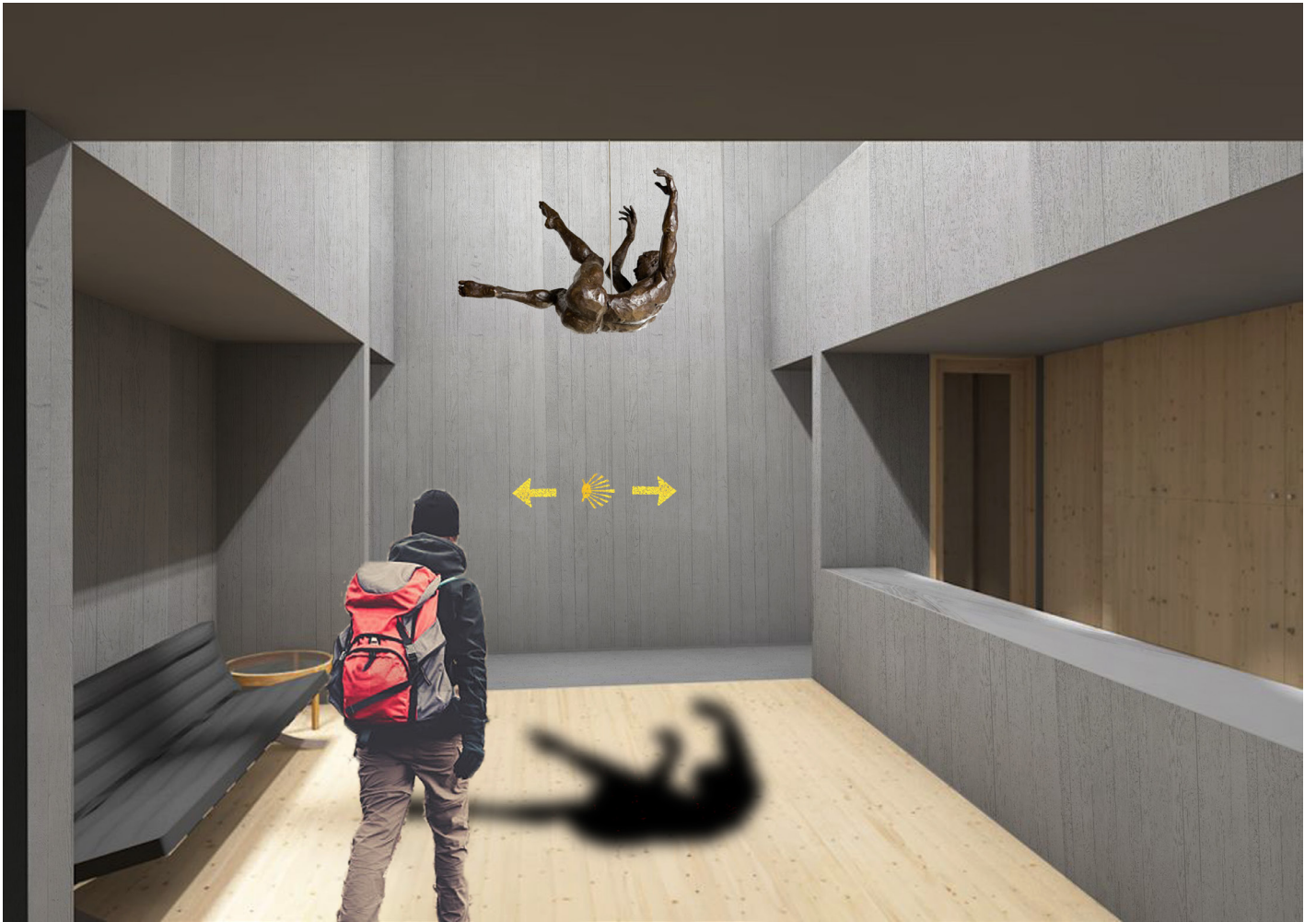
FOTOMONTAGENS/RENDERS

PROJECTO

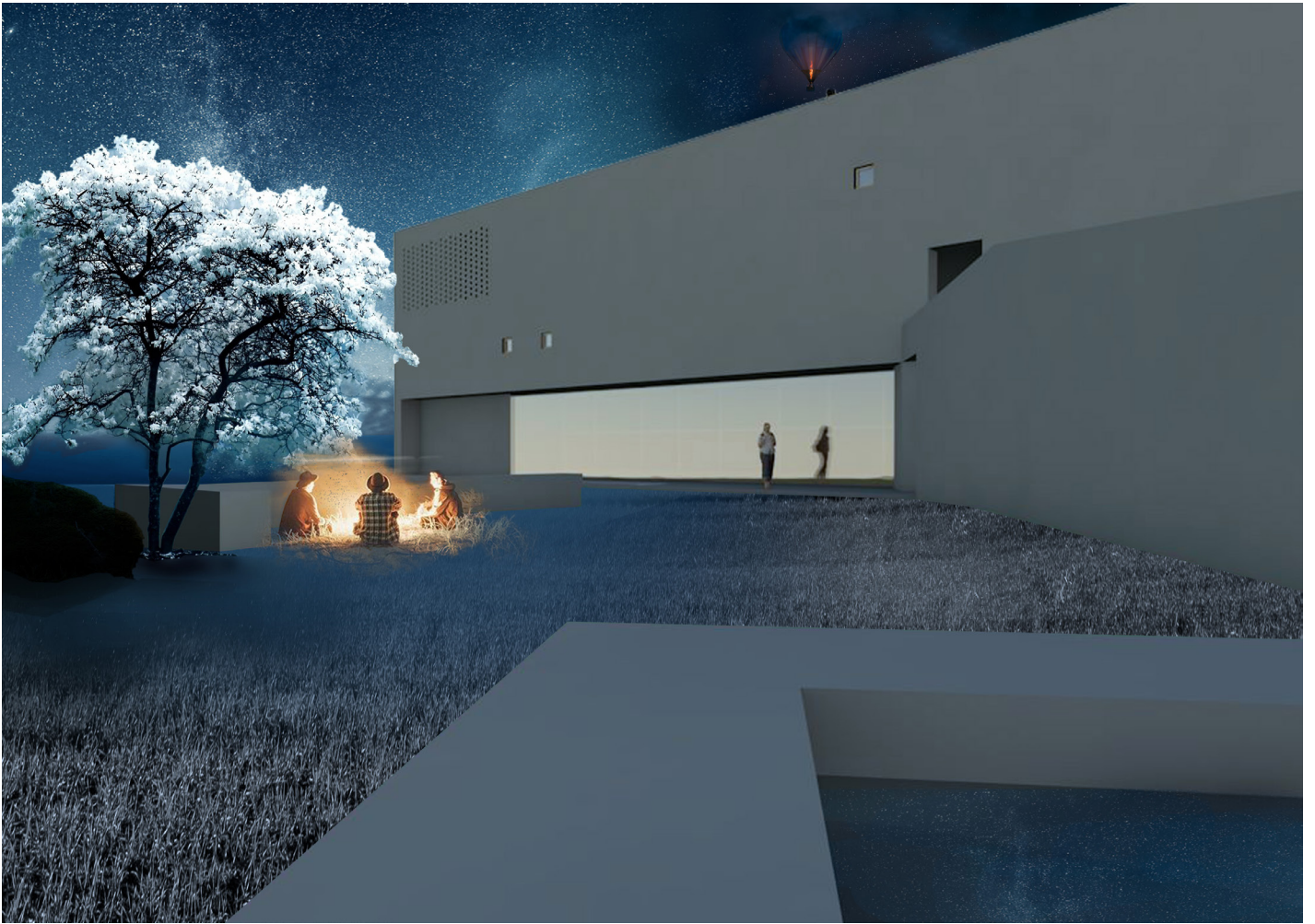








110|



111|





113| Diversos Caminhos, um único destino!: Arquivo Pessoal.

VII

CONCLUSÃO

“Sempre tive necessidade de passar a escrita as reflexões que decorrem por dentro do meu trabalho. É um processo para garantir a consciência das forças e dos movimentos escondidos que a cada momento da gestação da obra a alimentam como renovação da substância.” (Carneiro, 1991, p.178).

A idealização do espaço projectado foi um processo pessoal, enfatizado na última experiência vivencial de percorrer o Caminho a Santiago de Compostela que decerta forma deu origem a este tema de dissertação, com o intuito de compartilhar essa experiência e expressá-la através de um projecto.

Esta dissertação poderia ter múltiplos caminhos e desfechos, porém como refere Pallasmaa “Trabalhar com a filosofia – assim como trabalhar com a arquitetura em muitos aspectos determinados – é realmente trabalhar sobre si próprio. Sobre sua própria concepção. Sobre como vemos as coisas. E o que esperamos dela.” (Pallasmaa, 2018, p.83)

Tentou se concretizar acima de tudo uma ideia e intenção de espaço, atribuindo-lho significado e sentido, tornando-a real em forma de projecto, passando da mente para o papel, porém o seu expoente máximo só poderia obter-se após a sua materialização física de modo a ser experienciada no seu todo.

Existiu ao longo do processo criativo a dualidade entre intenção e justificação da mesma, colocar em causa, de modo a validá-la. Segui o relato de Baeza quando este disse que: “Tenta-se, mais uma vez, demonstrar que a teoria em Arquitetura deve andar de mãos dadas com a prática. Não se trata de elaborar projetos, construí-los e depois, como se de um ventríloquo se tratasse, emprestar-lhes uma voz. Pelo contrário, gostávamos de demonstrar algo que é substancial à própria criação artística, e ainda mais à arquitetónica. Que as obras construídas são o resultado de um processo de pensamento que vem de trás, que está encadeada na história passada e que constrói a história futura. De um processo que pode ser considerado como uma verdadeira investigação” (Baeza, 2013, p.39).

Concluiu-se nesta dissertação de mestrado que a Arquitectura, é um acto mental que na sua maioria reflete e converte-se num objecto real, palpável de uso e função. Um processo humano com a intenção de auto satisfazer o mesmo em vários níveis, físico e metafísico, permite-o transcender, superar-se e com isso evoluir e dar continuidade á História da

humanidade. A arquitectura tem a capacidade de alterar e moldar a mente humana, Steven Johnson afirma “our thoughts shape our spaces but our spaces return the favor.” (Silva, J. Architecting The Mind, 2017. (doc.). e possui um papel fulcral na nossa existência. A arquitectura é um meio de voltar ao passado, viver o presente e projectar o futuro, a arquitectura é realidade, unidade um símbolo da Humanidade.

Mies Van der Rohe refere, “Quando a tecnologia alcança o seu expoente máximo, esta transcende em arquitectura. É verdade que a arquitectura depende de factos verídicos, mas na realidade esta trabalha sobre o domínio dos significados. Espero que entendam que a arquitectura não tem nada a ver com a invenção das formas. Não é um recreio para crianças, novas ou velhas. Arquitectura é o verdadeiro campo de batalha do espírito. Arquitectura escreveu a história das épocas e concebeu-lhes os seus nomes. Arquitectura está dependente do seu tempo. É a cristalização da sua estrutura interna, e a revelação lenta da sua forma. Esta é a razão pela qual a tecnologia e a arquitectura estão intimamente relacionadas. A nossa esperança é que ambas tenham um desenvolvimento contínuo, e que num certo momento uma seja a extensão da outra. Só aí conseguimos obter uma arquitectura digna desse nome: uma arquitectura que é verdadeiro símbolo do seu tempo.” (Johnson, 1953, p.203-204).

“Todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana.” (Bachelard, 1998, p.203)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (2003) *Barragan. Obra Completa*. Lisboa: Dinalivro Distribuidora Nacional de livros,Lda.

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1986) *História da Arte em Portugal, vol. 3 (o Românico)*. Lisboa: Publicações Alfa

Beaudouin, L. e Machabert, D. (2009) *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Bachelard, Gaston (1998 3ª edição) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Becks-Malorny, Ulrike (2007) *Paul Cézanne*. Koln: TASCHEN.

Bockemuhl, Michael (2007) *J.M.W. Turner*. Koln: TASCHEN.

Campo Baeza, A. (2011) *Pensar com as mãos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Campo Baeza, A. (2013) *Principia Architectonica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Campo Baeza, A. (2013 5ª Edição) *A ideia construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Eiler Rasmussen, S. (2007) *Viver a Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Feist, Peter H. (2006) *Pierre-Auguste Renoir*. Koln: TASCHEN.

Fraga, Gustavo (1966) *De Husserl a Heidegger: elementos para uma problemática da fenomenologia / Gustavo de Fraga*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Fundação Calouste Gulbenkian (1991) *Alberto Carneiro: exposição antológica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

García Terrón, Angeles & Portugal, José & Comunidade de Trabalho Galicia-Norte de Portugal (1995) *Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago de Compostela: itinerários portugueses / coordenação Angeles García Terrón, José Portugal*. A Coruña: Xunta de Galicia.

Goethe, Johann Wolfgang (2000) *Máximas e Reflexões*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Johnson, Philip C. (1953) *Mies Van der Rohe*. New York: The museum of modern.

Pallasmaa, Juhani (2017) *Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Pallasmaa, Juhani (2018) *Essências*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Pallasmaa, Juhani (2011) *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.

Pallasmaa, Juhani (2013) *As mãos inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura*. Porto Alegre: Bookman.

Pessoa, Fernando (1994) *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.). Lisboa: Presença.

Pessoa, Fernando (2013) *Poemas Escolhidos de Alberto Caeiro*. Fernando Pessoa. Porto: Porto Editora.

Zumthor, Peter (2005) *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AA.VV.(1995 1ªEdição) *Exposição: Luis Barragám*. Lisboa: Fundação das Descobertas Centro Cultural de Belém.

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1987 1ªedição coleção Novos Guias de Portugal N°5) *Alto Minho / Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Lisboa: Editorial Presença.

Calvino, Italo (2011 14ªedição) *As cidades invisíveis / Italo Calvino; trad. de José Colaço Barreiros*. Alfragide: Teorema.

Costa, Alexandre Alves; Oliveira, Maria Manuel; Tavares, André; Portas, Nuno; Figueira, Jorge; Bandeira, Pedro; Dórey, Inês; Mendes, Manuel; Capela, José (2008) *Só nós e Santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez*. Porto: Dafne.

Gil, Carlos (1990) *Pelos caminhos de Santiago: itinerários portugueses para Compostela / Carlos Gil, João Rodrigues*. Lisboa: Dom Quixote.

Hall, Edward T. (1986) *A dimensão oculta / Edward T. Hall; tradução de Miguel Serras Pereira*. Lisboa: Relógio D'Água.

Holl, Steven (2006) *Questions of perception: phenomenology of architecture / Steven Holl, Juhani Pallasmaa, Alberto Pérez-Gómez*. San Francisco: Wiliam Stout Publishers.

Husserl, Edmund (2016) *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, Lda.

Mascarenhas, Jorge (2008) *Sistemas de Construção - IX Contributos para o Cumprimento do RCCTE, Detalhes Construtivos sem Pontes Térmicas, Materiais Básicos (6ª Parte): o Betão*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Mascarenhas, Jorge** (2009) *Sistemas de Construção - XI Betão Armado. Aglomerados Orgânicos. Cofragens*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pallamin, Vera Maia** (1966) *Forma e percepção: considerações a partir de Maurice Merleau-Ponty / Vera Maria Pallamin*. São Paulo: FAUUSP.
- Norberg-Schulz, Christian** (1980 1ª Edição) *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture / Christian Norberg-Schulz*. New York: Rizzoli International Publications, Inc.
- Reis, José** (2008) *Sobre o tempo: Aristóteles, Plotino, Stº Agostinho, Kant, Bergson, Husserl, Heidegger: conclusões / José Reis*. Porto: Afrontamento.
- Silva, Armando Coelho Ferreira da** (1986) *A Cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à Universidade do Porto. Paços de Ferreira: C.M.
- Tanizaki, Junichiro** (2016) *Elogio da sombra / Junichirō Tanizaki; trad. Margarida Gil Moreira*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Távora, Fernando** (2006 6ª Edição) *Da Organização do Espaço*. Porto: Publicações FAUP.
- Universidade de Santiago de Compostela** (1983) *Estudos de cultura castrexa e de história antiga de Galicia / Universidade de Santiago de Compostela; edición e limiar de G. Pereira Menant*. Santiago de Compostela: Servicio de publicaciones Universidad de Santiago.
- Zevi, Bruno** (1979) *Architectura in nuce: Uma definição de Arquitectura*. Lisboa: Edições 70.
- Zumthor, Peter** (2006) *Peter Zumthor: Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili.

REFERÊNCIAS WEB

Bíblia Online: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/1>

Câmara Municipal de Caminha: <https://www.cm-caminha.pt/>

Cantista, Maria José (1985) *Fenomenologia e percepção em Maurice Merleau-Ponty*. Revista Portuguesa de Filosofia. <http://www.jstor.org/stable/40335865>

Deboick, Sophia (2010) *The enigma of Saint James*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2010/jul/24/saint-james-santiago-compostela>

Diário da República: <https://dre.pt/>

Fracalossi, Igor (2012) *Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura / Steven Holl*. <https://www.archdaily.com.br/br/01-18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>

Loureiro, Felipe (2012) *The Transcendence of Architecture: Searching for Common-Ground in Architectural Experiences*. <https://www.researchgate.net/publication/235218489>

Rumi, Jalal al-Din Husain (2006) *2ª Edição, Poemas Místicos: Divan de Shams de Tabriz*. São Paulo: Attar Editorial <https://www.osolinterno.com/2012/10/poemas-misticos-jalal-al-din-husain-rumi.html>

Silva, José Antunes da (2004) *Caminhos de Santiago: uma Europa peregrina*. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12690/1/silva.pdf>

Sagan, Carl, (19-06-2016) Tumblr: phi-lo-so-pher, <http://phi-los-o-pher.tumblr.com/>

REFERÊNCIAS DOCUMENTÁRIOS

Lázaro Castañer, Hector (2017) *Documentário DOZE, T1 EP2: O CAMINHO DAS ESTRELAS*. Canal História.

Fosse, José (2017) *François Mitterrand: Le Bâisseur De Mystères*. Canal RTP2

Handy, Dagan (2012) *I AM: You have the power to change the world*. Canal Vimeo. <https://vimeo.com/167876002>

Silva, J. (2013) *Exploring Space: Cosmic Revolutionaries*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA <https://www.youtube.com/watch?v=pTc-cWT2YOC8>

Silva, J. (2013) *Singularity*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA <https://www.youtube.com/watch?v=gU7jiTSkxKA>

Silva, J. (2014) *To Be Human Is To Be Transhuman*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA <https://www.youtube.com/watch?v=FN57u-7-x75w>

Silva, J. (2014) *The Revered Gaze*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. https://www.youtube.com/watch?v=tRFt_bO8mIs

Silva, J. (2014) *World In A Sentence*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=6ZMTdYmfBl4>

Silva, J. (2014) *The Power of Possibility*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=bPX11eeLvek>

Silva, J. (2014) *The Ecstasy of Art*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=6iHwPfirUg>

Silva, J. (2014) *The Ecstasy of Curiosity*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=VOVmVMJEhg8>

Silva, J. (2015) *The Power Of Sunsets*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA <https://www.youtube.com/watch?v=sQ0zS0NPBIo>

Silva, J. (2015) *Captains Of Spaceship Earth*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. https://www.youtube.com/watch?v=lHB_G_zW-Tbc

Silva, J. (2016) *Attention*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=0UZuhcA9Byw>

Silva, J. (2017) *Architecting The Mind*. Canal Youtube: Shots of Awe with JASON SILVA. <https://www.youtube.com/watch?v=nH9IPpDrVTs>

CONFERÊNCIAS

Cleto, Joel (15-12-2017) Caminho Português de Santiago, Caminho Central Português. Local: Igreja de São Pedro de Rates

Fugimoto, Sou (6-11-2017) Futuro Primitivo: arquitetura entre o natural e o artificial. Local: Porto Rivoli

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- 1| Vila do Conde; Caminho Português da Costa: Arquivo Pessoal.
- 2| Entre Tui e Redondela; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.
- 3| Entre Redondela e Pontevedra; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.
- 4| Swing, por La cabeza en las nubes: Cultura Inquieta. Disponível em: <http://culturainquieta.com/es/arte/arte-digital/item/13107-la-cabeza-en-las-nubes-y-los-pies-en-la-tierra.html> (consultado em Setembro de 2018).
- 5| Entre Redondela e Pontevedra; Caminho Português Central: Arquivo Pessoal.
- 6| Interior da Catedral de Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal.
- 7| Título: Descripción del Reyno de Galizia / Autor: F. Fer. Ojea. Publicación: [Amberes] : Ioannes Baptista Vrints aemulus studii geographiae D. Abrahami Ortelii... excudit, [s.a.]. Disponível em: http://biblioteca.galiciana.gal/pt/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=1140655&presentacion=pagina&posicion=1&interno=S&embebido=S (consultado em Setembro de 2018).
- 8| The end of the journey Autor: Juan Figueirido. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/94848665@N07/8677736943> (consultado em Setembro de 2018).
- 9| Codex Calixtinus. Disponível em: <https://www.pilgrim.es/en/plan-your-way/the-way/codex-calixtinus/>. (consultado em Setembro de 2018).
- 10| Via Láctea. Disponível em: <http://sporadicelusiveperception.tumblr.com/image/151950488873> (consultado em Setembro de 2018).

- 11|** Santiago en la Batalla de Clavijo, José Casado del Alisal (1885)
Apparition of St. James Moorslayer in the battle of Clavijo on May 23, 844. Disponível em: <http://christianitas-blog.tumblr.com/post/23636581039/santiago-en-la-batalla-de-clavijo-jos%C3%A9-casado-del> (consultado em Setembro de 2018).
- 12|** Saint James the Greater (Santiago o Grande). Artista: Gil de Siloe (Spanish, active 1475–1505) Data: 1489–93 feita em Burgos, Castile-León, Espanha. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/471884> (consultado em Setembro de 2018).
- 13|** Farol do cabo Finisterra. Cedida por: Turismo de Galicia. Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/b5/7f/43/b57f4342b17597085f9096a476919e47.jpg> (consultado em Setembro de 2018).
- 14|** Castro de Santa Trega; Monte de Santa Tecla. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-3sZuqAvWLdc/UyXUJpIgzHI/AAAAAAAAABj0/Aaoq3LiwP1Q/s1600/tecla+1.jpg> (consultado em Setembro de 2018).
- 15|** Passing Moment. Artista: Mikko Lagerstedt. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/515aaa6be4b063d29d1c71ea/5178fc48e4b072eb97f06ee5/58eb3bb5e4fcb565f10b3dd4/1491811352689/Mikko-Lagerstedt-Depth.jpg?format=1000w> (consultado em Setembro de 2018).
- 16|** Kolumba Art Museum, Peter Zumthor. Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/ab/b6/ad/abb6ad484db1d877659b23b8b2e4fff4.jpg> (consultado em Setembro de 2018).
- 17|** Fotomontagem realizada pelo autor com base no mapa presente na Credencial Del Peregrino e por uma fotografia de Mies disponível em: https://images.adsttc.com/media/images/5515/686f/e58e/ced7/7800/013b/large_jpg/534e6afec07a80b7ca00008b_mies-the-modernist-man-of-letters_009_m_v_d_rohe_1957.jpg?1427466329.

- 18** | Monte de Santo Antão; Mata Nacional d Camarido; Santa Tecla: Arquivo Pessoal
- 19** | Mapa dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela, mapa realizado pelo autor com base no mapa presente na Credencial Del Peregrino.
- 20** | Mapa de Localização; Caminho da Costa; Variante Proposta e Implantação do Projecto: mapa realizado pelo autor através de uma imagem do Google Earth Pro.
- 21** | Combarro: Arquivo Pessoal
- 22** | Mosteiro Armenteira: Arquivo Pessoal
- 23** | Vilanova de Arousa: Arquivo Pessoal
- 24** | Mapa da Variante Espiritual do Caminho Português, mapa realizado pelo autor com base no mapa presente no site: <https://www.varianteespiritual.com/pt/> (consultado em Setembro de 2018).
- 25** | Vista Norte do lugar de Implantação do Projecto: Arquivo Pessoal
- 26** | Inverno: Arquivo Pessoal
- 27** | Camarata em Roncesvalles, Caminho Francês de Santiago. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/sheehanphotography/5012525385/in/set-72157624602183800/> (consultado em Setembro de 2018).
- 28** | Um simples dia de chuva pode provocar uma grande carga emotiva a quem o experienciar com “consciência sensibilizada”. Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/3c/dc/2e/3cdc2e3e7489410823b18e7b92b43d70--rainy-mood-rainy-days.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

- 29** | Atenas, Acrópole: Arquivo Pessoal
- 30** | Alexander Forik - Himalaias, expedição no Nepal zona de Manaslu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/9xjAzSifdL/?taken=-by-forikstudio> (consultado em Setembro de 2018).
- 31** | Adalberto Libera - Villa Malaparte 1938. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/7a/70/1c/7a701cc3b08841a20423cec1c697ebee.jpg> (consultado em Setembro de 2018).
- 32** | Louis I. Kahn - Instituto Sak 1959-1965. Disponível em: https://78.media.tumblr.com/b3c6e19f35bac9b4fe9bfd219a78e19f/tumblr_nom-nuhKhfD1qkgx06o1_1280.jpg (consultado em Setembro de 2018).
- 33** | Turner - Shade and Darkness – the Evening of the Deluge 1843: digitalização livro - Bockemuhl, Michael (2007) *J.M.W. Turner*. Koln: TASCHEN
- 34** | Light and Colour – the Morning after the Deluge – Moses writing the Book of Genesis 1843: digitalização livro - Bockemuhl, Michael (2007) *J.M.W. Turner*. Koln: TASCHEN
- 35** | Miradouro do Monte De Santo Antão, Venade: Arquivo Pessoal
- 36** | Luis Barragán - Casa estúdio Luis Barragán 1947. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-RFqXq4kCJ4w/WGx2rqToqnI/AAAAAAAAAB0Y/smui8DRG6fcI2G6diiXyMsyz6lN9cdo9gCK4B/s1600/293.jpg> (consultado em Setembro de 2018).
- 37** | Álvaro Siza Vieira - Capela do Monte 2018. Disponível em: https://static.dezeen.com/uploads/2018/07/alvaro-siza-viera-capela-do-monte-chapel-algarve_dezeen_2364_col_21.jpg (consultado em Setembro de 2018).
- 38** | Capela São Pedro Varais: Arquivo Pessoal

- 39** | Capela de Santo Antão: Arquivo Pessoal
- 40** | Mapa de localização das imagens: mapa realizado pelo autor através de uma imagem do Google Earth Pro.
- 41** | Caminho de acesso à última eólica e ponto de ramificação para aceder ao projecto: Arquivo Pessoal
- 42** | Início de um dos percursos que liga a Capela de S. Pedro de Varais ao Projecto: Arquivo Pessoal
- 43** | Vista Panorâmica a Sul da Capela Santo Antão: Arquivo Pessoal
- 44** | Vista Panorâmica sobre a Serra Arga: Arquivo Pessoal
- 45** | Vista Panorâmica bifurcação, esquerda acesso à Capela S. Pedro Varais; direito acesso as eólicas: Arquivo Pessoal
- 46** | Vista Panorâmica, Cruzamento de trilhos de Trekking; Trail e Offroading desportos motorizados todo terreno: Arquivo Pessoal
- 47** | Vista Panorâmica, trilho de Trekking, Trail e Offroading desportos motorizados todo terreno: Arquivo Pessoal
- 48** | Vista Panorâmica a partir do vértice geodésico: Arquivo Pessoal
- 49** | “The Worlds Biggest Gate” Architectural Illusion by Steffen Remter. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/worlds-biggest-gate-steffen-remter> (consultado em Setembro de 2018).
- 50** | Esculturas realizadas por William Ricketts (1898-1993); “Located high in the Dandenong Ranges east of Melbourne lies a very special garden: the William Ricketts Sanctuary. Created by sculptor William Ricketts (1898-1993), the garden is set within virgin forest and features a vast col-

lection of Ricketts' clay sculptures.”. Disponível em: <https://blog.adonli-ne.id.au/william-ricketts-sanctuary/> (consultado em Setembro de 2018).

51 | Estudo morfológico: realizado pelo autor através de uma imagem do Google Earth Pro.

52 | Carlo Scarpa - Brion Vega Cemetery 1970-1972. Disponível em: <http://laurentmillet.tumblr.com/post/112430577381/brion-vega-cemetery-carlo-scarpa-january-2015> (consultado em Setembro de 2018).

53 | Frederik Vercruysse - Aus der Serie Tempo Polveroso in der toskanischen Villa Lena. Disponível em: <https://www.ad-magazin.de/article/equipment-check-frederik-vercruysse> (consultado em Setembro de 2018).

54 | Eduardo Chillida, Tindaya Mountain, Fuerteventura, Spain 1985. Disponível em: https://78.media.tumblr.com/b1077b2b8e01e0d7fb-8f5308b2d4e2c0/tumblr_paw1fjPPTR1ub9qbso1_500.jpg (consultado em Setembro de 2018).

55 | Álvaro Siza Vieira - Complexo de Piscinas de Leça, Porto 1966. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/73/8f/bb/738fbb3b985a1530ee-bff399e43a733b.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

56 | Robert Kolbrener - Sharon Cliff Wall, CO, 1998. Disponível em: <https://www.theartscompany.com/robert-kolbrener/> (consultado em Setembro de 2018).

57 | Tadao Ando - Casa Koshino 1979-81. Disponível em: <http://www.cosasdearquitectos.com/wp-content/uploads/casa-koshino-tadao-ando-interior-00.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

58 | Panteão, Roma: Arquivo Pessoal

59 | Tammam Azzam - “From Sham with Love”; “For the inaugural piece of “From Sham with Love” I talked to Tammam Azzam, a brilliant young

Syrian artist, 35, whose work became viral in the internet in 2013. Azzam created this digital collage of Gustav Klimt's "The Kiss" over a photo of a building in ruins in Aleppo we decided to use as a back image here in our blog and in Facebook." Disponível em: <https://fromshamwithlove.wordpress.com/2015/02/18/art-is-a-step-to-future/> (consultado em Setembro de 2018).

60 | Machu Picchu, Cusco, Peru. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/ac/1b/a9/ac1ba9f4a78a83b3bc91704caaaf317f.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

61 | Leonardo da Vinci - Homem Vitruviano 1490. Disponível em: http://michel.lalos.free.fr/cadrans_solaires/doc_cadrans/images/homme_de_vitruve.jpg (consultado em Setembro de 2018).

62 | Le Corbusier - Unité d'habitation, Berlin 1956-58. Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/91/90/55/919055c4c2d0c047ceec77d83190a342--berlin-architecture-architecture-design.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

63 | Joel Krebs - "o futuro da terra". Disponível em: <https://www.joelkrebs.com/photoshop?lightbox=dataItem-ij3bg101> (consultado em Setembro de 2018).

64 | Desenhos de desenvolvimento, projecto: Arquivo Pessoal

65 | Jeryl Tan - Montanha Agung, Bali, Indonesia. Disponível em: <http://awed-frog.tumblr.com/image/175570048082> (consultado em Setembro de 2018).

66 | Luis Barragán - Praça e Fonte del Bebedero, México 1959. Disponível em: <https://thinkingthecity.files.wordpress.com/2016/02/bebedero-las-arboledas.jpg?w=899> (consultado em Setembro de 2018).

67 | Nikolai Lutihin- Sci-fi illustrations from 70's. Disponível em: <http://>

typograffit.com/blog/2015/04/sci-fi-illustrations-from-the-1970s-by-nikolai-lutohin/ (consultado em Setembro de 2018).

68 | Gustave Doré - The Confusion of Tongues 1832 – 1883. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/3a/3e/4d/3a3e4d0217a9ae045cb-121c0381015b5.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

69 | Mariano Peccinetti - Harmony with flowers, 2013. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/-jYSkWSWaI/?taken-by=marianopeccinetti> (consultado em Setembro de 2018).

70 | Al Khazneh “O tesouro”, Petra, Jordânia. Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/62/08/bc/6208bcf7b07c2cce5fdd3f248f7b2104.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

71 | Eric Giovon- Church Filmshoot. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bf7FOxig1-K/> (consultado em Setembro de 2018).

72 | Mustafa Hacalaki - Bordeaux, France. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BIFIUN-lFSO/?taken-by=mhacalaki> (consultado em Setembro de 2018).

73 | | Render/ Foto Montagem do Projecto realizado pelo autor

74 | Camarata, Albergue Casa do Sardão, Carreço, Viana do Castelo: Arquivo Pessoal

75 | Albergue Clube Celtas do Minho, Gondarém, Vila Nova de Cerveira: Arquivo Pessoal

76 | Camarata, Albergue Clube Celtas do Minho, Gondarém, Vila Nova de Cerveira: Arquivo Pessoal

77 | Camarata, Albergue S. Miguel Marinhas, Esposende: Arquivo Pessoal

- 78 | Camarata, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal
- 79 | Camarata, Albergue Santiago Apostol, Redondela: Arquivo Pessoal
- 80 | WC's mistos, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal
- 81 | Lavandaria, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal
- 82 | Minimercado interno, Albergue Seminario Menor, Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal
- 83 | Oficina, Albergue Casa do Sardão, Carreço, Viana do Castelo: Arquivo Pessoal
- 84 | Apoio de Cozinha, Albergue Santiago Apostol, Redondela: Arquivo Pessoal
- 85 | Zona de Refeições, Albergue TuiHostel, Tui: Arquivo Pessoal
- 86 | Sala de Estar, Albergue S. Miguel Marinhas, Esposende: Arquivo Pessoal
- 87 | Imagem da implantação do projecto: mapa realizado pelo autor através de uma imagem do Google Earth Pro
- 88 | Esboços: Arquivo Pessoal
- 89 | Esboços: Arquivo Pessoal
- 90 | Peter Zumthor - Graubünden, Suíça 1996. Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/6b/8e/33/6b8e33b44d8b1a9e8b60900d9f8920cf--therme-vals-thermal-baths.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

91 | Sérgio Fernandez - Casa de Caminha 1971-73. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-ng8y64EGgDw/UQGc8S9eHFI/AAAAAAAAAsI/mjW2zjATu9c/s640/Foto+6.jpg> ; Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/7a/f3/8b/7af38b29c4e3cc4ca5c8cd9390b5d386.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

92 | Álvaro Siza Vieira - Faup, Porto 1985-96. Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/2a/f2/c0/2af2c03ccfced5f8d354ecd27699cac2.jpg> (consultado em Setembro de 2018).

93 | - **100** | Esquiços/Maquetes de estudo: Arquivo Pessoal

101 | Alberto Campo Baeza - Residência do Infinito, Cádiz, Espanha 2014. Disponível em: https://www.campobaeza.com/wp-content/uploads/2014/07/ACB_Casa-del-Infinito_IMAGEN-13.jpg

102 | Albergue no centro de Santiago de Compostela: Arquivo Pessoal

103 | Restaurante TINTANEGRA, Combarro, Espanha: Arquivo Pessoal

104 | Sea Architecture - Ora Hostel, Thailand 2017. Foto sofreu alterações por parte do autor, corte e alteração para preto e branco. Disponível em: <https://www.archdaily.com/871480/ora-hostel-sea-architecture/591bae06e58ece3e3e0006f9-ora-hostel-sea-architecture-photo>

105 | Guillaume Roche - Collecting light; Inside the Karnak temple in Luxor, Egypt. Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/558798266241923822/?lp=true>

106 | - **112** | Render/ Foto Montagem do Projecto realizado pelo autor

113 | Diversos Caminhos, um único destino; Pontevedra: Arquivo Pessoal

114 | Render/ Foto Montagem do Projecto realizado pelo autor